

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**VOZ E VERSO: A ESCRITA DE JACINTA PASSOS NA DÉCADA DE 1940 NO
BRASIL**

Alice de Andrade Pampani

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2024

ALICE DE ANDRADE PAMPANI

**VOZ E VERSO: A ESCRITA DE JACINTA PASSOS NA DÉCADA DE 1940 NO
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em História, área de concentração Cultura, Memória e Identidade. Linha de Pesquisa: Poder e Relações Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Costa Cardoso

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE**

P185v

Pampani, Alice de Andrade

Voz e verso : a escrita de Jacinta Passos na década de 1940 no Brasil / Alice de Andrade Pampani ; orientadora Célia Costa Cardoso. – São Cristóvão, SE, 2024.
133 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. História. 2.. 3. Mulheres na literatura. 4. Mulheres - escrita. 5. Poesia. 6. Imprensa político partidária. I. Passos, Jacinta - 1914-1973 II. Cardoso, Célia Costa, orient. III. Partido Comunista Brasileiro IV. Título.

CDU 94(81).082/.084

VOZ E VERSO: A ESCRITA DE JACINTA PASSOS NA DÉCADA DE 1940 NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como exigência para a obtenção do título de Mestre em História.

Prof. Dra. Célia Costa Cardoso (UFS)
(Orientadora)

Prof. Dr. Fábio Maza (UFS)
(Examinador)

Prof. Dr. Muniz Ferreira (UFRRJ)
(Examinador)

DATA DA APROVAÇÃO

São Cristóvão, 1 de agosto de 2024

Alice de Andrade Pampani

Às mãos femininas que moldaram quem eu sou, cujas lutas pavimentaram o meu caminho até aqui. Em um mundo que constantemente tenta silenciar nossas vozes e usurpar nossos direitos, é a memória e o legado dessas mulheres que me fortalece.

Que este texto honre a história de cada uma delas.

AGRADECIMENTOS

Finalmente cheguei ao fim do meu mestrado. Nesse momento, sinto uma mistura de realização, confiança e gratidão por todas as fases e aprendizados que vivi. Sei que esse trabalho leva meu nome, mas sei também que, dentro dele, existe um pedaço de cada pessoa que passou pela minha vida durante esses pouco mais de vinte e quatro meses.

Em uma canção, Raul Seixas diz “sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”. Esse trecho demonstra a minha relação com minha mãe, que sempre sonhou comigo e acreditou em mim, até mais que eu mesma. Obrigada mãe, por ter me criado para ser uma mulher forte e de coragem pra ir atrás dos seus sonhos. Juntamente à ela, eu agradeço a minha família, que sempre me apoiou em todos os momentos dessa jornada, torcendo por mim, entendendo minhas faltas e sendo o meu afago mesmo nos meses em que eu estive em outro estado.

Falando em outro estado, eu encontrei em Sergipe pessoas que marcaram a minha vida, se tornaram sinônimo de casa e que estavam junto comigo nessa loucura que é escrever uma dissertação. Alexandre, Aylla e Vanessa, vocês são incríveis, além de historiadores que me inspiram, vocês me acolheram e me deram força para continuar. Nesse processo de escrita, que é tão solitário, ao lado de vocês tudo se tornou mais leve. Além deles, é impossível não falar dos meus amigos físicos, que foram minha família fora da Bahia, vocês me acolheram, me deixaram fazer parte de um mundo totalmente novo e tornaram minha vida mais leve. Emily, Mineiro e pessoal do DFI, eu nunca mais vou olhar pro céu sem lembrar de vocês.

Eu não poderia deixar de agradecer a todos os meus amigos e amigas, sejam em Cruz das Almas, Salvador ou Santo Antônio de Jesus. Eu sentia a torcida e o amor de vocês mesmo de longe, seja perguntando como eu estou, me acolhendo quando necessário ou me ajudando na pesquisa. Vocês fazem parte dessa vitória comigo. Obrigada por sempre.

Já chegando perto do fim desses agradecimentos, eu quero e preciso agradecer à minha orientadora Célia Costa Cardoso, que foi maravilhosa comigo. Sempre solicita e preocupada, me incentivou e me inspirou a ser uma profissional qualificada, assim como ela. Célia, obrigada por todos os ensinamentos, por ter segurado a minha mão, sempre serei grata por ter você como mentora.

Sou grata a Fábio Maza e Muniz Ferreira, excelentes professores e pesquisadores, pelas ricas contribuições na Banca de Qualificação, contribuindo para que meu trabalho obtivesse êxito.

Meus sinceros agradecimentos a Márcia Barreiros, minha orientadora do TCC, por ter me ajudado a reconhecer o potencial da história de Jacinta Passos. À Lita Passos que me deu o norte necessário desde que eu comecei a pesquisar sobre Jacinta. Aos funcionários da Biblioteca Central da Bahia, pela simpatia e solicitude durante os dias de pesquisas de campo.

Por fim, mas não menos importante, agradecer a Deus por ter colocado todas essas pessoas em minha vida, Ele me deu força, coragem e discernimento. E assim finalizo mais essa etapa da minha vida, sabendo que dei o melhor que eu podia de mim, e tendo a certeza de que sonhos não se realizam sozinhos.

A poesia está em mim mesma e para além de mim mesma.
Quando eu não for mais um indivíduo,
eu serei poesia.
Quando nada mais existir entre mim e todos os seres,
os seres mais humildes do universo,
eu serei poesia.
Meu nome não importa.
Eu não serei eu, eu serei nós,
serei poesia permanente,
poesia sem fronteiras.

(Jacinta Passos)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto a trajetória de vida e a escrita de Jacinta Passos na década de 1940. Poeta e militante do Partido Comunista do Brasil (PCB), Jacinta (1914-1973) usou a sua escrita como arma política contra os regimes autoritários que predominaram durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo o fascismo na Europa e o integralismo no Brasil. Esta investigação se concentrou nas contribuições de Passos na imprensa baiana, principalmente suas publicações na revista Seiva e no jornal O Imparcial, no qual ela dirigiu a “Página Feminina”, uma coluna semanal deste último periódico. A metodologia empregada envolve a construção de conceitos como de poder, memória e escrita feminina, juntamente com a análise crítica do discurso, a fim de examinar como os discursos de Jacinta refletem, reproduzem ou contestam ideias e valores políticos da década de 1940. Identificar os espaços de atuação e representação da poetisa enquanto mulher, feminista e comunista, oferece um panorama da sua habilidade de se movimentar em espaços reconhecidos socialmente como masculinos. As colaborações de Jacinta na imprensa, os seus trabalhos poéticos, como o livro Canção da partida, publicado em 1945, além do seu próprio discurso de cunho político-partidário, são as fontes que forneceram a esta pesquisa uma visão de sua trajetória de vida e o modo como se imprimia, em parte, a escrita feminina do período estudado.

Palavras-chave: Jacinta Passos; PCB; Imprensa; Escrita feminina; Poesia.

ABSTRACT

The present research has as its object the Jacinta Passos life trajectory and writing in the 1940s. Poet and activist of the Brazilian Communist Party (PCB), Jacinta (1914-1973) used her writing as a political weapon against authoritarian regimes that predominated during the Second World War, including fascism in Europe and integralism in Brazil. This investigation focused on Passos' contributions to the Bahian press, mainly her publications in the magazine *Seiva* and the newspaper *O Imparcial*, in which she directed “Página Feminina”, a weekly column in the latter periodical. The methodology that she used involves the construction of concepts such as power, memory and female writing, together with critical discourse analysis, in order to examine how Jacinta's speeches reflect, reproduce or contest ideas and political values of the 1940s. spaces of performance and representation of the poet as a woman, feminist and communist, offers an overview of her ability to move in spaces socially recognized as masculine. Jacinta's collaborations in the press, her poetic works, such as the book “Canção da partida” (Song of Departure) published in 1945, in addition to her own political-partisan speech, are the sources that provided to this research a vision of her life trajectory and the way how the female writing was printed, in part, during the studied period.

Keywords: Jacinta Passos; PCB; Press; Women's writing; Poetry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 TRAJETÓRIA DE VIDA: FAMÍLIA, ARTE E POLÍTICA.....	21
2.1 Tradições e os primeiros passos de vida.....	21
2.2 O despertar da vida política e literária.....	32
2.3 Consolidação dos passos poéticos e militantes.....	42
3 PASSOS DE UMA ATUAÇÃO FEMININA NA IMPRENSA POLÍTICA BAIANA...51	
3.1 Imprensa comunista na Bahia: os nomes ares da revista Seiva.....	51
3.2 O Imparcial e a escrita feminina: guerra, feminismo e poesia.....	60
3.3 “Passa, passa, passará, derradeiro ficará”: a publicação de Canção da Partida.....	70
4 MULHER, COMUNISMO E POLÍTICA: REPRESENTAÇÕES FEMINISTAS E LUTAS SOCIAIS.....	81
4.1 Vivência partidária feminina no PCB.....	81
4.2 O feminismo e as pautas sociais das mulheres.....	98
4.3 Desafios biográficos: reflexões acerca da escrita de Janaína Amado.....	112
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	124
A – FONTES.....	124
B – BIBLIOGRAFIAS.....	127

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa analisa a trajetória de vida e a escrita feminina de Jacinta Passos, atuante como poeta, feminista e ativista comunista, para compreender os espaços de socialização, redes intelectuais e a sua representação político-partidária a partir de 1940. Nas últimas décadas do século XXI, a produção literária escrita por mulheres tem sido amplamente explorada dentro das Ciências Sociais e Humanas, contando já com vários estudos acadêmicos que versam sobre essa temática, principalmente no que tange à investigação do papel significativo das mulheres em várias áreas ao longo do tempo.

A partir disso, busca-se discutir a condição feminina na sociedade, por meio de estudos teóricos ligados à História das Mulheres. Algumas pesquisas da área de Gênero têm destacado a importância de se reexaminar a posição subalterna da mulher e de desenvolver uma visão do sujeito feminino como um agente político, como os trabalhos de June Hahner¹ e Margareth Rago². Isso envolve investigar a origem das desigualdades entre homens e mulheres, a invisibilidade do trabalho feminino no espaço doméstico, e, com base nesse entendimento, promover a ampliação dos olhares acerca de outras temáticas. Essa mudança pode ocorrer através de novos modos de representação das mulheres, seja na história, literatura ou em qualquer outro campo de produção intelectual.

Jacinta Passos nasceu em Cruz das Almas, no Recôncavo baiano, no ano de 1914. Vinda de uma família tradicional de latifundiários e políticos da região, entretanto, ela se afasta do pensamento conservador de seus familiares e se encontra ideologicamente nos movimentos de esquerda, que posteriormente se afunilaram para os ideais comunistas. Em sua juventude, já residindo em Salvador com seus pais, irmãs e irmão, Jacinta começa a participar de encontros com jovens de esquerda, estudantes da Faculdade de Medicina da capital baiana, na qual seu irmão Manoel Caetano estudava, e lá se aproximava da militância do Partido Comunista do Brasil (PCB).³

¹ HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937)**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

² RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

³ Muitos dos dados biográficos de Jacinta Passos foram pesquisados na obra de Janaína Amado, sua filha e biógrafa, no livro “Jacinta Passos, coração militante: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica”. Os estudos de Janaína são importantes para esta pesquisa, porque são os primeiros relatos publicados sobre a vida de Jacinta, antes dela apenas a monografia de Dalila Machado, entretanto o pioneirismo de Machado foi no campo literário e não histórico. Amado conseguiu reunir praticamente tudo que foi publicado por e sobre a sua mãe até 2010, ano de publicação do livro. Ver em: AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica**. Salvador: EDUFBA, 2010; MACHADO, Dalila. **A história esquecida de Jacinta Passos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, 2000.

Enquanto militante comunista, Jacinta Passos colaborou em diversos periódicos na imprensa baiana, como a revista *Seiva*, e os jornais *O Imparcial* e *O Momento*. Nesses veículos escreveu artigos sobre a situação política no Brasil e no mundo, principalmente das questões relacionadas à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Temas como o apoio do Brasil aos países Aliados, como EUA e França, e a importância da participação feminina nos assuntos da guerra foram os mais recorrentes em sua escrita, além de Jacinta fazer a defesa das ideias comunistas, marca que ficou registrada em sua escrita até o fim da vida. Foi autora de quatro livros, sendo o primeiro, *Nossos poemas*⁴, publicado em parceria com seu irmão, em 1942. O segundo, *Canção da partida*⁵, de 1945, alçou a autora a um patamar de prestígio e reconhecimento dentro da literatura brasileira. Em 1951 publica *Poemas políticos*⁶ e seu último livro, *A Coluna*⁷, em 1957.

Militante ativa do PCB durante toda a sua vida, Jacinta Passos foi candidata a deputada nacional constituinte pela Bahia nas eleições de 1945, após o fim do Estado Novo e a volta do PCB à legalidade. Foi a única mulher que representou o PCB baiano nessas eleições. No ano seguinte, ela se candidatou novamente ao cargo de deputada estadual constituinte, mas não conseguiu se eleger em nenhum dos dois pleitos. No entanto, seu nome permaneceu como uma das figuras femininas de destaque no cenário comunista da Bahia ao longo da década de 1940. Casou-se com James Amado, irmão do escritor e comunista Jorge Amado, amigo de militância de Jacinta. Ao seu lado, a poeta viveu quase dez anos de sua vida, até o momento da separação do casal devido a sua primeira crise nervosa, em 1951, quando foi diagnosticada com esquizofrenia paranoide.⁸

Jacinta Passos defendeu suas ideias e fez da sua escrita um instrumento de expressão pessoal, seja nos seus primeiros poemas com temáticas religiosas ou nos artigos em jornais comunistas que colaborou. Ela desafiou os padrões de uma sociedade elitista, conservadora e patriarcal na qual foi criada, optando por dedicar-se à militância comunista. Inicialmente, seus escritos eram discretos, abordando temas como religião e experiências familiares. Mas, ao longo do tempo, suas palavras ganharam profundidade ao explorar temas de amor, paixão e a visão de mundo que almejava. Sua obra também evoluiu para incluir poemas com forte carga política e ideológica, deixando assim uma significativa contribuição para a sociedade contemporânea.

⁴ PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. **Nossos poemas**. Salvador: Ed. Bahiana, 1942.

⁵ PASSOS, Jacinta. **Canção da partida**. São Paulo: Edições Gaveta, 1945.

⁶ PASSOS, Jacinta. **Poemas políticos**. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

⁷ PASSOS, Jacinta. **A Coluna**. Rio de Janeiro: A Coelho Branco, 1957.

⁸ AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: EDUFBA, 2010.

Durante toda a vida, usou da sua arte para defender o programa político comunista no qual foi fiel até a morte, deixando explícito, em todos os textos, suas opiniões políticas e visões de mundo. Enquanto uma das mulheres mais ativas na militância do PCB na Bahia naquela época, ela fazia da escrita uma arma contra os regimes totalitários, no Brasil e nos países Europeus, e em defesa da emancipação feminina.

Os primeiros registros de mulheres na imprensa brasileira são datados do século XIX, mas um específico do gênero foi lançado no ano de 1833, o *Bellona* Irada contra os Secretários de Momo, em Porto Alegre. Nos anos anteriores, desde a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, em 1808, e consequentemente a chegada da imprensa, os jornais possuíam colunas dedicadas a pautas do cotidiano feminino, no entanto, esses escritos eram feitos majoritariamente por homens, como afirma Dulcília Buitoni,⁹ um desse exemplos é o jornal *O Espelho Diamantino*, que circulou no Rio de Janeiro, em 1827.

O *Bellona* Irada contra os Secretários de Momo possuiu um cunho essencialmente político, pois sua fundadora Maria Josefa Barreto, utilizava o periódico para defender a estrutura social do Brasil nas mãos da Monarquia, contra a Revolução Farroupilha.¹⁰ O periódico abriu espaço para que a imprensa feminina se desenvolvesse no país, se afastando dos estereótipos de temas considerados pela sociedade como pertinentes às mulheres, como assuntos domésticos, moda e artes. Jornais com uma abordagem mais conservadora, como o *Jornal das Senhoras*, publicado no Rio de Janeiro, em 1852, eram mais comuns durante o século XIX.¹¹

Mesmo com o século XX se iniciando com uma movimentação inédita de mulheres reivindicando o direito ao voto e ao crescente aumento das vagas femininas no mercado de trabalho, atesta-se que houve, neste período, um aumento vagaroso de mulheres nos meios públicos e na política, mas isto também não foi suficiente para alavancar pesquisas sobre

⁹ BUITONI, Dulcília. **Mulher de Papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981. p. 28-29.

¹⁰ Publicado em Porto Alegre 1833 a 1834, o jornal possuiu apenas dez edições, todas sob responsabilidade apenas de Maria Josefa Barreto, considerada a primeira jornalista brasileira. Segundo relatos, seus exemplares foram queimado pelos Farroupilhas e não se tem nenhuma edição em jornais e acervos do Brasil. Ver mais em: JUNG, Roberto Rossi. *A gaúcha Maria Josefa: primeira jornalista brasileira*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

¹¹ Foi fundado no Rio de Janeiro, circulou entre 1852 e 1855. Dirigido somente por mulheres, o *Jornal das Senhoras* possuía uma estrutura média de dez páginas por edição, com duas colunas dividindo cada página. A primeira redatora-chefe foi a argentina Joanna de Paula Manso, que permaneceu durante os seis primeiros meses do jornal. Os impressos são encontrados online, no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Ver mais em: COSTA, Isadora de Mélo. **Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto**: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no *Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro; 1852-1855) e a *A Esperança* (Porto; 1865-1866). 2021. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

mulheres no Brasil, a historiografia que trata de gênero neste contexto é recente e ainda, vem rompendo com o domínio masculino na escrita de periódicos, como é o foco desta pesquisa. A publicação de História da Imprensa no Brasil de Nelson Werneck Sodré em 1966, exemplifica como essa questão continuou sendo menosprezada na literatura jornalística e na historiografia brasileira. Ainda que o livro seja considerado uma das leituras primordiais para entender a imprensa no país, o autor não aborda a perspectiva das mulheres nesse contexto. Somente em 1981 surgem trabalhos sobre a representação da mulher na imprensa com a jornalista Dulcilia Helena Buitoni, que analisou a imprensa feminina no país. A obra toca em questões mais abrangentes, como o papel social da mulher e sua participação política crescente nas últimas décadas, entretanto algumas questões ficaram à margem, necessitando de uma análise mais aprofundada dos jornais redigidos e dirigidos por mulheres.

Buitoni identifica duas representações predominantes na imprensa direcionada às mulheres no século XIX: a primeira delas é a representação tradicional, que limitava o papel da mulher ao ambiente doméstico; e a segunda, mais progressista, defendia os direitos das mulheres, especialmente o direito à educação. No século XX a imprensa feminina ganhou mais espaço, consequentemente as mulheres escritoras também começaram a emergir, antes relegadas ao ambiente do lar, com o passar dos anos elas foram adquirindo mais espaço na sociedade, mesmo que de forma lenta.

Para compreender as experiências vividas pelas mulheres, é essencial considerar os diversos contextos em que elas estiveram envolvidas ao longo da história – neste caso sobre mulheres das classes médias e altas da sociedade. Devemos mudar a narrativa exaustivamente difundida da mulher submissa e oprimida, enxergando suas práticas plurais nos diversos ambientes nos quais estavam inseridas, como os espaços públicos e a política. Deste modo, a escolha pelo recorte da escrita de Jacinta Passos em 1940, se deu pelo desejo de analisar como ela se movimentava nesse período, como ela encontrou espaço para dizer o que ela pensava, em um momento onde, mesmo com os avanços trazidos pelo século XX, a sociedade de domínio patriarcal e os ambientes públicos ainda eram masculinizados.

A partir do discurso jornalístico e político de Jacinta, mediado pela sua formação burguesa, pela sua condição feminina e pelas suas ideias comunistas-marxistas foi possível compreender os espaços ocupados por ela. Quais as bases ideológicas que formaram a visão de mundo de Jacinta e quais os reflexos desta concepção em sua escrita? Quais as pautas políticas tratadas por ela nos veículos de imprensa que colaborou? Seu locus social interferiu no seu discurso? Quais as nuances de Passos enquanto mulher, militante e comunista? Como ela conciliava as causas femininas e/ou feministas com as pautas de classe que o PCB

impunha? Esses são alguns dos questionamentos que são abordados e respondidos nesta pesquisa.

É importante que hajam pesquisas que se afastem do conceito de inferioridade feminina baseada na biologia superficial – a mulher sendo a genitora dos filhos e o homem o provedor do lar, pois como diz Flávia Biroli¹², houve uma construção sociocultural que perdura até os dias atuais demarcando diferenças entre os papéis femininos – relativos à esfera do lar, e os masculinos – relativos à esfera pública. Esse modo de pensar reflete diretamente na forma como as mulheres são vistas, mormente quando ocupam espaços majoritariamente masculinos. Desta maneira, se torna imprescindível reconhecer as diversas vivências das mulheres, mesmo o patriarcado estabelecendo um lugar de subalternidade para elas, este lugar não é o mesmo para todas as mulheres. Apesar da limitação imposta ao ambiente doméstico, em se tratando de mulheres das classes altas e médias, algumas delas desempenharam funções de liderança, alcançando níveis significativos de independência e influência, a exemplo de Jacinta Passos, que se destacou na militância pecebista e nos jornais e revista em que colaborou.

A marxista Clara Zétkin, desde os primeiros anos do século XX, na Alemanha, acreditava que para a mulher se libertar seria preciso que ela combatesse o capitalismo, pois ele é responsável pela exploração feminina, e essa libertação seria uma etapa até o proletariado chegar ao poder na política.¹³ Essa concepção vem desde Friedrich Engels, que em “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” já disseminava a ideia de que as opressões femininas findariam com a transformação da propriedade privada em uma propriedade socialista.¹⁴ Em vista disto é possível compreender que as questões femininas, desde a sua origem dentro do marxismo, estavam subordinadas às questões de classe, em primeiro lugar. Assim, foi investigado como Jacinta Passos lidava com as pautas partidárias e suas contradições com as pautas femininas.

No que se refere a análise das fontes, essa pesquisa se debruça nas palavras de Paul Ricoeur, quando afirma que o conceito de documento e a fé em sua imutabilidade são fundamentais para orientar uma pesquisa bem-intencionada. Segundo este filósofo francês, “qualquer rastro deixado pelo passado se torna um documento para o historiador, desde que

¹² BIROLI, Flávia. **Divisão sexual do trabalho e democracia**. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-754, 2016.

¹³ ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. Nobel, 1986.

¹⁴ ENGELS, Friedrich. **Origem da família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

ele saiba interrogar seus vestígios e questioná-los.”¹⁵ Ele considera também que apesar de um documento ter sido posto de uma maneira, dependendo do olhar de quem o analisa, ele pode trazer outras interpretações pois, “o que guia o interrogatório do historiador é a própria temática escolhida por ele para guiar a sua pesquisa”.¹⁶ Assim, a finalidade do documento não se encerra na finalidade para qual foi criado, isso vai depender do olhar, nesse caso, do historiador, portanto, as interpretações das fontes e dos vestígios são a partir do olhar e da relação que o pesquisador tem com o objeto.

Uma das fontes escolhidas para o delineamento desta pesquisa foram as colaborações de Jacinta na imprensa, como no jornal *O Imparcial* e na revista *Seiva*, discursos políticos do período das campanhas eleitorais e suas prosas e poesias, publicadas nos livros “Nossos poemas” e “Canção da partida”, como já mencionados. A análise deste universo documental foi guiada pela ideia de que qualquer experiência de leitura e/ou de escrita está conectada à vida pessoal de cada indivíduo e ao contexto social em que ele se encontra. Ela não ocorre de maneira isolada, mas depende de uma série de fatores, como o material que está sendo visto, a forma como ele é lido, e o ambiente em que ocorre a leitura e/ou a escrita.

Esses elementos influenciam ainda, a maneira como as pessoas se apropriam do conteúdo, podendo resultar em diferentes interpretações e apropriações. De acordo com Roger Chartier, quando se discute um projeto de história literária, este dá margem para refletir sobre como um historiador pode abordar a análise de textos literários sob uma perspectiva sociocultural. Nesse contexto, o foco recai sobre o objeto da história literária e a crítica textual “é o processo pelo qual leitores, espectadores ou ouvintes dão sentido aos textos dos quais se apropriam.”¹⁷

Pensando a partir desta perspectiva, torna-se imprescindível analisar o discurso jornalístico-político-poético de Jacinta, pois a sua escrita, estava diretamente ligada ao local em que ela estava inserida e as condições que ela tinha naquele momento, influenciando na forma como seu discurso vai construir e transmitir sua visão de mundo. Ancorados na análise do discurso da Escola francesa a partir de Michel Pêcheux e Eni Orlandi e suas ideias sobre a relação entre linguagem, poder e ideologia. Pêcheux introduz a noção de “ideologia como inconsciente”, argumentando que as ideologias estão incorporadas no discurso de maneira sutil e muitas vezes inconsciente, no qual o sujeito pode não estar ciente de que essas

¹⁵ RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997. 3 v., v. 3. p. 198.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p. 255-257.

ideologias estão presentes em seu próprio discurso, mas elas podem ser reveladas através da análise.¹⁸

Orlandi se concentra em questões sociais e políticas específicas do Brasil, desenvolvendo uma abordagem que enfatiza como a linguagem é usada para construir significados e como esses significados estão ligados ao contexto social e político. Ela aborda o conceito de “formações discursivas”, relacionando a linguagem e sua exterioridade, representada metodologicamente pela situação e pelo sujeito, formando as “condições de produção”, que se compreende numa conjuntura imediata, mas também de forma mais ampla. Essas formações vão permitir reconhecer que os sentidos dos escritos de Jacinta Passos não existem em si, e sim na medida em que ela está inserida em tal formação discursiva e os contextos sócio-históricos que a envolvem.¹⁹

Este trabalho é um desdobramento das pesquisas iniciadas durante a conclusão do meu curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia, Campus I, no qual foi discutido o olhar da poeta Jacinta Passos sobre o Brasil em que vivia, compreendendo a sua importância para a luta comunista e antifascista na Bahia, a partir das suas publicações de prosa e poesia. Entretanto, dada a dimensão reduzida de uma monografia, não foi possível analisar outras questões que se desdobram a partir da sua vida, a exemplo do aprofundamento analítico da atuação política de Jacinta Passos em 1940, década essa de maior produção intelectual da autora, tendo publicado vários textos na imprensa baiana.

As pesquisas sobre Jacinta Passos podem ser encontradas em diversas áreas além da história, como nas letras e na psicologia, entretanto os trabalhos pioneiros para que fossem possíveis esses estudos ainda são recentes. Feitos por Dalila Machado para sua conclusão no curso de Licenciatura em Letras em 2000²⁰, e a obra mais completa sobre Jacinta Passos, escrita por Janaína Amado, sua filha, e biografia, publicada em 2010²¹. No campo das Letras, as pesquisas sobre a poeta se debruçam, principalmente, na análise de sua obra, como no trabalho de Beatriz Azevedo da Silva, que analisa as produções jornalísticas e literárias de Passos, a partir da sua aproximação com o Partido Comunista do Brasil (PCB).²² Na

¹⁸ HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. [1971]. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007, p. 13-32.

¹⁹ ORLANDI, E. P. Exterioridade e ideologia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 30, 2011. p. 27-32.

²⁰ MACHADO, Dalila. **A história esquecida de Jacinta Passos**. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, 2000.

²¹ AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. SciELO-EDUFBA, 2010.

²² SILVA, Beatriz Azevedo da. **Jacinta, Passos de uma escritora à margem**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018

Psicologia, foram publicados artigos com foco no seu diagnóstico de esquizofrenia paranóide, sendo o trabalho precursor o de Rosângela Santos de Oliveira, que investiga se os internamentos de Jacinta foram uma tentativa de marginalizá-la.²³ Já no campo da História, além da supracitada Janaína Amado, Iracélli da Cruz Alves foi pioneira nas pesquisas sobre a relação de Jacinta Passos com o PCB, analisando sua atuação enquanto militante.²⁴ Essa curadoria evidencia que ainda há muito o que se explorar sobre a poeta, e este trabalho vem para dar uma visão ampla de Jacinta Passos, juntando diversos aspectos da sua vida, desde a infância em uma família abastada, passando pela militância comunista e seu sucesso enquanto escritora, até seu apagamento da história após seus internamentos e ainda, traz reflexões mais gerais sobre a singularidade de uma escrita feminina.

Com base nestas considerações introdutórias relativas a esta pesquisa, bem como em seus objetivos, motivações, justificativas e fundamentos teóricos, a dissertação está organizada em três capítulos. No capítulo inicial, “Trajetória de vida: família, arte e política”, analisa-se as primeiras décadas da vida de Jacinta, sua adolescência e juventude e o começo da vida adulta, procurando identificar os indícios que levaram esta mulher a construir um mundo distinto daquele que foi preparado pela sua família, ou seja, a partir do seu lugar de origem, seus costumes e tradições familiares compreender os processos de crise e ruptura presentes ao longo da vida de Jacinta Passos. Por ser um capítulo mais biográfico, ele se dedica à formação de Jacinta enquanto escritora e militante, além de discorrer sobre sua vida pessoal, como o casamento com James Amado. A experiência de Jacinta Passos na fazenda da sua família desempenha um papel fundamental neste capítulo, uma vez que ela evidencia como esse ambiente teve um impacto profundo no desenvolvimento do seu olhar crítico em relação ao mundo a seu redor. Fato que colabora no entendimento dos poemas analisados neste capítulo, posteriormente publicados por ela em seus dois primeiros livros, “Nossos poemas” e “Canção da partida”.

A condição da mulher de elite no fim do século XIX e início do XX também é abordada neste capítulo. Em “Entre a Tinta e o Papel: memórias de leituras e escritas femininas no Bahia (1870-1920)”, Márcia Barreiros trata das mulheres na qualidade de escritoras e como se produzia o fazer literário, além de enfatizar o processo de conscientização de gênero, descrevendo que apesar das mulheres estarem escrevendo, elas o

²³ OLIVEIRA, Santos Rosângela. **Jacinta Passos, loucura ou marginalização?**. III EBECULT Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012. Salvador

²⁴ ALVES, Iracélli da Cruz. **A Política no Feminino: Uma História das Mulheres no Partido Comunista Brasileiro – Seção Bahia (1942-1949)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2015.

faziam dentro do espaço que possuíam na sociedade, discorrendo sobre temas legitimados do cotidiano feminino.²⁵ Analisar alguns dos escritos femininos poucas décadas antes do florescer da poesia de Jacinta, traçando um paralelo entre as escritoras descritas por Barreiros e Jacinta, torna-se relevante, em que pese hajam permanências, alguns desses costumes e tradições ainda afetaram a geração da poeta, uma vez que a escritora conseguiu se destacar das suas contemporâneas ao entrar em áreas até então pouco explorada pelas mulheres.

No segundo capítulo intitulado “Atuação feminina na imprensa política baiana” objetivamos analisar as publicações de Jacinta Passos na imprensa baiana, juntamente com seu discurso. Foram analisados a revista *Seiva* e o jornal *O Imparcial*, a fim de investigar as pautas mais tratadas por Jacinta durante o tempo em que colaborou nesses periódicos. Eles forneceram para esta pesquisa uma noção de como a escritora percebia os acontecimentos políticos e históricos do Brasil, uma vez que Jacinta escrevia sobre eles e paralelamente militava politicamente – a poeta acreditava na importância de passar a representação fiel dos fatos e acontecimentos, sendo o engajamento social a verdadeira função do escritor.

Não há como falar de Jacinta Passos sem falar de comunismo e de PCB. Nesta perspectiva, Carlos Zacarias Sena Jr., traz para essa discussão a visão dos acontecimentos políticos ligados ao Partido Comunista do Brasil no período escolhido para esta pesquisa.²⁶ Ao traçar a trajetória do PCB na década de 1940, demonstra como o partido se estruturava, passando por momentos de crise e posterior reconstrução. Esses acontecimentos estão diretamente ligados a imprensa baiana da época. Após o golpe do Estado Novo (1937) o partido perdeu sua influência e força, especialmente no sudeste do país, fazendo com que os Comitês Regionais de outros estados brasileiros ganhassem destaque, e assim aconteceu na Bahia.

Tal mudança no centro político do partido acarretou no surgimento da revista *Seiva*, e posteriormente, na ida dos colaboradores da *Seiva* para o *Imparcial*. Nestes periódicos foram examinadas as publicações de Jacinta, suas principais temáticas e como ela se movimentava enquanto mulher nesses ambientes públicos. No *Imparcial*, a poeta dirige a *Página Feminina*, coluna semanal sobre assuntos direcionados às mulheres. Esta pesquisa analisou, cuidadosamente, essa coluna, percebendo como Jacinta conseguia colocar suas opiniões nas páginas da coluna. Também é feita a trajetória da imprensa feminina no século XIX, até chegar na época da escritora, percebendo como as pautas foram mudando ao longo do século.

²⁵ LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel**: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920). Quarteto Editora, 2005.

²⁶ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia**: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im) possível-1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009.

O último, e não menos importante, ponto deste capítulo foi a publicação de *Canção da partida*, em 1945, que alavancou a carreira da poeta por todo Brasil. Além da análise dos poemas contidos no livro, são considerados sua repercussão e as críticas feitas a ele. Neste livro é possível reconhecer como a escritora amadureceu e sua escrita foi ganhando um novo vigor com o passar dos anos, principalmente no período em que a poeta foi candidata pelo PCB às eleições de deputada constituinte.

O terceiro e último capítulo desta pesquisa “Mulher, Comunismo e Política: representações feministas e lutas sociais” tem como objetivo entender a atuação de Jacinta Passos enquanto comunista na luta político-partidária e em relação às pautas específicas das mulheres no período. Os principais pontos deste capítulo são as representações femininas no PCB e suas relações de poder, o delineamento de Jacinta enquanto feminista, para assim compreender suas lutas, individuais e coletivas.

Ao falar das relações de gênero no PCB da Bahia, é preciso analisar de forma macro como as mulheres que estavam naquele contexto se movimentavam e do lugar delas na sociedade. Rachel Soihet fornece uma pista desses lugares, ao discorrer sobre a mudança de perspectiva de Zuleika Alambert, militante do PCB santista e primeira mulher a participar do Comitê Central do partido, após compreender as opressões sofridas pelas mulheres por parte de seus próprios companheiros de luta política,²⁷ sendo uma importante referência quando formos analisar o caso de Jacinta Passos, visto que ela também enfrentou opressões dentro e fora do partido, mas o que torna singular foi a descoberta de que Alambert e Jacinta foram contemporâneas na militância.

Ao analisar as relações de poder entre homens e mulheres no Partido Comunista na Bahia, esta pesquisa utilizou o conceito de poder oferecido por Pierre Bourdieu. Segundo esta ideia, o poder parte de uma percepção que foi construída historicamente, que se difunde na sociedade de forma invisível, através da qual grupos criam categorias de pensamento que vão influenciar nas ações da sociedade a seguirem determinados padrões.²⁸ A partir disso é possível pensar como o comportamento tanto dos homens e das mulheres está intrinsecamente ligado a um poder invisível, que oprime, mesmo sem que ambos os lados se deem conta da forma que estão agindo, pois é um poder enraizado na sociedade, muitas vezes difícil de ser identificado. A sessão foi finalizada com uma análise da biografia escrita por Janaína Amado, “Jacinta Passos, coração militante”, para examinar os desafios de biografar um familiar,

²⁷ SOIHET, Rachel. **Do comunismo ao feminismo: a trajetória de Zuleika Alambert**. Cadernos Pagu, p. 169-195, 2013.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. p. 7-8.

principalmente se este for uma mãe que você pouco conviveu. Assim, o objetivo neste subitem é entender como as memórias de Janaína estão ligadas à sua escrita e a percepção que ela possui da sua mãe.

2 TRAJETÓRIA DE VIDA: FAMÍLIA, ARTE E POLÍTICA

As primeiras décadas da vida de Jacinta Passos foram analisadas, abarcando desde sua infância até o início da vida adulta. Possibilitando a identificação de Jacinta a partir de sua terra natal, tradições familiares e costumes, os quais, posteriormente, ela desafiaria. Esta seção assume predominantemente um caráter biográfico, focalizando a evolução de Jacinta como escritora e militante comunista, enquanto também explora aspectos de sua vida pessoal, como as suas mudanças de cidade e o seu casamento com James Amado.

As fontes utilizadas nesta pesquisa são os poemas da primeira fase da escrita de Jacinta Passos, com temáticas predominantemente religiosas, que posteriormente foram publicados no livro “Nossos poemas”, parceria com seu irmão Manoel Caetano Filho. Além dos textos de Jacinta, a publicação “Jacinta Passos, coração militante: poesia, prosa, biografia e fortuna crítica”²⁹, de Janaína Amado faz uma análise biográfica da vida de J. Passos, sendo utilizado como fonte de pesquisa ao fornecer informações e registros únicos da vida da poeta. Entretanto, é necessário registrar que, por ser um livro de memória histórica, elaborado pela própria filha de Jacinta, passou a ser a nossa principal referência de fonte, apesar desta pesquisa não se limitar à visão de Jacinta Passos descrita por Janaína.

A pesquisa histórica exige considerar certos pressupostos teóricos e metodológicos. Pierre Bourdieu destacou o risco da “ilusão biográfica”, onde o biógrafo pode criar uma imagem idealizada e linear do biografado. Este trabalho não pretende criar uma versão idealizada de Jacinta, mas sim explorar sua trajetória de vida e militância política com suas complexidades. Busca-se aqui encontrar, em meio à militância comunista, a Jacinta que viveu estes acontecimentos, abordados por uma perspectiva singular neste trabalho.

2.1 Tradições e os primeiros passos de vida

Em 1914, o mundo testemunhou o início da Primeira Guerra Mundial, enquanto isso, o Brasil vivia sob o domínio da República Oligárquica, em uma sociedade predominantemente rural e controlada pelos grandes latifundiários. Nesse contexto político e social, nasce Jacinta Velloso Passos, na cidade de Cruz das Almas, situada no Recôncavo Baiano. Nascida em uma família que exercia influência notável na região desde o século XVIII, quando o local era conhecido como Freguesia de Nossa Senhora do Bonsucesso de Outeiro Redondo,

²⁹ AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: EDUFBA, 2010.

pertencente à então Vila de São Félix. Os Rocha Passos foram pioneiros na fundação de engenhos na área e na construção do arraial que, posteriormente, se tornaria a cidade de Cruz das Almas, que obteve sua emancipação em 29 de julho de 1897, com a ajuda de Themístocles da Rocha Passos³⁰, avô paterno de Jacinta.³¹



Jacinta Velloso Passos em 1950, no 3º Congresso Brasileiro de Escritores ³²

Seu Maninho, como era apelidado o patriarca da família Passos, desempenhou um papel crucial na emancipação política de Cruz das Almas. Ele foi uma figura proeminente na política local, tendo sido eleito para cargos de vereador, deputado e senador. Seu nome era amplamente respeitado e prestigiado na região, onde também era conhecido por ter possuído um grande quantitativo de escravos durante o período imperial, um dos maiores da localidade. Esse reconhecimento se estendia por todo o Recôncavo, levando-o a receber o título de Comendador da Ordem Imperial de Nosso Senhor Jesus Cristo, conferido por Dom Pedro II em 1883.³³ Na era da República, Seu Maninho foi membro do Partido Liberal, alcançando o cargo de Senador. Era um defensor da autonomia das províncias e da valorização dos representantes nacionais eleitos, como os deputados, por exemplo.

Themístocles era o dono da Fazenda Campo Limpo, que reunia os antigos engenhos de sua família, sendo o local de nascimento não apenas de Jacinta, mas também de duas de suas irmãs e de vários outros membros da família Passos. Ele se casou com Jacinta Velloso da

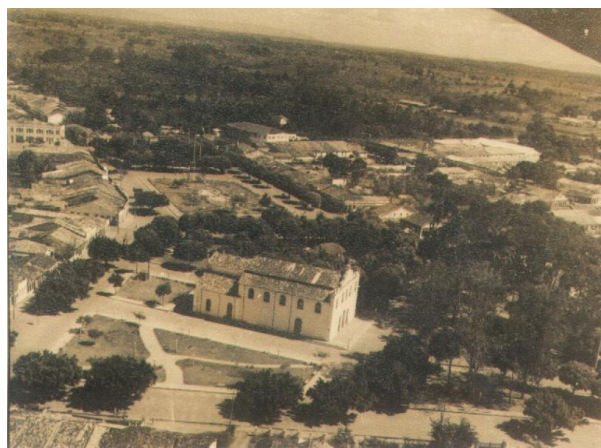
³⁰ Alguns textos utilizados nesta pesquisa possuem a grafia do prenome de Themistocles sem o “h”, aqui optou-se por reproduzir a grafia original dos documentos da época.

³¹ EDISANDRO BARBOSA BINGRE. Almanaque Cruzalmense, 2015. Cruz das Almas: a origem. Disponível em: <https://almanaquecruzalmense.wordpress.com/2015/09/07/cruz-das-almas-sua-origem/>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

³² AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 329.

³³ SANTANA, Alino Matta. **Livro do Centenário** – Marcos e progresso de Cruz das Almas, Cruz das Almas, 1997.

Rocha Passos, cujo nome serviu de inspiração para a poeta homônima. O casal teve sete filhos, sendo Manoel Caetano da Rocha Passos, pai de Jacinta, o mais velho deles. Após a morte do coronel, Manoel Caetano assumiu a gestão da fazenda Campo Limpo como herança, na qual construiu sua família ao lado de Berila Eloy, sua esposa, que também provinha de uma família tradicional da região.³⁴



Vista aérea da Praça Senador Themístocles na década de 1950³⁵

O coronel Themístocles faleceu quatro anos antes do nascimento de Jacinta, impedindo que ela conhecesse o seu avô Maninho, entretanto, o legado deixado por ele continuou a influenciar profundamente toda a família Passos, impactando especialmente seu filho mais velho, Manoel Caetano, que se dedicou a preservar a tradição e o prestígio político e econômico alcançado por sua família durante o Império, bem como nos primeiros anos da República. No entanto, duas décadas depois, Jacinta rompeu com os ideais aristocráticos que haviam sido transmitidos através das gerações anteriores. A neta tinha uma visão de mundo distinta da de seu avô e de seu pai, caracterizada por uma sensibilidade única e uma notável capacidade crítica, características marcantes e que apenas se aprofundaram com o passar do tempo.

Jacinta, como a terceira filha entre os cinco descendentes do casal, provavelmente causou alguma desilusão em seus pais. Em uma sociedade na qual o patriarcado era predominante, havia frequentemente a expectativa de que um filho homem fosse o herdeiro principal, encarregado de perpetuar o nome da família e de herdar o legado de Manoel. Além disso, havia o fardo financeiro de criar várias filhas, mesmo sem a obrigação de pagar dotes

³⁴ AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 341.

³⁵ Origem da Cidade e Emancipação Política. Origem da Cidade de Cruz das Almas - BA. Memorial de Cruz das Almas [s.d.] Disponível em: <https://memorialdecruzasalmas.com.br/memorial/portfolio/origem/>. Acesso em: 08 nov 2023.

para seus casamentos, pois era responsabilidade dos pais educar e preparar suas filhas para um enlace adequado, além de financiar a união do casal e fornecer o enxoval, o que poderia representar um desafio econômico significativo para a família.

Por um longo período, as mulheres pertencentes às camadas sociais médias e abastadas em uma sociedade rural e elitista, como a de Cruz das Almas, eram submetidas à autoridade masculina, fosse ela exercida pelo pai, irmão, tio ou marido. A supremacia masculina era inquestionável e somente no século XX, com as transformações sociais e políticas decorrentes do fim da escravidão e da proclamação da República no Brasil, é que esses conceitos e comportamentos começaram, gradualmente, a ser considerados obsoletos.³⁶

Algumas mulheres, mesmo quando privadas de expressar um pensamento crítico, desafiaram e subverteram esse sistema patriarcal. Conforme apontado pela historiadora Márcia Barreiros, muitas mulheres do final do século XIX não eram de modo algum frágeis ou submissas, e não estavam destinadas a uma vida restrita ao papel de donas de casa, confinadas ao âmbito doméstico. No entanto, ainda assim, as práticas de escrita se limitavam as fronteiras impostas pela sociedade, sobre temas legitimados como femininos.³⁷

Durante seus primeiros anos de vida, Jacinta residia na Fazenda Campo Limpo com sua família, localizada às margens do Rio Paraguaçu, e estando apenas a 5 quilômetros da zona urbana de Cruz das Almas. A região do Recôncavo era tranquila e modesta, tendo tradições rígidas e arraigadas, que eram controladas tanto pela Igreja quanto pela moral, de predominância conservadora, dos próprios habitantes.³⁸ A educação das mulheres, desde o século XVIII, era balizada em princípios religiosos e morais, a Igreja desempenhava um papel crucial ao instruir as jovens a seguirem uma vida dedicada ao lar e aos princípios cristãos.³⁹

Michelle Perrot em “Minha história das Mulheres” cita a o apóstolo Paulo, em sua primeira Epístola a Timóteo, no qual ele afirma “a mulher aprenda em silêncio, com toda sujeição, Não permito que a mulher ensine e nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio”⁴⁰. Perrot critica o silêncio previsto às mulheres e de que maneira a

³⁶ SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2012. p. 9-10.

³⁷ LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel**: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920). Quarteto Editora, 2005. p. 46-51.

³⁸ EDISANDRO BARBOSA BINGRE. Almanaque Cruzalmense, 2015. Cruz das Almas: a origem. Disponível em: <https://almanaquecruzalmense.wordpress.com/2015/09/07/cruz-das-almas-sua-origem/>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

³⁹ BARREIROS, Márcia da Silva. **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

⁴⁰ Primeira Epístola a Timóteo, 2, 12-14. *apud*. PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p. 23.

Igreja utilizou esse trecho como forma de repreender o sexo feminino, de modo que elas apenas poderiam ficar retidas em suas casas, sempre refém dos maridos. Mensagens como essas reverberaram por séculos dentro da tradição católica, pois por muito tempo, a Igreja era o único espaço público em que as mulheres podiam frequentar sem a necessidade da presença de um homem, sendo o único ambiente, além de suas casas, no qual tinham a oportunidade de desempenhar algum papel proeminente.

De acordo com os registros de Janaína Amado, o período de dez anos que Jacinta viveu na fazenda foi de grande felicidade, uma infância repleta de liberdade e descobertas que verdadeiramente moldaram a vida da poeta.⁴¹ As memórias dessa fase estão presentes em diversos de seus poemas, como “Campo Limpo” e “Canção da Partida”. O último destes, dedicado ao seu irmão mais novo, Manoel Caetano Filho, é considerado como sendo o poema mais autobiográfico da autora, como analisamos no capítulo seguinte desta pesquisa. Além de expressar suas próprias lembranças, Jacinta também registrou em palavras as recordações do convívio com os trabalhadores da fazenda, como Camilo, incluindo também os empregados domésticos e as babás que serviam à sua família.

[...] Camilo, você é pobre e
nunca foi senador,
mas por que é igualzinho ao
retrato de vovô? [...] ⁴²

No poema escrito em 1944, Jacinta aborda a desigualdade social que observou durante sua infância e juventude na Fazenda Campo Limpo, observando os funcionários da fazenda e a relação que eles tinham com seus patrões, a exemplo de Camilo, que era apenas um dos empregados da fazenda. E compara com o seu avô que era uma figura importante na política e proprietário de um engenho de cana-de-açúcar, possuindo um grande número de escravos desde os tempos do Império até o término da escravidão em 1888.

Em outro verso do poema supracitado, Jacinta fala sobre Dade, outra empregada da família, que ajudou na sua criação e de seus quatro irmãos, durante o tempo que moraram na fazenda:

Dade na fonte,
Dade na lenha,
dez filhos deu ao mundo,
está plantando roça,

⁴¹ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 341-343.

⁴² PASSOS, Jacinta. *Canção da Partida*. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 11-20.

está na casa da farinha,
criou cinco filhos brancos
e depois morreu sozinha.
Campo Limpo.
Onde é que Dade está?⁴³

A poeta escreveu este poema décadas depois desses acontecimentos, em que pese a importância dessas memórias anos depois, é possível afirmar que essas vivências marcaram a sua vida de alguma forma. Torna-se importante pontuar que Jacinta nasceu vinte e seis anos após a abolição da escravidão, logo conviveu com ex-escravizados, como amas de leite que continuaram residindo na fazenda⁴⁴, e possivelmente, essa relação fez com que ela observasse sob outra ótica essas pessoas. Para uma criança com um olhar curioso como o dela, não deveria ser simples entender como pessoas que coexistem em ambientes tão próximos, poderiam levar vidas tão distintas.

Conforme relatado por Janaína Amado, a convivência de Jacinta com esses indivíduos, ajudou com que ela desenvolvesse uma sensibilidade aguçada em relação à realidade social que a cercava, uma perspectiva que ela carregou consigo ao longo de toda a vida. Jacinta estabeleceu relações ótimas com os trabalhadores da fazenda, sugerindo que talvez este tenha sido o ponto de partida para que tivesse uma visão mais humanitária e crítica das relações sociais. Mesmo inserida em um ambiente mais privilegiado, não excluía a outra realidade, pelo contrário, buscava se aproximar dela.

Quando Jacinta tinha 10 anos de idade, sua família se mudou para São Félix junto com seus pais e irmãos, com a finalidade de apoiar a carreira política de Manoel Caetano, que havia sido iniciada em Cruz das Almas sob a influência do coronel Themístocles⁴⁵. Na década de 1920, a cidade de São Félix era o centro da política local e um vital centro comercial, situado às margens do Rio Paraguaçu. Como sendo o Paraguaçu o segundo maior rio da Bahia, as áreas circundantes prosperavam principalmente devido ao transporte fluvial de mercadorias que vinham de outras regiões em direção a Salvador, a capital do estado.⁴⁶

Jacinta deu início aos seus estudos ao completar 10 anos de idade, e desde então, destacou-se entre seus irmãos por ser a mais dedicada e uma ávida leitora. Dois anos depois,

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ CARMO, Sura Souza. **O coronel Themístocles da Rocha Passos e o fim da escravidão na Freguesia de Nossa Senhora da Cruz das Almas-BA**. IX Encontro Estadual de História. Santo Antônio de Jesus, 2018. p. 2.

⁴⁵ Até os dias de hoje ainda há membros da família Passos na política cruzalmense, como Max Adolfo Passos Mendes, primo de terceiro grau da poeta, e tataraneto de Themístocles, que ocupou os cargos de vereador e vice-prefeito da cidade.

⁴⁶ SILVA, Ana Acácia Ribeiro. **Formação territorial de Cachoeira e São Félix-BA: A geomorfologia como processo condicionante**. Anais do V Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia, Ilhéus-BA, Brasil, 2016. p. 4.

quando tinha 12 anos, sua família se mudou novamente, desta vez para a capital do estado, Salvador, com o propósito de impulsionar ainda mais a carreira política de Manoel Caetano e proporcionar uma educação de qualidade para as crianças. Em Salvador, estabeleceram residência no bairro de Nazaré, centro da cidade, em uma área tradicional em ascensão de classe média nos primórdios da década de 1920, adquirindo um sobrado com os recursos provenientes da venda da Fazenda Campo Limpo para o irmão mais novo de Manoel, Alberto Passos.⁴⁷

Ter membros vivendo na capital do estado era de grande importância para a família Passos, pois possibilitava a Manoel Caetano estabelecer contatos e fortalecer alianças políticas que seriam benéficas para todos, até mesmo para aqueles que ainda residiam no interior e tinham envolvimento com a política oligárquica da Primeira República. Em 1927, Manoel Caetano foi eleito deputado estadual, em um período tumultuado na história do Brasil, pois além da crise econômica global que se seguiu ao término da Primeira Guerra Mundial, afetando os valores dos produtos exportados, os grupos que estavam no poder há quase 40 anos começaram a discordar, como expõe Eliana Batista:

Antes de 1930, a distribuição desigual do poder conferia aos estados uma diferenciação em termos de organização política e econômica. Entre os seis estados mais fortes, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia — que reuniam bancadas numerosas e/ou economias relativamente autossuficientes —, havia um pacto oligárquico cuja estabilidade era frequentemente comprometida, dadas as alianças e acomodações feitas e desfeitas ao sabor das circunstâncias. Pela fragilidade, a renovação do pacto político entre esses estados, que ocorria a cada sucessão presidencial, não foi capaz de assegurar a longevidade da Primeira República, que se esgarçou completamente ao longo da década de 1920.⁴⁸

De acordo com as observações de Consuelo Sampaio, as elites dominantes revelaram-se despreparadas para se adaptar às mudanças trazidas pela vitória da revolução de 1930.⁴⁹ O pai de Jacinta, que fazia parte da elite latifundiária desgastada, não aderiu às ideias liberais, sendo necessário se reinventar após 1930 e buscar uma nova posição na política, tema que será abordado posteriormente neste trabalho.

Dentro desse contexto de incertezas e transformações políticas, Manoel viu-se em uma situação que o forçava a sustentar a família apenas com os proventos de seu emprego como

⁴⁷ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 344.

⁴⁸ BATISTA, Eliana Evangelista. Das armas às urnas: a participação dos coronéis da Bahia na revolução de 1930. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 71, pp. 624-643. p. 3.

⁴⁹ SAMPAIO, Consuelo Novais. **Poder e representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937**. Salvador: Assembleia Legislativa, 1992. p. 262.

fiscal de consumo no Ministério do Trabalho, o que não era suficiente para atender às necessidades de uma família numerosa como a sua. Foi nesse momento que Jacinta começou a perceber a discrepância entre o estilo de vida de sua família e a realidade social que os cercava, deixando essa lembrança marcada em um de seus poemas:

O meu pai é deputado
democrata liberal
– viva a eleição!
terça-feira vou ao baile
no Palácio Aclamação.
– Andar na rua sem chapéu ficará bem para nós?
– Não fica!
Minha irmã vai se casar
com um doutor.
Sou rica!
[...]
Minha mãe, minha mãezinha,
todo dia na cozinha,
faz doce para vender:
– Augusto Braço Cotó,
vá entregar no Triunfo
e cobre!
Não diga nada a ninguém,
meu bem.
Sou pobre!⁵⁰

Mesmo com recursos limitados, Manoel e Berila não abriam mão do padrão de vida e da tradição associados a uma família detentora de terras no interior. Diante das dificuldades evidentes, o casal tomou a decisão de matricular suas quatro filhas na Escola Normal da Bahia, com o objetivo de garantir um padrão de vida melhor para todos os membros da família. Nas primeiras décadas do século XX, a Escola Normal representava um espaço no qual as mulheres das classes sociais intermediárias e abastadas tinham a oportunidade de buscar formação como professoras, entretanto, a possibilidade de ingressar em uma universidade ainda lhes era negada. As normalistas, como eram chamadas, foram pioneiras ao obter oficialmente uma educação de grau médio, abrindo o caminho para as primeiras professoras do Brasil. Até o ano de 1930, essa era uma das poucas profissões acessíveis às mulheres da elite.⁵¹

A educação feminina por muitos anos foi ignorada pela sociedade. No Brasil, apenas em 15 de outubro de 1827 foi publicada a Lei Januário da Cunha Barbosa, regulamentando o

⁵⁰ PASSOS, Jacinta. *Canção da Partida*. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 11-20.

⁵¹ BORELLI, Andrea; MATOS, Maria Izilda. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2012.

ensino das meninas nas escolas de primeiras letras. Segundo essa lei, as áreas de domínio em que se baseava a educação feminina partiam de três pilares: os saberes morais da religião católica, o ensino da gramática e da matemática e assuntos voltados para economia doméstica, como costura.

Art. 6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.⁵²

Art. 12º As Mestras, além do declarado no Art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica.⁵³

A partir disto, é possível reconhecer como o Estado estava ratificando a importância das mulheres saberem as prendas domésticas, visto que essa já era uma prática aprendida por elas em casas, pelo menos no âmbito das famílias mais abastadas, como pontua June Hahner “a tônica permanecia na agulha, não na caneta”.⁵⁴ Desse modo, fica evidente como essa lei, mesmo sendo inovadora, não garantiu a equidade entre meninos e meninas, deixando a educação feminina em segundo plano, problema este que até os dias de hoje é uma das principais causas das desigualdades, ainda existentes, entre homens e mulheres.

Devido a flexibilização da lei de 1827 para o ensino feminino, até a primeira metade do século XX, a maioria das meninas recebia instrução em casa com tutores ou até mesmo com membros da família. Como já dito anteriormente, os estudos estavam direcionados para habilidades voltadas ao lar, tais como tarefas domésticas e a formação para se tornarem jovens educadas e prenyadas, o que, na época, era considerado primordial para garantir um casamento vantajoso.⁵⁵ Nessa conjuntura social, a Escola Normal desempenhou um papel fundamental ao desafiar as convenções estabelecidas ao longo de séculos, que promoviam uma educação distinta entre os meninos e meninas pertencentes às classes mais privilegiadas.

Na Escola Normal, Jacinta sobressaiu notavelmente como uma aluna dedicada e estudiosa, destacando-se como a melhor em matemática, sua disciplina favorita. Ela investia

⁵² BRASIL, 1827, art. 6.

⁵³ BRASIL, 1827, art. 12.

⁵⁴ HAHNER, June. **A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 33

⁵⁵ LEITE, Márcia da Silva Barreiros. 1997. *Op. Cit.*, p. 70-71.

total empenho em tudo o que se propunha a fazer, revelando-se perfeccionista e extremamente crítica em relação aos seus trabalhos, recusando-se a deixar tarefas incompletas ou malfeitas. Devido a toda essa dedicação, logo após sua formatura no ano de 1932, Jacinta tornou-se professora de matemática na mesma instituição, tendo sido contratada pelo diretor. Além disso, ela também dava aulas particulares para crianças e oferecia aulas voluntárias para empregadas domésticas na Escola Paroquial de Nazaré. As aulas voluntárias eram uma fonte de grande satisfação para Jacinta, pois a poeta acreditava que dessa forma poderia contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas, bem como propiciar transformações sociais e econômicas na sociedade.

Nessa época, J. Passos deu início à escrita de seus primeiros poemas e intensificou seu envolvimento com os princípios da Igreja Católica, sendo considerada a mais devota entre as irmãs Passos. Ela continuou a lecionar na Escola Normal e a oferecer aulas de catecismo para crianças na Paróquia de Nazaré. Jacinta possuía um talento para o ensino e sempre demonstrava profunda preocupação com o bem-estar dos que estavam à sua volta. Além das atividades de catecismo, a jovem frequentava o Mosteiro de São Bento, onde teve a oportunidade de conhecer Dom Beda Keckeisen e começou a auxiliá-lo na transcrição do Missal Cotidiano para o português⁵⁶. Esse Missal teve a primeira tradução para a língua portuguesa, uma vez que, até então, as cópias disponíveis no país estavam em francês.⁵⁷

Não havia missal em português, apenas em francês. Os beneditinos, interessados por liturgia, foram os primeiros a se preocupar com a edição do missal em português, que foi obra de Dom Beda Keckeisen, obs. Este último dispunha no mosteiro da Bahia de uma tipografia, de que se serviu para isso.⁵⁸

Pesquisas feitas anteriormente demonstram que a relação de Passos com a religião tornou-se mais intensa, sobretudo durante a juventude da poeta, pois ela buscava na fé respostas para suas inquietações e uma compreensão mais profunda sobre o mundo ao seu redor.⁵⁹ Isso é evidenciado no poema “Poesia perdida”, no qual Jacinta indaga sobre o propósito de sua existência ao questionar: “Por que existo, Senhor, quando não posso cantar?”.⁶⁰ Outros poemas de sua autoria abordam temáticas religiosas semelhantes, porém

⁵⁶ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 350-354.

⁵⁷ SNARD, Dom Clemente José Carlos. **A recepção da Sacrosanctum Concilium no Brasil e o papel da CNBB**. Revista de Cultura Teológica, n. 44, p. 9-16, 2003.

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ PAMPANI, A. **A História aos Passos de Jacinta: vida e militância da poeta cruzalense (1937-1945)**. In: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, XV., 2021, On-line. Anais da XV Semana de História Política. Rio de Janeiro: UERJ, 2021. 1727-1742.

⁶⁰ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 31.

sempre com um caráter questionador, contribuindo para a construção de sua identidade crítica e sua sólida base humanística. No poema “Contrição” ela demonstra estar arrependida por pecados cometidos dizendo:

Perdoa-me, Senhor,
por ter acreditado
que todas as franquezas de minha miséria humana,
que as minhas quedas e as minhas incalculáveis possibilidades de queda,
que minhas fugas para longe de ti – infidelidades à minha vocação eterna –,
que minhas recusas aos apelos de tua graça,
que as formas todas do meu egoísmo radical,
que a minha incapacidade absoluta de elevar-me para ti,
que tudo isso, Senhor,
fosse mais invencível, mais forte
do que a onipotência do teu amor infinito.⁶¹

Este poema, escrito em 1937, personifica a relação de J. Passos com fé e sua relação com Deus. A contrição representa o arrependimento pungente do cristão pelos pecados cometidos, no poema em questão, o eu lírico demonstra sua culpa e almeja o perdão através da confissão, para assim, se aproximar de Deus. Em “Cântico de exílio”, no qual revela uma angústia ainda mais profunda, sugerindo que somente uma conexão íntima com Deus poderia aplacar sua inquietude, deixando implícito que talvez apenas com a morte fosse possível vislumbrar um mundo de paz.

Esta angústia vive dentro de mim,
Somente há de ter fim,
quando nada mais existir entre nós,
quando num dia sem crepúsculo. eu me
abismar em ti,
no teu esplendor absoluto.⁶²

Jacinta Passos claramente demonstrava que estava em busca de seu propósito no mundo, pois ainda não havia encontrado algo que a preenchesse completamente. Ela era uma mulher determinada e, ao longo de sua juventude, dedicou-se intensamente à busca por um significado profundo em sua vida. Nesse período, iniciou sua colaboração com um setor católico, focando mais em questões sociais, a poeta leu livros de filosofia cristã para assimilar os ideais da Doutrina Social Católica e se aproximou dos monges beneditinos, uma ala mais

⁶¹ PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. Nossos poemas. Salvador: Ed. Bahiana, 1942. Todos os poemas de Jacinta Passos publicados em Nossos Poemas, foram retirados do livro de Janaina Amado. A partir de agora, ao longo do texto, será indicado a página dos mesmos na obra. p. 46.

⁶² PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 40.

progressista da Igreja.

A Doutrina Social Católica ofereceu à jovem um novo prisma para compreender o mundo ao seu redor. Por estar inserida na Igreja, um espaço socialmente aceito para mulheres naquela época, Jacinta encontrou conforto para explorar suas novas concepções de mundo dentro do contexto religioso. Este movimento católico, com ênfase no social, ganhou relevância no Brasil como uma estratégia para recuperar o espaço e o prestígio da instituição perdidos após 1890, com a proclamação da República e a separação entre Estado e religião (fim do padroado). A Igreja entendia que “nada poderia ser realizado ou nenhuma reforma social concretizar-se-ia sem a delimitação clara de políticas que incorporassem o caráter cristão ao ambiente laico”⁶³. Conforme apontado por Gonçalves:

A plena estruturação do catolicismo num ambiente diferenciado do período imperial foi possível porque o Estado republicano soube prover e amparar sob o aspecto legal as organizações católicas. Em meados dos anos 1930, aos bens constitucionalmente conquistados pelos católicos, foram integradas com radicalidade as políticas de caridade pública sob o formato das subvenções.⁶⁴

Em uma sociedade profundamente dominada pelo patriarcado, uma mulher que reconhecesse seu desejo de viver com muito mais liberdade do que era socialmente esperado enfrentava uma situação nada fácil. A partir das leituras dos escritos da poeta, é possível reconhecer em Jacinta uma mulher observadora desde a juventude, atenta, com opiniões que a diferenciavam das suas irmãs e das outras mulheres de sua família. À proporção que crescia, possivelmente, ela percebera que havia outra alternativa para as mulheres, que não necessariamente se encaixasse no modelo tradicional de casamento, vida doméstica e maternidade, ideais que eram difíceis de serem aceitos na década de 1930, no Brasil. Compreender a origem de sua família, a posição social que ocupavam naquela região e o contexto no qual ela vinha é fundamental para entender quem foi Jacinta Passos e tudo o que ela teve que romper para se tornar a mulher que escolheu ser.⁶⁵

2.2 O despertar da vida política e literária

Simultaneamente aos questionamentos e dúvidas existenciais de Jacinta Passos, que já

⁶³ GONÇALVES, Marcos. **Caridade, abre as asas sobre nós: política de subvenções do governo Vargas entre 1931 e 1937**. Revista Varia historia, v. 27, n. 45, p. 317-336, 2011.

⁶⁴ GONÇALVES, Marcos. *Op. Cit.*, p. 317-336.

⁶⁵ PAMPANI, A. *Op. Cit.*, p. 1727-1742.

iniciara sua vida adulta, seu pai enfrentava as dúvidas políticas em decorrência da perda do cargo como deputado estadual, que ocorreu em meio ao redesenho das forças políticas locais durante a Revolução de 1930, culminando na dissolução das Assembleias Legislativas Estaduais em todo o país, uma medida promovida pelo novo presidente, Getúlio Dornelles Vargas.⁶⁶ Após quatro anos, Manoel Caetano conseguiu retornar à vida política, reconstruindo antigas alianças com as elites rurais e estabelecendo novos vínculos ao se filiar ao Partido Social Democrático (PSD). Ele adotou a política liberal promovida pelo então interventor da Bahia, Juracy Magalhães, aliado direto do presidente.⁶⁷

O final da década de 1930 foi conturbado, tanto no Brasil como no resto do mundo, além do início da Segunda Guerra Mundial em 1939, o Brasil vivenciou um regime ditatorial. Entre 1936-37, o cenário político brasileiro estava agitado devido às proximidades das eleições presidenciais que escolheriam o sucessor de Getúlio Vargas. Vargas, entretanto, tinha intenções de se manter no poder e, nos bastidores, trabalhava para cancelar o pleito. O pretexto para tal foi o Plano Cohen, um documento fabricado e atribuído aos membros da Internacional Comunista, alegando um complô comunista para tomar o poder no Brasil. O Plano descrevia ações como incêndio de prédios públicos, greves gerais, saques, depredações e a eliminação de autoridades civis e militares. A divulgação desse plano gerou pânico e insegurança na sociedade. Vargas usou essa situação para solicitar a decretação do estado de guerra, dizendo ser necessário para enfrentar a ameaça comunista. Conseguindo isso, em 10 de novembro de 1937, ele instaurou o Estado Novo, um regime ditatorial que lhe permitiu governar sem restrições democráticas e sem ser preciso convocar eleições.⁶⁸

Na Bahia, após a instauração do regime estadonovista, o novo interventor, Antônio Fernando Dantas, lançou uma repressão aos comunistas e seguiu as diretrizes do governo federal, não tolerando qualquer forma de oposição às políticas centralizadoras e autoritárias em vigor.⁶⁹ Carlos Zacarias de Sena Júnior, ao analisar as táticas e estratégias políticas dos membros do Partido Comunista do Brasil (PCB) na Bahia entre 1936 e 1948, descreveu os primeiros momentos da governança do novo interventor da Bahia da seguinte maneira:

os comunistas continuaram sendo os principais inimigos do Estado [...] Na

⁶⁶ STARLING, Heloisa M.; SCHWARCZ, Lilia M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das, 2015. p. 361.

⁶⁷ CPDOC. **Carta de Juracy Magalhães a Getúlio Vargas**. 31.01.1933. Classificação: GV c 1933.01.31/1.

⁶⁸ PRIMO, Jacira Cristina Santos. **Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934-1937)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2006. p. 117-118.

⁶⁹ SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im) possível-1936-1948**. 2007. p. 101-102.

Bahia, a interventoria do coronel Antônio Dantas que substituiu ao governo de Juracy Magalhães, desenvolveu uma implacável perseguição aos militantes do PCB, ao ponto de apreender milhares de romances de Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos [...] Da mesma forma, deu-se a prisão de inúmeros intelectuais, estudantes, profissionais liberais, militantes, operários e lideranças sindicais, identificadas com o comunismo, a democracia e o antifascismo na Bahia.⁷⁰

Ao mesmo tempo em que o Brasil iniciava um novo capítulo de sua história política com a ditadura do Estado Novo, Jacinta Passos estava passando por um período de autodescoberta ideológica. Foi um período repleto de novas vivências para a poeta, especialmente após se aproximar de seu irmão mais novo, Manoel Caetano Filho, o Nelito. Entre todos os irmãos, Nelito era aquele que compartilhava mais afinidades com Jacinta, demonstrando interesse tanto pela literatura quanto pelas questões sociais. Foi ele quem introduziu Jacinta nos círculos de estudantes de esquerda e intelectuais da capital baiana. Apesar de ser mais jovem que a irmã, era Nelito quem a acompanhava em suas saídas, uma vez que na década de 1930, as mulheres ainda precisavam estar na companhia de um homem para serem aceitas e respeitadas em determinados espaços sociais.

Manoel Caetano Filho era aluno da Faculdade de Medicina da Bahia, onde começou a se envolver com os movimentos de esquerda. A juventude desempenhava um papel crucial na cena política de Salvador nesse período. Nas instituições de ensino superior, grupos como a Associação Universitária da Bahia (AUB) e a União Democrática Estudantil (UDE), sob influência comunista, bem como a Associação dos Estudantes da Bahia (AEB), lutavam contra o fascismo e as políticas autoritárias de Vargas e do Estado Novo.

De acordo com Zacarias Sena Junior, as faculdades se tornaram um terreno fértil para o crescimento dos movimentos de esquerda. Isso se devia ao fato de que essas instituições eram de difícil acesso para a repressão varguista por terem grande circulação de pessoas, o que dificultava o reconhecimento de militantes, como também por serem frequentadas por jovens de famílias abastadas e da elite, tanto da capital quanto do interior do estado⁷¹, a exemplo da família Passos, embora a família não desfrutasse do mesmo prestígio de décadas anteriores, ainda mantinha um nome respeitado na sociedade baiana.

No final dos anos 1930, Jacinta concentrou-se mais em sua poesia, apresentando-a a poetas e intelectuais durante encontros literários relacionados à Ala das Letras e das Artes (ALA). Esta agremiação era conhecida por promover grandes iniciativas culturais e reunia

⁷⁰ *Ibid.*

⁷¹ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p., p. 128-129.

intelectuais e artistas locais. Foi fundada por Carlos Chiacchio⁷², um dos críticos literários mais influentes da época. Foi Chiacchio quem publicou a primeira crítica sobre Jacinta Passos em sua coluna no jornal *A Tarde*, enaltecendo seus poemas e a sua forma de escrita, afirmando que, “Sem nenhuma pretensão a gênio, mas com toda a espontaneidade de alma, Jacy Passos⁷³ é uma das mais legítimas expressões do nosso lirismo feminino”⁷⁴ Esse reconhecimento alavancou a escritora para o cenário literário da Bahia, garantindo-lhe destaque nas letras da região.⁷⁵

Em 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, Jacinta já estava profundamente envolvida com os movimentos de esquerda e, finalmente, parecia estar encontrando realização pessoal, dedicando seus esforços à luta por suas convicções e usando sua escrita como uma ferramenta para combater o fascismo.

Jacinta viveu intensamente esses acontecimentos. Informava-se sobre a guerra, lia todos os jornais e livros que encontrava sobre o assunto, aprofundava-se no estudo do surgimento do fascismo, ouvia na rádio as últimas notícias sobre a guerra. [...] Escreveu vigorosamente contra o nazifascismo nos jornais, e trouxe a questão da guerra para sua poesia.⁷⁶

No poema “A guerra”, escrito em 1940 e posteriormente publicado em colaboração com seu irmão Manoel Caetano, Jacinta aborda diretamente a Segunda Guerra Mundial, demonstrando sua crescente preocupação com a conjuntura sociopolítica mundial.

Eu sou a humanidade que sofre.
Sofro, nesta fornalha imensa onde se misturam homens de todos povos, a dolorosa experiência dos meus erros milenares,
do meu radical egoísmo
que não aceitou a realidade total, que fez
de si o centro do universo,
ergueu fronteiras entre os seres humanos, dividiu o
mundo em pedaços minúsculos [...] ⁷⁷

O termo “radical egoísmo” aparece em “Contrição”, outro poema de Jacinta analisado neste trabalho. Nesse contexto, o “egoísmo radical” é retratado sob uma perspectiva cristã,

⁷² Carlos Chiacchio foi ensaísta, crítico de arte e jornalista mineiro, fundador da Ala das Letras e das Artes e a Nova Cruzada. Foi redator semanal do jornal *A Tarde* na Bahia entre 1918 a 1946. Escreveu alguns livros como *A Margem de uma Polêmica* em 1914 e *Modernistas e Ultramodernistas* em 1951. Ver mais em: BAHIA, Médicos Ilustres da. Filhos Ilustres da Bahia. Disponível em: <http://ilustresdabahia.blogspot.com/2014/02/162-carlos-chiacchio_22.html>. Acesso em: 26 de jun. de 2021.

⁷³ Pseudônimo literário usado por Jacinta Passos no começo da sua vida poética.

⁷⁴ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 449.

⁷⁵ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 357.

⁷⁶ *Ibid.*

⁷⁷ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 56.

sendo entendido como uma barreira que impede a aproximação com Deus. No poema, Jacinta expressa arrependimento por suas falhas. Em “A guerra”, a poeta personifica a humanidade como um todo e atribui a ela este egoísmo, como uma característica fundamental e arraigada na natureza humana, que tem consequências como a divisão entre as pessoas e a fragmentação do mundo. Ambos os poemas parecem explorar a ideia de como o egoísmo pode ser uma força poderosa e dominante na experiência humana, afetando as relações interpessoais, as escolhas individuais e até mesmo a percepção do mundo como um todo. Os poemas refletem temas que ressoam tanto os valores cristãos de amor ao próximo e renúncia do ego quanto com as críticas comunistas ao egoísmo e à desigualdade social.

No dia 3 de fevereiro de 1942, a capital baiana testemunhou uma grande manifestação contra as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e em apoio à entrada no Brasil na guerra ao lado dos Aliados (Inglaterra, França, União Soviética e Estados Unidos). O evento reuniu não apenas comunistas, mas também o interventor Landulpho Alves, o prefeito de Salvador, Neves da Rocha, alguns militares e membros da sociedade em geral. Todos marcharam pelas ruas da cidade, “estremeando as palavras de protesto [...] À frente da caminhada, além dos comunistas, um automóvel trazia um grande retrato do presidente Getúlio Vargas”⁷⁸.

Ainda neste ano, Jacinta e seu irmão publicaram o livro “Nossos Poemas”, que foi dividido em duas partes: a primeira intitulada “Momentos de Poesia” e continha poemas de J. Passos, enquanto a segunda parte, chamada “Mundo de Agonia”, continha poemas de Manoel Caetano Filho. O livro recebeu críticas positivas, o que contribuiu para solidificar ainda mais a reputação dos dois no cenário intelectual da Bahia. Uma dessas críticas foi publicada por um autor desconhecido na revista *Seiva*. Na crítica, o autor escreveu:

São criaturas deste mundo que vê coisas terrenas (embora se note que a poetiza ainda está um tanto perdida pelos céus e só mais recentemente vai se aproximando da terra [...]) que existem motivos para a poesia aqui embaixo mesmo: homens, mulheres e crianças lutam e morrem e sofrem muitíssimo antes de morrer [...] não importa igualmente que a sra. Jacinta Passos ainda não encontrasse claramente o seu caminho. Mas não tardará encontrá-lo.⁷⁹

A análise dessa crítica permite compreender a evolução da poética de Jacinta à medida que seu interesse pelos acontecimentos políticos no país crescia e sua aproximação com o Partido Comunista do Brasil se intensificava. Ela participava de reuniões do partido e também de comícios realizados por militantes que se opunham à ditadura do Estado Novo e aos

⁷⁸ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 146-147.

⁷⁹ Nossos poemas. *Revista Seiva*, Salvador, vol III, p.45, 10 de out. de 1942.

regimes autoritários europeus.

Uma outra crítica, feita por Lafaiete Spínola, publicada pelo jornal *O Imparcial*, apresenta Jacinta Passos como “uma artista, senão de monumentos grandiosos, pelo menos de delicados painéis”. Spínola continua descrevendo a poética de Passos como:

Extremamente impressionista e, mais ainda, impressionada, possui, contudo, um defeito raro nas mulheres: pensa. Preocupa-se com os problemas do absoluto, entretém-se com as incógnitas da metafísica, sublima a sua inquietação no culto a uma entidade que reveste as feições de um deus, mas um deus puramente humano, que se diversifica e se transforma a cada momento. O “Senhor” de seus poemas, que se ductiliza ao pensamento plástico da artista, não toma, em parte alguma, os traços religiosos de um criador qualquer, antes é a realização de um símbolo a que se socorre o espírito, agitado pela avidez da verdade e pela neurose da dúvida.⁸⁰

Mesmo com o desejo em exaltar a obra da artista, o crítico usa de uma ironia que reflete exatamente a surpresa dos homens ante uma mulher que se expõe em tintas públicas, que deforma e transforma o que vê, como nos versos do já examinado “Cântico de exílio”, atribuindo-lhe um defeito com ares de qualidade, o de ousar pensar.

Estou cansada, Senhor.
Minha alma insaciável,
a minha alma faminta de beleza,
ávida de perfeição,
é perseguida pelo teu amor.
[...]
Dos meus lábios, irrompe como um grito
meu cântico de exílio.
Ah! Senhor, quando se há de realizar
a aspiração profunda do meu ser?⁸¹

Comentários críticos como os proferidos por Lafaiete Spínola, podem ter provocado em muitas mulheres, o que Sandra Gilbert e Susan Gubar denominaram de “ansiedade de autoria”. As autoras referem-se à preocupação das mulheres escritoras com sua condição de autoras, observando que muitas delas sentem insegurança em identificar-se como escritoras, devido à desvalorização frequentemente atribuída à escrita feminina, muitas vezes considerada como particular, representando experiências restritas apenas a elas mesmas. A falta de representatividade histórica, somada às restrições sociais e educacionais, também contribuiria para essa insegurança, gerando uma ansiedade em relação à autoria, resultante das

⁸⁰ SPINOLA, Lafaiete. Um livro e dois poetas. *O Imparcial*, Salvador, 24 de out. 1942, p. 5.

⁸¹ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010, p. 40.

dificuldades e desafios enfrentados pelas mulheres no meio literário.⁸²

Alexsandra Cardoso, ao investigar como a ansiedade de autoria se manifesta nos escritos da poeta Ana Cristina Cesar, a partir de seus processos singulares de subjetivação na criação poética, indica que a “ansiedade de autoria feminina atinge a escritora em seus temores diante dos desafios de produção e socialização das suas obras, uma vez que a mulher não tem referências de escrita como sempre tiveram os homens escritores”.⁸³ Ela também explora a ansiedade de autoria feminina em meio ao contexto da Ditadura Militar, “aparelhado para proibir a livre expressão, ainda mais quando a livre expressão é vinda das vozes de mulheres”⁸⁴

Jacinta também produziu parte de sua obra dentro do contexto ditatorial estadonovista, o que provavelmente influenciou na sua percepção de si mesma como escritora e a pressão que sentia em relação à sua produção poética. Um exemplo disso é o poema analisado anteriormente, no qual ela questiona “Senhor, quando se há de realizar a aspiração profunda do meu ser?”⁸⁵, demonstrando sua busca por algo que a preenchesse e a fizesse sentir-se realizada.

Além de estudar e se informar sobre questões políticas, Jacinta começou a contribuir com seus escritos na revista *Seiva* e no jornal *O Imparcial*. Nos artigos publicados nesses periódicos, a jornalista abordava principalmente temas relacionados à literatura, ao mesmo tempo em que fazia críticas contundentes aos regimes totalitários e autoritários vigentes. Ela também defendia veementemente uma maior participação política das mulheres, convocando-as a se unirem à luta por seus direitos e pela democracia.

No início dos anos 1940, Jacinta, que ainda mantinha seu ofício de professora na Escola Normal, também iniciou seu envolvimento com a Legião Brasileira de Assistência (LBA), na qual atuou como voluntária durante os anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. A LBA foi um órgão assistencial do Estado, fundado em 1942 pela então primeira-dama Darcy Vargas, após o anúncio de Getúlio Vargas sobre a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. O objetivo principal da LBA era prestar apoio às famílias cujos entes queridos haviam sido convocados para lutar ao lado dos aliados na guerra. Esse evento teve um impacto significativo em diversos aspectos da sociedade brasileira, abrangendo as esferas

⁸² SANTOS, Rosana Cássia dos. Clarice Lispector e a autoria feminina: tensões literárias. **Revista da Anpoll**, v. 51, p. 16-25, 2020.

⁸³ CARDOSO, Alexsandra Costa. **Ansiedades de autoria feminina em Ana Cristina Cesar e Luiza Neto Jorge**. 2022. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

⁸⁴ *Ibid.*

⁸⁵ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010. p. 40.

política, econômica e social. A LBA desempenhou um papel crucial ao informar e mobilizar a sociedade sobre o contexto político do país naquele período, além de arrecadar fundos para auxiliar as famílias que dependiam financeiramente dos combatentes na guerra.

A LBA promoveu um protagonismo feminino muito importante em meados do século XX no Brasil. Embora Michelle Barbosa negue o pioneirismo de Darcy Vargas nas práticas filantrópicas no Brasil, visto que já no século XIX diversas mulheres estiveram ligadas a assistência social⁸⁶, sua atuação é uma referência importante quanto a um novo lugar das mulheres, afirmação reforçada por Michelle Perrot em *História das mulheres no Ocidente*:

As mulheres souberam apoderar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados para alargar a sua influência até as portas do poder. Aí encontraram os rudimentos de uma cultura, matriz de uma consciência de gênero. Tentaram também ‘sair’ daí para terem ‘finalmente lugar em toda parte. Sair fisicamente, deambular fora de casa, na rua, ou penetrar em lugares proibidos – um café, um comício – viajar. Sair moralmente dos papéis que lhes são atribuídos, ter opinião, passar da submissão à independência: o que pode acontecer tanto no público como no privado.⁸⁷

A Legião Brasileira de Assistência desempenhou para as mulheres dos estratos sociais mais elevados um papel semelhante ao que a Igreja exercia décadas atrás. Essa organização tornou-se uma maneira de legitimar a saída das mulheres de seus lares para praticar uma forma de “maternidade social”. Era uma nova forma de filantropia, desvinculada da religião, mas igualmente importante, que permitia às mulheres ingressar em novos campos de atuação, facilitando sua participação na política. Embora essas atividades voluntárias fossem aceitas e até encorajadas pelas famílias, para algumas mulheres, representavam muito mais do que uma simples ação filantrópica. Elas conseguiam interagir com os poderes políticos, mesmo que ainda se concentrassem em temas e interesses do mundo feminino, como família e maternidade. No entanto, essa atuação já representava um grande avanço em suas vidas e histórias, assim como a expansão de suas redes sociais e de influência.

Os pais de Jacinta apoiavam o seu envolvimento em atividades sociais, uma vez que compartilhavam com a filha o repúdio às ideias fascistas e o temor de sua disseminação pelo mundo. À medida que a guerra progredia, Jacinta fortalecia suas convicções comunistas e se aproximava de pessoas ligadas ao PC, que conheceu por meio dos jornais e revistas nos quais

⁸⁶ BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA):** O protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946). 2017. 244f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

⁸⁷ DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente.** O século XIX. Porto: Ed. Afrontamento/São Paulo: EBRADIL, 1994. p. 503.

publicava seus textos. Entre essas pessoas estavam o diretor da revista Seiva, João Falcão⁸⁸, que também era militante do partido e Jorge Amado⁸⁹, que já era um escritor consagrado, e que futuramente se tornaria seu cunhado.

Tais acontecimentos deram início a uma nova fase na escrita de J. Passos. A poeta deixou de lado a temática religiosa centrada em seu “eu interior” para se concentrar nas preocupações sociais. Essa mudança representou um rompimento com uma imposição secular sobre escritoras, que eram preferencialmente limitadas a discutir somente temas do cotidiano feminino, enquanto outros assuntos eram considerados inadequados, como mencionado pela historiadora Márcia Barreiros.⁹⁰ Em “Nós, os Cristãos”, um dos últimos registros da poeta escrevendo sobre essa temática, já se torna possível reconhecer uma mudança na sua relação com a religião:

Senhor,
na realidade eterna de tua vida divina,
contemplas dentro do teu Verbo
todas as criaturas.
Contemplas os cristãos
que não continuam através do tempo
a presença do teu Verbo encarnado.
Não somos a tua imagem.
Somos apenas uma caricatura,
nós, os cristãos
que aceitamos a injustiça na face da Terra.⁹¹

A partir deste poema percebemos uma mudança no significado da religião católica para Passos, nos textos anteriores, os leitores conseguiam enxergar uma devoção a Deus, como uma fé inabalável. Em que pese o seu amadurecimento enquanto mulher e militante, ela já sente a necessidade de questionar o seu papel como cristã. Possivelmente a militância política fez com que a poeta se afastasse do catolicismo, tema que será praticamente ausente em suas poesias subseqüentes. De acordo com as pesquisas de Janaína Amado, não existem

⁸⁸ Foi um jornalista baiano, nascido em Feira de Santana, em 1919, sua vida política começou aos 18 anos, sob a égide do Partido Comunista do Brasil (PCB). Ativo na militância do PCB mesmo na clandestinidade, lutou contra o Estado Novo de Getúlio Vargas, o que causou sua prisão e exílio na Argentina, em 1938. Foi jornalista e editor, ajudando na criação da revista Seiva, em que assumiu essas funções. Em 1958 fundou o Jornal da Bahia, permanecendo até 1983. Falcão se tornou membro da Academia de Letras da Bahia e possui seis livros publicados. Ver mais em: < <https://omomento.org/a-memoria-de-joao-falcao/> >.

⁸⁹ Nascido em Itabuna, sul da Bahia, em 1912, foi um dos maiores representantes da literatura brasileira moderna. Político e jornalista, na década de 1940 lutou contra o autoritarismo Estado Novo, tendo que se exilar na Argentina e no Uruguai. Membro da Academia Brasileira de Letras, colaborou em diversos jornais no Brasil, no O Imparcial, dirigiu a coluna “A Hora da Guerra”. Foi militante político por muitos anos, defendendo ideias do PCB, no qual ocupou o cargo de Deputado Federal mais votado de São Paulo. Ver mais em: < <https://www.jorgeamado.org.br/sobre/> >.

⁹⁰ LEITE, Márcia Maria da Silva. 2005. *Op. Cit.*, p. 46-51.

⁹¹ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010. p. 74.

registros de algum episódio específico que explique essa mudança na vida da poeta.⁹² No entanto, é provável que essa transição tenha ocorrido de forma natural à medida que ela explorava outros universos e se envolvia mais profundamente na política e nas questões sociais.

Versos de anos anteriores, repletos de dúvidas e incertezas existenciais, agora aparecem com segurança e determinação, refletindo o seu destino e a clareza do que desejava sentir e fazer em relação à vida. Jacinta encontrou na poesia uma forma de reconhecer o seu lugar, um lugar que estava perdido desde a infância, quando ela já observava o mundo de maneira profunda, muito além do que era socialmente aceitável para uma mulher de sua origem privilegiada. Isso é evidenciado no poema “Canção da Liberdade”, escrito pela poeta em 1943:

Eu sou planta sem raiz
Que o vento arrancou do chão, Já
não quero o que já quis, Livre, livre
o coração,
Vou partir para outras terras,
Nada mais eu quero ver,
Só o gosto de viver. [...] ⁹³

Jacinta sempre foi reconhecida por sua família como uma mulher de temperamento forte, embora tenha recebido a mesma educação que todas as mulheres da família Passos desde a infância. No entanto, à medida que os anos passaram, o comportamento da jovem, ativa e intelectualmente talentosa, passou a ser um ponto de atrito com sua família.⁹⁴ Para os Passos, era complicado entender que, nos primeiros anos da década de 1940, uma mulher que estava inserida em um ambiente socialmente dominado por homens precisava ser firme para ser respeitada por suas ideias. É comum, até nos dias de hoje, que as pessoas rotulem mulheres independentes como de “gênio forte” para justificar suas ações que fogem dos padrões socialmente aceitos. No entanto, essas mulheres, na maioria das vezes, estão apenas vivendo suas vidas e ocupando os espaços que lhes pertencem na sociedade, assim como fez Jacinta Passos.

À medida que Jacinta se envolvia mais com a militância comunista, suas saídas tornaram-se mais frequentes, em especial nos espaços predominantemente masculinos - uma

⁹² AMADO, Janaina. *Op. Cit.*, p. 362.

⁹³ PASSOS, Jacinta. *Canção da Liberdade*. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 91-92.

⁹⁴ AMADO, Janaina. *Op. Cit.*, p. 357-359.

atitude que não era bem vista por toda a família Passos.⁹⁵ As preocupações e as críticas dos pais da poeta em relação a suas atividades fora de casa aumentaram, principalmente por Jacinta ainda morar na casa da família, no sobrado em Nazaré. Quanto mais eles pressionavam, mais ela se distanciava, com medo de que sua luta fosse desacreditada. Retroceder significaria perder grande parte do espaço que havia conquistado, e Jacinta estava ciente disso. Seu temperamento forte e seu total comprometimento com suas causas não a permitiam ceder a comentários da família. A discordância política entre Jacinta e o seu pai também contribuiu para o afastamento familiar, já que eles estavam lutando contra o Estado Novo por motivos diferentes: enquanto Jacinta defendia uma causa social, seu pai estava envolvido em uma disputa de poder e apenas se opunha ao governo que havia retirado seu mandato em 1934. Janaína Amado descreve as semelhanças entre Jacinta e Manoel Caetano:

Fisicamente e por temperamento, Jacinta e o pai eram bastante parecidos, ambos de índole forte, reservados, severos, convictos das ideias que defendiam, fiéis às pessoas e agremiações que compartilhavam das suas causas, dotados de agudo senso de justiça, ambos caudatários da tradição política familiar.⁹⁶

A política sempre deteve um papel central na vida da família Passos, seja com o patriarca Themístocles, seu filho Manoel Caetano, ou sua neta Jacinta. Essas semelhanças, quando contrastantes, poderiam levar a conflitos, como o que aconteceu entre Jacinta e seu pai, já que ela entrou em um espaço tradicionalmente dominado por homens. Como enfatiza Michelle Perrot, “mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria”.⁹⁷ Quando uma mulher consegue se estabelecer em espaços públicos como esses, como fez a poeta, muitas vezes choca e desafia as normas sociais, sofrendo também muitas consequências dos seus atos.

2.3 Consolidação dos passos poéticos e militantes

Entre o fim de 1943 e 1945 a vida pessoal de Jacinta Passos mudou completamente, após dois anos de intensa militância política, a poeta conheceu aquele que viria a ser seu futuro marido, James Amado. Descrito como “um jovem de 21 anos, esguio, bonito, que causava boa impressão entre as mulheres, um jovem intelectual de esquerda cheio de energia,

⁹⁵ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 357-359.

⁹⁶ PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 7

⁹⁷ *Ibid.*

interessado em artes, curioso do mundo”.⁹⁸ Por já ser amiga e companheira de militância de Jorge Amado, irmão de James, o encontro entre eles inevitavelmente aconteceu ao final de 1943, quando o jovem foi para a Bahia para as comemorações de final de ano.

Segundo relatos contidos em sua biografia, um simples fim de semana juntos foi suficiente para que Jacinta e James se encantassem um pelo outro, que em março de 1944, o casal formalizou a união em São Paulo, três meses depois do primeiro encontro, em um casamento apenas no civil, sem a presença de familiares, apenas amigos como testemunhas. Essa atitude de Jacinta, mais uma vez, reflete sua ruptura com os valores cristãos da família Passos e seu crescente afastamento de sua própria família, provavelmente justificado pelas diferenças ideológicas entre eles.⁹⁹ Como James, já era residente na capital paulista, Jacinta foi ao seu encontro após obter uma bolsa de estudos para aprimorar suas habilidades como professora.

O papel da esposa dentro do casamento, naquele contexto geral, sempre foi de subserviência ao marido e, posteriormente, aos filhos. Só no ano de 1943 entra em vigor na legislação brasileira a permissão para mulher casada trabalhar fora do lar sem a autorização do marido. Entretanto, o mesmo artigo da CLT diz que os homens poderiam impedi-las de cumprir suas novas funções, caso considerassem o trabalho perigoso ou fora dos padrões aceitos para uma mulher séria.¹⁰⁰

Ser professora era uma das profissões aceitas para as mulheres e por Jacinta continuar lecionando, este não era um confronto que ela precisaria enfrentar na sociedade, dentre tantos outros fundamentais que combateu ao longo dos anos. A exemplo de sua vida política, visto que em meados da década de 1940 a ideia de possuir mulheres nesses espaços públicos ainda estava começando a vigorar. Esta é uma discussão antiga, desde o século XIX já se discutia o lugar da mulher dentro desses locais, como aponta Michelle Perrot ao analisar a sociedade francesa nas últimas décadas deste século “[...] aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos”.¹⁰¹

Jacinta e James possuíam uma vida estável, mas sem luxo. Ela com seu salário de professora, acrescido da bolsa que recebera. Já ele realizava traduções e recebia dinheiro do

⁹⁸ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 367.

⁹⁹ PAMPANI, A. **A História aos Passos de Jacinta: vida e militância da poeta cruzalmeno (1937-1945).** In: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, XV., 2021, On-line. Anais da XV Semana de História Política. Rio de Janeiro: UERJ, 2021. 1727-1742.

¹⁰⁰ MARQUES, Teresa Cristina de Novaes; MELO, Hildete Pereira de. **Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962: ou como são feitas as leis.** Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 2, p. 475, 2008.

¹⁰¹ PERROT, Michelle. 2017. *Op. Cit.*, p. 177.

pai, grande fazendeiro de Ilhéus, no sul da Bahia. Apesar de perder o conforto da vida antiga na casa dos pais, Jacinta viveu intensamente a vida na capital paulista e fez muitos contatos, como com Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Sérgio Milliet, grandes intelectuais da época. Na cultura também encontrou diversos amigos, como Lasar Segall, Graciliano Ramos e Clóvis Graciano.¹⁰²

Em São Paulo, Jacinta continuou sua militância ferrenhamente, junto aos novos companheiros políticos que fez na cidade. Muitos deles já eram conhecidos por James nas reuniões do PCB local. O Comitê Regional (CR) do partido no maior centro industrial do país era dirigido anteriormente por Arruda Câmara, antigo líder do partido na Bahia, após sua mudança para São Paulo em prol da reestruturação partidária feita por lá entre o fim de 1939 e os primeiros meses de 1940, depois da queda de vários líderes do partido na cidade.¹⁰³ Após disputas políticas conflitantes, Câmara muda-se para o Rio de Janeiro e deixa a organização do CR sob o comando de Caio Prado Junior e Heitor Ferreira Lima. Os novos dirigentes defendiam “combinar a política de União Nacional contra o inimigo externo, com o combate, sem tréguas, à direita brasileira, portanto ao governo Vargas”, como aponta Carlos Zacarias, diferentemente do grupo de Arruda Câmara, apoiador de uma aproximação com o presidente.¹⁰⁴

Nesse período, Jacinta se encontrava imersa nas lutas do PC no Brasil, se destacando no partido, e nas reuniões, comícios e congressos, entretanto sua filiação legalizada aconteceu apenas no fim de 1945, quando foi candidata a deputada federal constituinte pelo PCB na Bahia, acontecimento que discutiremos mais à frente nesta pesquisa. Entretanto, Jacinta já se considerava comunista e defendia as pautas partidárias, frequentava eventos e reuniões, além de chefiar delegação feminina para eventos, participando ativamente de encontros e manifestações, redigindo textos que abordam a condição feminina, pauta sempre muito presente em sua escrita, e destacando o papel crucial que as mulheres desempenhariam na fase que o mundo e o país estavam prestes a enfrentar.

O ano de 1945 foi decisivo para a política de todo o mundo, com a iminente derrota do Eixo e do nazifascismo, os países, principalmente os que se envolveram na Segunda Guerra Mundial, ansiavam por mudanças e pela reconstrução de suas vidas. Em praticamente todas as nações envolvidas na Guerra ocorreu uma vigorosa mobilização das sociedades em prol da restauração. A sede democrática alastrou-se da Europa para todos os continentes. No contexto

¹⁰² AMADO, Janaína *Op. Cit.*, p. 370-371.

¹⁰³ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 126.

¹⁰⁴ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 191.

brasileiro, durante o clima de esperança que acompanhou o término da guerra e o retorno dos soldados brasileiros ao país, diversos estratos da sociedade, incluindo figuras políticas, estudantes, membros das forças armadas, mulheres, trabalhadores e intelectuais, buscaram estabelecer formas de organização. O Estado Novo começou a ruir devido ao desejo incessante por democracia.

As pressões sofridas por Getúlio Vargas fizeram com que o governante precisasse tomar medidas repressivas contra as manifestações desejando o fim do seu governo e por eleições diretas. Esse foi um momento em que a sociedade civil se juntou para lutar juntos, e Jacinta Passos viveu profundamente esse momento. Junto a militantes do PCB e outros intelectuais do país, a poeta integrou a delegação baiana no I Congresso Brasileiro de Escritores. Esse encontro aconteceu em São Paulo, e reuniu intelectuais não só comunistas, mas como também de outras correntes ideológicas, mas todos com o mesmo propósito, lutar pela liberdade de expressão e redemocratização do país.¹⁰⁵

Felipe Lima ao pesquisar sobre esse Congresso para sua dissertação de mestrado, cita a participação de J. Passos no evento, no qual ela ficou responsável pela análise da tese “O nível cultural da Nação - Sugestão de um meio que pode contribuir para elevá-la” de A. Hoffman. A tese retratava a necessidade de ampliar o acesso ao conhecimento científico, artístico e técnico para além das classes privilegiadas, com a criação de uma revista informativa, entretanto Hoffman teria sugerido que esta iniciativa poderia partir dos órgãos de propaganda do governo de Getúlio Vargas, o que desagradou a Jacinta enquanto relatora.

Lima afirma que Passos rejeitou a tese de Hoffman, pois considerou que a proposta prática de criação de uma revista, apesar de ter um propósito de difundir conhecimento, seria apoiada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, que fazia parte do regime ditatorial que o próprio Congresso de Escritores buscava derrubar.¹⁰⁶ É possível inferir que a consideração dela tenha sido pautada na percepção de que apoiar essa tese poderia ser interpretado como uma forma de endosso implícito à ditadura de Vargas e à sua maquinaria repressiva, o que consequentemente ia de encontro ao objetivo central do Congresso dos Escritores Brasileiros.

Em 8 de maio de 1945, o Eixo assina sua rendição e redesenha todo cenário mundial. No Brasil, o presidente Getúlio Vargas foi duramente pressionado por grupos que eram contra o seu governo, como o Partido Comunista do Brasil, além de grande parte dos brasileiros em

¹⁰⁵ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 373.

¹⁰⁶ LIMA, Felipe Victor. **O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 117-118.

geral, que clamavam por eleições diretas no país, retidas totalmente a partir de 1937. Vargas percebeu que, com o fim da Segunda Guerra, seria necessário buscar novas alianças para postergar o fim do seu governo. Decidido a tomar medidas para iniciar uma transição democrática, o presidente se distanciou de uma imagem ditatorial ao conceder anistia para os exilados e a libertação de presos políticos.¹⁰⁷

Luiz Werneck Vianna discute o período de transição para a democracia no Brasil, afirmando os atores políticos da classe operária enfrentaram dois caminhos principais, ambos “pelo alto”, ou seja, liderados pelas elites. A análise de Luís Werneck Vianna destaca que tanto os trabalhadores quanto os membros do PCB (pecebistas) na época não buscaram criar uma proposta alternativa para a transição democrática, limitando-se a escolher entre as opções apresentadas por Vargas e pelos liberais. Vianna destaca que, por essa transição ser controlada pelas elites, os trabalhadores não foram cúmplices, mas sim reféns da conjuntura política em vigor. Ele refuta a ideia de que os trabalhadores e o PCB tiveram uma participação significativa, apenas as elites nacionais estavam verdadeiramente envolvidas na disputa pelo controle da formação do regime democrático.¹⁰⁸

Arnaldo Spindel também considera que nem os comunistas, nem os trabalhadores tiveram influência significativa na redemocratização no Brasil, pois estavam subordinados aos interesses de Vargas. Segundo ele, “é nossa opinião que a afirmação da independência do PCB nesta aliança não corresponde à realidade. O Partido Comunista assume uma posição dependente em sua ligação com o ditador”.¹⁰⁹ Ele argumenta que o envolvimento dos membros do PC na democratização era motivado pelo desejo de controlar o Ministério do Trabalho e garantir uma posição de destaque em um eventual governo liderado por Vargas após o estabelecimento do regime democrático.¹¹⁰

O PCB já vinha se organizando de forma coesa antes da anistia, pois sua popularidade foi aumentando cada vez mais entre os operários, profissionais liberais, estudantes e jornalistas. Leandro Konder sugere um ponto crucial na história política em que os comunistas “puderam vir inteiramente a superfície, se revelaram completamente aos olhos da opinião pública e, além disso, apareceram no cenário da vida política nacional como um partido de massas”¹¹¹. Dessa maneira, o partido rompeu as barreiras da marginalização

¹⁰⁷ STARLING, Heloisa M.; SCHWARCZ, Lilia M. *Op. Cit.*, p. 388.

¹⁰⁸ VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e Sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p. 253.

¹⁰⁹ SPINDEL, Arnaldo. **O Partido Comunista na gênese do populismo**: análise da conjuntura da redemocratização no pós-guerra. São Paulo: Edições Símbolo, 1980. p. 19.

¹¹⁰ *Ibid.*

¹¹¹ KONDER, Leandro. **A democracia e os comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. p. 49.

tornando-se uma uma força significativa, reconhecida e organizada publicamente. O intelectual comunista também sinaliza que:

Desde 1944, sentindo-se abandonado por setores importantes das classes conservadoras, Vargas procurou mobilizar mais resolutamente do que antes os trabalhadores [...]. As manobras políticas de Vargas, visando manter a direção do processo que conduzia à inevitável liquidação do Estado Novo, criaram condições propícias para uma aproximação, nas bases, entre os militantes do PCB e os getulistas¹¹²

Nesta conjuntura, o CR na Bahia decidiu criar um veículo de imprensa aos moldes da antiga revista *Seiva*, servindo como porta-voz do programa comunista, mas, desta vez, sem precisar se esconder da censura estadonovista. O semanário nomeado de *O Momento* foi às bancas pela primeira vez em 9 de abril, nove dias antes do decreto de Getúlio Vargas concedendo a anistia aos exilados políticos.¹¹³

Ao longo dos caminhos que levaram à derrota do Eixo, existiram intensas movimentações não só entre os pecebistas, mas entre toda a população brasileira. No Rio de Janeiro, aconteceu o maior comício da história da cidade, encabeçada pelo principal nome de toda história do Partido Comunista Brasileiro, Luiz Carlos Prestes, preso há 9 anos e libertado após a anistia. Na Bahia ocorreram diversas movimentações, não só dos dirigentes do partido no estado, mas de toda a população que clamava por democracia.¹¹⁴

A ditadura estadonovista chegou ao fim de forma gradual, à medida que Getúlio Vargas enfrentava derrotas sucessivas. Após uma série de manifestações, ocorridas em 28 de fevereiro de 1945, o presidente Vargas assinou o Ato Adicional à Constituição, com o objetivo de, nos três meses seguintes, estabelecer a data das próximas eleições para o cargo de Presidente da República e para os cargos legislativos em nível estadual e federal.

Enquanto militante comunista, as pautas femininas e feministas sempre foram uma das mais importantes para Jacinta, ela acreditava que a participação das mulheres, nesse novo momento da política brasileira, era essencial. Foi nesse momento que suas concepções políticas começaram a refletir totalmente na sua poesia, de perspectiva engajada socialmente, característica que ficou na sua poética até o fim dos seus dias. Zélia Gattai, mulher de Jorge Amado, em uma carta contida em um de seus livros, demonstra a imersão de Jacinta na política e este novo momento da sua escrita:

¹¹² KONDER, Leandro. *Op. Cit.*, p. 51-52.

¹¹³ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 258-259.

¹¹⁴ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 268.

Nessa noite faríamos um comício na Lapa. Jorge [Amado] veio ao meu encontro:

– Tenho hoje uma tarefa especial para você.

Entregou-me um papel datilografado, um poema dedicado a Anita Leocádia Prestes, da poetisa Jacinta Passos. Começava assim: “Pequenina, doce menina / teu pai é nosso, nosso irmão e guia / nós te queremos, voltarás um dia!...” Li o poema sem adivinhar o que Jorge pretendia que eu fizesse com ele, mas fui logo esclarecida:

– Você vai ler esse poema hoje, no comício.¹¹⁵

O trecho do poema de Jacinta refere-se a Anita Leocádia Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes com Olga Benário, que na Alemanha nazista, em 1936, ficando sob a tutela do país após a prisão da sua mãe em campo de concentração. Desde antes do seu nascimento, sua avó Leocádia, mãe de Prestes, fez esforços significativos para libertar Olga e Anita, pedindo ajuda de órgãos como a Sociedade das Nações e da Cruz Vermelha Internacional. Leocádia Prestes buscou apoio diplomático para convencer as autoridades alemãs a libertação de ambas. Não se limitando apenas aos esforços dentro do Brasil, mobilizou apoio internacional, contando com a solidariedade de organizações e ativistas ao redor do mundo. Em 1938 Leocádia consegue a libertação da sua neta pela Gestapo, exilando-se com ela no México. Entretanto Olga Benário é assassinada em 1942, enquanto Luiz Carlos Prestes estava preso pela ditadura do Estado Novo.¹¹⁶

Por Prestes e Olga serem um símbolo de resistência e luta pelos comunistas, natural que Jacinta e outros militantes se empenhassem e se solidarizassem na campanha pela libertação de Anita Prestes para voltar ao Brasil, principalmente enquanto seu pai estava preso pela ditadura do Estado Novo, sendo solto somente em 1945, com a campanha de anistia de Vargas e as pressões para novas eleições.

Há um fato considerável de se pontuar quando se fala da consolidação política e literária de J. Passos, pois as conquistas e o lugar que ela conseguiu chegar dentro da militância comunista e do início do seu prestígio como escritora, se deu – além de seu inegável talento – em consequência de quem era dentro daquele núcleo social. Jacinta veio de uma família tradicional no interior baiano, cresceu rodeada de privilégios e mesmo que posteriormente tenha abandonado a maioria deles, isso ainda estava intrínseco nela. Historicamente, as mulheres mais abastadas conseguem maior prestígio na sociedade que as mulheres pobres, assim como as mulheres brancas em relação às mulheres negras,

¹¹⁵ GATTAI, Zélia. Um chapéu para viagem. Editora Companhia das Letras, 2010. *Apud.* AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. SciELO-EDUFBA, 2010. p. 374.

¹¹⁶ PRESTES, Lygia. Leocádia Prestes: Mãe Coragem! 2008. Disponível em: < <https://pcb.org.br/portal2/1261> >. Acesso em: 24 de janeiro de 2018

demonstrando que mesmo as mulheres passando pelas mesmas opressões, essa “identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero”.¹¹⁷

Um exemplo disso é a relação de Jacinta com a Legião Brasileira de Assistência, pois, como já dito anteriormente, essa organização filantrópica é formada, em sua grande maioria, por mulheres da alta sociedade brasileira, tendo como fundadora a primeira-dama da República, Darcy Vargas. Suas raízes remontam às antigas atividades filantrópicas promovidas pela Igreja Católica, em que as mulheres desempenhavam um papel central. Para Michele Tupich Barbosa, a LBA representava um espaço no qual:

[...] os sujeitos femininos são modelados tanto para serem mulheres, como para ocuparem e desenvolverem atividades próprias dos padrões de feminilidade. Portanto, comportamentos e ações reconhecidos como masculinos não podem ser protagonizados pelas mulheres e, a fim de equilibrar essas diferenças, são delimitados os espaços, os saberes e os lugares ocupados pelas mulheres.¹¹⁸

A partir dessa observação feita por Barbosa, tornou-se essencial examinar o papel de Jacinta nessa sociedade, dado que a poeta pareceu se conformar com um discurso que ela mesma criticava e que vai de encontro ao programa político seguido por ela. A LBA estava fundamentada em uma visão de gênero que ainda relegava às mulheres ao papel de cuidadoras e donas de casa. Ao assumir uma posição dentro dessa organização, Jacinta se encaixava nesse modelo predefinido, mesmo que suas ações e escritos, sejam em poemas ou artigos, expressassem o contrário. Assim, é possível perceber que, mesmo renunciando a diversos privilégios, ela ainda carregava consigo, como muitas outras mulheres da elite envolvidas na militância comunista da época, os privilégios de classe.

Naquele contexto, a escritora baiana não enfrentou de maneira direta a discussão sobre as desigualdades de gênero, em vários de seus artigos publicados em jornais, como no jornal *O Imparcial*, Jacinta fala da Legião e da importância da participação feminina nessa organização e consequentemente, na participação delas na Segunda Guerra Mundial, mas mesmo ela afirmando que os membros da LBA querem falar com “todas as mulheres, sem distinção de cor e condição social, que precisam lutar pela sua própria dignidade de mulheres, contra o fascismo”¹¹⁹, ela não aprofunda sobre as questões de classe e nem de raça, não conseguindo compreender que antes do fascismo atingir essas mulheres, outras questões as

¹¹⁷ CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, v.17, n.49. 2003.p. 120.

¹¹⁸ BARBOSA, Michele Tupich. *Op. Cit.*, p. 173.

¹¹⁹ Jacinta. **Palestra radiofônica de Jacinta Passos na semana de propaganda da Legião Brasileira de Assistência**. *O Imparcial*. Salvador. 26 de março de 1943.

atingem cotidianamente, como a pobreza, a fome e o racismo, pensamento comum entre as mulheres militantes comunistas, pois para elas não era possível combater essas e outras opressões em um mundo em que o fascismo fosse vitorioso.¹²⁰

Dessa maneira, é importante pontuar as contradições e os acertos na caminhada política e literária de Jacinta Passos, pois isso também fazem parte de quem ela é, e das diversas camadas que são possíveis de se aprofundar a partir da sua trajetória. Jacinta se tornou militante comunista ativa não apenas em Salvador, mas também em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Aracaju. Isso ressalta o poder que as mulheres de sua geração tiveram ao desafiar o sistema opressor e elas se destacaram em lugares em que suas vozes eram frequentemente desconsideradas. Como muitas outras mulheres, ela pagou um preço alto por sua audácia.

¹²⁰ OS FUNDAMENTOS SOCIAIS DA QUESTÃO FEMININA. Arquivo Marxista na Internet. 27 de ago. 2016. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1907/mes/fundamentos.htm>>. Acesso em: 08 de mai. de 2024.

3 PASSOS DE UMA ATUAÇÃO FEMININA NA IMPRENSA POLÍTICA BAIANA

Nosso objetivo neste capítulo consistiu em analisar as contribuições de Jacinta Passos para a imprensa baiana, examinando seu discurso jornalístico-político-poético. Para esse fim, foram estudadas suas colaborações na revista *Seiva* e no jornal *O Imparcial*, visando investigar as principais temáticas abordadas por Jacinta durante seu período de colaboração nesses periódicos. Estes forneceram uma valiosa perspectiva para nossa pesquisa, permitindo-nos compreender como a escritora percebia os acontecimentos políticos e históricos do Brasil. Os métodos de análise dos periódicos se guiaram pelas temáticas utilizadas por Jacinta nesses veículos de imprensa, versando principalmente sobre Segunda Guerra Mundial, atuação das mulheres na política e literatura.

Paralelamente a isso, o contexto histórico vivido por Jacinta é retratado, pois há momentos em que a história e a vida de Jacinta Passos se entrelaçam, tornando-se possível elencar algumas considerações acerca dos diversos momentos em que essas narrativas se unem, como a trajetória do PC no Brasil, o fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. Esses acontecimentos formaram a escritora que ela foi e influenciaram na forma com que escreveu, fazendo essa mulher se reinventar dentro de sua própria história e dos acontecimentos políticos do país.

3.1 Imprensa comunista na Bahia: os nomes ares da revista *Seiva*

Durante a década de 1940, o Brasil experimentou um período tumultuado caracterizado por intensa agitação política e social. À medida que a Segunda Guerra Mundial se aproximava, o Brasil, como o resto do mundo, monitorou de perto os eventos e mudanças significativas que ocorreram durante esse conflito global transformador. Dentro dos limites da ditadura do Estado Novo, o presidente Getúlio Vargas solidificou habilmente sua autoridade, reconhecendo o papel crucial do controle da mídia na formação da opinião pública e na manipulação da sociedade.

A estratégia de dominação de Vargas deu-se pelo controle dos diversos departamentos vinculados à publicidade, propaganda e cultura, arquitetados pelo presidente ao longo de seu governo. O mais longo e complexo entre eles foi o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939. A criação do DIP tinha como objetivo principal encontrar diversas formas de aproximação entre Getúlio Vargas e a sociedade. Para tal fim, foram

distribuídos livros e cartazes, além da produção de filmes, congressos e programas radiofônicos, controlando rigorosamente o que poderia ser divulgado ou não pelos meios de comunicação. O órgão também era incumbido de gerenciar a imagem externa do Brasil.¹²¹

A Divisão de Imprensa era uma entre as seis divisões que o departamento contava. Sua função era supervisionar jornais e revistas, produzir diariamente notas a serem publicadas nesses veículos e fazer a supervisão do que estaria ou não liberado para ir às bancas. Matérias ou reportagens não aprovadas que fossem impressas e distribuídas, poderiam acarretar na prisão do diretor do periódico e o risco do local ser fechado, tendo suas atividades suspensas temporária ou definitivamente.¹²²

Não obstante à política de repressão do governo e guiados pelas palavras de Lenin ao evidenciar a necessidade de veículos de agitação, que colaborasse com a disseminação do programa comunista para um grande número de pessoas¹²³, o Partido Comunista do Brasil (PCB), em conjunto com seu Comitê Regional na Bahia, fundou a revista *Seiva*. Este periódico cultural foi criado para funcionar como uma frente antifascista no terreno da cultura entre os anos de 1938 a 1943, servindo como arma política contra o autoritarismo que dominava o Brasil na primeira metade do século XX.

O Partido Comunista do Brasil somente despontou no cenário baiano a partir de 1930. Na década anterior o grupo era incipiente no estado, carecendo de uma estrutura organizada e de nomes que assumissem a linha de frente das decisões estaduais¹²⁴. Só em 1936, com a chegada do Secretariado Nacional à Bahia, as movimentações internas aconteceram com mais rapidez. Ademais, como tratado no capítulo anterior, após Landulpho Alves assumir a interventoria na Bahia em março de 1938, a política de perseguição ao PCB diminuiu, desse modo, mesmo na clandestinidade os militantes pecebistas conseguiram organizar um núcleo dirigente para o partido no estado.

Nomes como Lauro de Araújo, Diógenes de Arruda Câmara e Armênio Guedes foram os responsáveis por recompor o Comitê Regional da Bahia, que anos depois veio a se tornar um dos CR's mais importantes do país em 1940.¹²⁵ Petilda Vazquez destaca a importância da Bahia, em toda década de 40, desde a ilegalidade até a sua reorganização em 1945, tornando-se um dos núcleos mais fortes do PC no Brasil, os militantes baianos desempenharam um papel essencial na promoção da campanha pela redemocratização do

¹²¹ VIEIRA, Ana Paula Leite. Op. Cit., p. 70-78.

¹²² *Ibid.*

¹²³ LENIN. V. I. **Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 239.

¹²⁴ LIMA, Aruã Silva de. Op. Cit., p. 99.

¹²⁵ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. Op. Cit., p. 102.

país. Segundo Vazquez, a Bahia liderou um grande movimento de massas, através da formação de uma frente democrática que englobava uma variedade de grupos sociais, como estudantes, intelectuais e trabalhadores.¹²⁶

A juventude baiana foi a principal responsável pelo crescimento do partido. Esses jovens tinham, em sua maioria, pouco tempo de vivência partidária, mas foram suas ideias que fizeram com que o Comitê Regional baiano ganhasse força, culminando na criação da Seiva. De acordo com Daniela Ferreira, pesquisadora da revista durante sua primeira fase¹²⁷, a Seiva foi a única revista ligada ao PC baiano a escapar do Departamento de Imprensa e Propaganda. Ferreira discorre como ocorreu o desenvolvimento do periódico até a sua elaboração.

Desde o surgimento da proposta de uma revista até a sua circulação foram meses de trabalho e incertezas. Não seria tranquilo driblar a censura, a polícia e os anticomunistas. Os questionamentos giraram em torno de como fazer? Como fugir da perseguição? Como não possibilitar a identificação com comunistas? Qual o nome? Onde a revista se instalaria? De onde sairia o dinheiro a ser investido? Como circularia? Perguntas que permearam sempre a trajetória e as edições da revista Seiva.¹²⁸

A primeira ideia do Comitê Regional da Bahia era de a revista possuir um representante novo, sem ligações com o partido. Foi então que surgiu o nome de João da Costa Falcão, jovem estudante de Direito, filho de uma importante família de Feira de Santana, interior da Bahia. Por ser recém-chegado ao partido, Falcão foi a pessoa ideal para dirigir a Seiva naquele momento, lá permanecendo durante os quase cinco anos de funcionamento da revista. Além de João Falcão, outros dirigentes do CR baiano como Rui Facó, Diógenes Câmara, Aristeu Nogueira e Armênio Guedes colaboraram para criação da revista.¹²⁹ Este último, em entrevista à Terra Magazine feita em 2009, contou como foram os primeiros anos da Seiva:

Essa revista surgiu depois do golpe de 1937, que instalou o Estado Novo. Estimulou todo tipo de atuação política nossa diante da derrota que nós

¹²⁶ VAZQUEZ, Petilda Serva. **Intervalo democrático e sindicalismo—Bahia 1942-1947**. 1986. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 1986. p. 49.

¹²⁷ A Seiva possuiu duas fases, a primeira entre 1938 a 1943, quando foi fechada pelo Governo de Getúlio Vargas. A revista voltou às bancas na década de 1950. Ver mais em: FONTES, Rafael Oliveira. *A Seiva de uma juventude: intelectualidade, juventude e militância política* (Salvador, Bahia, 1932-43). 2011. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.

¹²⁸ FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças: a materialização da revista Seiva (1938-1943)**. 2012. p. 43.

¹²⁹ FERREIRA, Daniela de Jesus. Op. Cit., p. 43.

havíamos sofrido. Pra ter uma idéia, qualquer publicação, na época, tinha que ser registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda. E os diretores, as pessoas que se propunham a fazer uma revista, editora ou jornal, tinham que ter uma folha corrida, atestado de ideologia, para dar início, registrar a revista. Você podia registrar no cartório de Registro Civil o título e a propriedade do título. Mas, pra começar a funcionar, tinha que ter a aprovação do Departamento de Imprensa e Propaganda, o famoso DIP, coisa da primeira era getulista. A revista foi uma iniciativa de João Falcão, mas foi uma decorrência do trabalho anterior nosso, como militantes do Partido Comunista.¹³⁰

Para escapar da censura do Departamento de Imprensa, os organizadores da revista inicialmente resolveram não tratar de temas que falassem diretamente dos movimentos de esquerda ou que atingissem o governo, nem nada que colocasse em risco sua liberdade. O objetivo inicial era tratar sobre cultura, mas sempre com um viés democrático de fundo. Carlos Zacarias, ao pesquisar sobre o Partido Comunista do Brasil, expõe que os outros diretores da Seiva, Virgildal Sena, Eduardo Guimarães e Emo Duarte, todos convidados por Falcão, não foram informados sobre a aproximação da Seiva com o PCB, pois era importante que a revista trouxesse nomes de jornalistas diversos, não somente os que, de alguma forma, estavam ligados à militância comunista¹³¹, ajudando mais ainda a sair dos olhos da censura.

Os temas centrais do periódico perpassavam por assuntos ligados a política, como economia, educação, desigualdades sociais e raciais, e, principalmente, sobre a Segunda Guerra Mundial e seus impactos no Brasil e internacionalmente. Além desses temas, um dos objetivos da revista consistia em valorizar a cultura, assim, ciências e literatura eram temáticas frequentes em suas páginas. Renomados escritores como Jorge Amado, e jovens literatos como Manoel Caetano Filho e Jacinta Passos foram alguns dos redatores comprometidos a colaborar com a revista em sua primeira fase.¹³²

Jacinta Passos foi a mulher mais frequente a publicar artigos nas páginas da Seiva, seguida por Maria Yedda Leite¹³³, educadora cearense, que, diferente de J. Passos, escrevia sobre temas voltados para importância da mulher na guerra, enquanto a literata discorria sobre de forma mais abrangente os problemas sociais causados pela Segunda Guerra Mundial, como

¹³⁰ GUEDES, Armênio. **Entrevista concedida a Terra Magazine**, 04/12/2011. Disponível em: <<http://www.observatoriadaimprensa.com.br/entre-aspas/terra-magazine-38298/>>. Acesso em 14 de nov de 2023.

¹³¹ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. Op. Cit., p. 103-104.

¹³² FERREIRA, Daniela de Jesus. Op. Cit., p. 52.

¹³³ Ao contrário de Jacinta Passos, Maria Yedda Leite não se considerava comunista, apesar de frequentar núcleos do PCB, ser antinazista, a educadora afirma que nunca seguiu nenhum partido político e sim, foi uma militante no ponto de vista social. Maria Yedda foi historiadora e uma das mais importantes professoras da URJ Ver: FRIZZO, F.; MOERBECK, G.; JOÃO, M. T. Entrevista com a professora Maria Yedda Linhares. Cantareira, Rio de Janeiro, v. 3, p. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/mat/ent2.htm>>. Acesso em: 01 set. 2023.

veremos mais à frente. Faz-se necessário destacar que Jacinta Passos era somente colaboradora espontânea da *Seiva*, fato comum entre as mulheres que exerciam essa função na época. Por muitos anos a imprensa foi um local predominantemente masculino, José Hamilton Ribeiro afirma que em 1930:

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço.¹³⁴

A visão masculina, inclusive dos militantes do PC, sobre a participação e a posição que as mulheres ocupavam na redação da revista, não se distingue dos ideais machistas predominantes na sociedade. Esses mesmo homens foram criados e educados em uma sociedade patriarcal, cujo papel dominante dentro e fora do lar pertencia ao sexo masculino, dessa maneira, os fatores culturais não podem ser dissociados da conduta militante desses indivíduos. Michelle Perrot desnuda essa conduta condenando o espaço dedicado à mulher na política, ao refletir de que forma essa “é uma profissão de homens, concebida e organizada no masculino”¹³⁵, prática que oprime o sexo feminino e as impede de alcançar o mesmo degrau que os homens na militância.

Mesmo com poucas mulheres na redação da revista *Seiva*, Jacinta Passos, que já era leitora assídua da revista quando foi convidada a publicar seus poemas, conseguiu publicar nas edições 13º a 18º.¹³⁶ Enquanto colaboradora da *Seiva*, a poeta publicou seu primeiro artigo em 1942, na 13º edição da revista.¹³⁷ “Sentido atual da literatura” versa sobre como a importância da literatura está vinculada à realidade social e política, sendo engajada e militante, sob pena de fazer apenas uma caricatura do assunto.

Na obra literária o artista, dentro da condição humana, exprime ou representa a realidade. E como, dentro de cada condição humana, a realidade é alguma coisa móvel que se transforma sem cessar, a literatura é também um movimento. [...] Quando alguém, dentro da arte, procura falsear a realidade, procura prolongar épocas históricas que já terminaram, consegue apenas caricaturas e não serem humanos. O ridículo nasce da falta de proporção.¹³⁸

¹³⁴ RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998. p.31.

¹³⁵ PERROT, Michelle. 1998. *Op. Cit.*, p. 129

¹³⁶ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 360.

¹³⁷ FERREIRA, Daniela de Jesus. *Op. Cit.*, p. 75.

¹³⁸ PASSOS, Jacinta. **O sentido atual da literatura.** *Seiva*. Salvador. nº. 13. agosto de 1942. p. 09.

A partir desse artigo é inegável reconhecer o rigor de Jacinta com sua escrita e a maneira como ela prezava, acima de tudo, pela verdade dos fatos, revelando-se também como uma crítica da história e não somente como uma poeta. Ademais é importante ressaltar sob qual ótica Jacinta escreve, o lugar no qual ela está inserida e quais os processos ideológicos que ela atravessava, mesmo que inconscientemente. Michel Pêcheux conceitua esse pensamento como formações ideológicas¹³⁹, sendo os sistemas de representações e valores que moldam o pensamento e a linguagem das pessoas e que operam de maneira intrínseca no discurso, desempenhando um papel fundamental na construção de significados e na produção de ideologia.

A imprensa política brasileira é um campo fértil para a aplicação da análise do discurso de Pêcheux, pois envolve uma variedade de atores políticos, principalmente quando se analisa uma escrita feminina em uma revista com uma inclinação política de esquerda, na qual as condições de produção como o contexto social, ideológico e cultural da época influenciam na escrita das mulheres nessa imprensa e em como suas falas reverberam nos discursos trazidos por esses contextos. Assim, Jacinta enquanto sujeito interpelado por ideologias, torna-se um sujeito do inconsciente, transmitindo o sentido de diferentes formas, nesse caso, o discurso usado por ela para transcrever seus textos sejam eles poéticos ou jornalísticos, sempre estarão carregados de suas formações ideológicas que foram construídas ao longo dos anos e da sua aproximação com o PCB.

Na edição 14ª publica o poema “Mensagem às crianças do mundo”, em que mostra sua preocupação com a realidade à sua volta. Consciente dos acontecimentos recentes da guerra, J. Passos reflete sobre as consequências de longo alcance sentidas em diferentes partes do globo, como China, Alemanha, Rússia, Itália e Ilhas Oceânicas. O poema captura vividamente o medo nos olhos das crianças que “espiam assustados/ as grandes aves metálicas e os monstros marinhos carregados de homens/ homens dos continentes distantes que vêm matar e morrer nas vossas ilhas oceânicas”¹⁴⁰. Em uma interpretação mais aprofundada, é possível afirmar que Jacinta acreditava que seria possível alcançar um futuro melhor, lembrando aos adultos - pois já foram crianças um dia - que:

Muito além desta hora terrível,
chegará um tempo no tempo
em que a polícia, a moral, as leis e todas as coisas acidentais

¹³⁹ HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. [1971]. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007, p. 13-32.

¹⁴⁰ PASSOS, Jacinta. **Mensagem às crianças do mundo**. Seiva. Salvador. nº. 15. dezembro de 1942. p.12-13.

serão inúteis para a comunidade humana
como remédios para um organismo que recuperou a saúde.¹⁴¹

Esse trecho evidencia como Jacinta Passos estava imersa em seus estudos sobre a teoria marxista, além de aprender sobre a origem do fascismo para assim combatê-lo. Nas publicações da poeta na revista já se reconhece uma militante comunista totalmente convicta em sua forma de escrever e de enxergar o mundo. Em “Prisioneiro do Mito”, Jorge Ferreira retrata a entrada na militância comunista como uma jornada de transformação pessoal e compromisso com a luta pelos direitos e liberdades das massas oprimidas:

De maneira similar aos antigos ritos de passagens, também presentes em épocas mais próximas nas sociedades secretas, o novato experimentava o ritual simbólico da morte e da ressurreição. Ser comunista, diziam eles, significava abandonar, para sempre, uma vida sem certezas, fragmentada, incoerente e conduzida passivamente pelos acontecimentos de uma realidade ininteligível para ter o domínio absoluto sobre seu próprio ser e libertar os povos da escravidão econômica, da opressão política e da miséria.¹⁴²

Essa metáfora de Ferreira, ressalta a profundidade e o significado da escolha de se tornar comunista, descrevendo o compromisso com o programa comunista como uma mudança fundamental na maneira como alguém percebe a si mesmo e o mundo ao seu redor. Ao comparar esse processo com um rito de passagem, ele destaca a ideia de que tornar-se comunista não é apenas adotar uma nova ideologia política, mas sim uma transformação pessoal profunda.

O último poema publicado por Passos na revista, também foi a última edição da Seiva a ir às bancas, antes do seu fechamento pelo DIP em julho de 1943.¹⁴³ Ela publicou o poema “Sangue Negro” em homenagem ao seu amigo e companheiro de militância, Jorge Amado. O poema trata do petróleo na Bahia e de como ele mudou toda a dinâmica social do estado, e conseqüentemente a do país. É um poema repleto de referências históricas, pois Jacinta compara duas fontes geradoras da riqueza da Bahia: a mão-de-obra negra escravizada e a exploração do petróleo:

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
no teu subsolo circula
sangue negro cor da noite,

¹⁴¹ *Ibid.*

¹⁴² FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito**: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: Mauad/EdUFF, 2002. p. 68.

¹⁴³ FERREIRA, Daniela de Jesus. *Op. Cit.*, p. 77.

da cor do preto africano,
preto cujo sangue escravo regou o solo baiano.

Terras curvas do Recôncavo
onde adormece o oceano,
de tuas veias abertas
escorre
o petróleo baiano,
sangue negro do Brasil.¹⁴⁴

Além dessa referência, o poema relaciona o desenvolvimento industrial no Brasil com a força do trabalhador braçal, este podendo ser interpretado como a verdadeira riqueza do país, pois vêm dele a força que move o trabalho, desde a mão-de-obra escravizada e compulsória até a mão-de-obra pauperizada e explorada. Para sustentar esta ideia, Jacinta cita o lavrador que, a partir do petróleo e do desenvolvimento das máquinas, passou da enxada para o arado mecânico, trazido por “homens de outras terras” através “dos ventos oceânicos”.¹⁴⁵

A edição nº. 18 continha também uma entrevista feita pelo repórter Jacob Gorender¹⁴⁶ a Manoel Rabelo, então general do governo e Ministro Supremo do Tribunal Militar, cuja postura divergia da forma como Vargas conduzia a participação do Brasil na guerra. Rabelo acreditava que o presidente estava “convocando os soldados para tarefas inúteis” e se isentando dos conflitos que a guerra poderia causar.¹⁴⁷ Em trechos da entrevista, Rabelo evidencia os seus descontentamentos com o governo e o desejo de combater o fascismo:

A participação do Brasil é imprescindível e necessária para sustentar o nosso prestígio internacional, que ficaria reduzido a zero se nos limitássemos ao papel de espectadores [...] para isso é preciso, entretanto, mudar os métodos até aqui empregados. [...] O povo brasileiro anseia por participar da luta. A sua bravura não pode ser posta em dúvida. [...] O que é preciso é ação. Ação intensiva na preparação militar do Brasil e não ficarmos até aqui mareando passo no mesmo terreno, adotando medidas insuficientes, retardadas e incompletas.¹⁴⁸

¹⁴⁴ PASSOS, Jacinta. **Sangue Negro**. Seiva. Salvador. nº. 18. dezembro de 1942. p.10-13.

¹⁴⁵ *Ibid.*

¹⁴⁶ Importante historiador marxista brasileiro. cursou Direito na Faculdade de Direito de Salvador em 1941, período em que se filiou ao Partido Comunista do Brasil. Mais tarde, abandonou os estudos para se juntar a Força Expedicionária Brasileira e lutar junto aos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Escreveu artigos em diversos veículos impressos pelo país e publicou vários livros como “A burguesia brasileira” em 1981, mas o mais famoso foi “O escravismo colonial”, publicado em 1978. Ver mais em: QUADROS, Carlos Fernandes de. **Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970)**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

¹⁴⁷ FERREIRA, Daniela de Jesus. *Op. Cit.*, p. 65.

¹⁴⁸ GORENDER, Jacob. **Entrevista especial do general Manoel Rabelo**. Seiva. Salvador. nº. 18. julho de 1943. p. 5-7.

Essa matéria chocou a mídia quando saiu às bancas, uma vez que a crítica havia sido feita por alguém de dentro do governo, ademais a Seiva nunca antes em suas edições utilizou uma retórica tão incisiva de ataque ao Estado Novo. Como era de se esperar, a revista foi fechada pelo DIP, tendo seus organizadores presos, os diretores da revista, João e Wilson Falcão e o autor da matéria, Jacob Gorender.¹⁴⁹ João Falcão, em seu livro de memórias sobre o Partido Comunista do Brasil, conta que neste episódio Jacinta Passos e outros colaboradores só não foram presos por não estarem na revista no momento da batida policial.¹⁵⁰

O fechamento da revista Seiva não impediu sua significativa contribuição para o crescimento do partido comunista no estado. De fato, a revista desempenhou um papel fundamental na formação de lideranças emergentes dentro do partido, que posteriormente assumiram posições de destaque no ativismo comunista, tanto na Bahia quanto em todo o país. Isso foi particularmente importante considerando o declínio do PCB devido à prisão de seus principais membros na região sul do país, sob o regime opressivo do Estado Novo. Como conta Zacarias:

Boa parte dos Comitês Regionais que se estavam recompondo naqueles tempos difíceis de ditadura estadonovista, terminaram caindo nas mãos da repressão [...] em maio de 1939, o CR de São Paulo, já inteiramente sob o comando do Bureau Político, foi totalmente desmantelado, com a prisão de 22 dos seus membros mais importantes [...] Já em abril de 1940 a polícia de Getúlio prendeu quase todos os membros da direção nacional do Partido que havia sido recomposta em meados de 1938 [...] Foram presos cerca de cinquenta outros comunistas, integrantes dos principais órgãos diretivos do Partido que tentava reerguer-se. [...] as prisões de 1939 e 1940, terminaram “desarticulando o PCB organicamente durante muito tempo” muito embora o Partido não tivesse deixado de existir e outras regiões do País, como o provam as atividades no Nordeste, especialmente na Bahia.¹⁵¹

Nesse período de consolidação da influência do partido no interior da Bahia, tanto nas áreas urbanas quanto rurais, muitos membros embarcaram em deslocamentos para diferentes partes do país. Esses indivíduos assumiram papéis significativos dentro do partido e contribuíram ativamente para os esforços de reestruturação em nível nacional após reveses anteriores.¹⁵² Com os desdobramentos na política baiana e o fechamento da revista Seiva pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), os membros do partido que continuaram no estado seguiram sua militância ativa contra o governo de Getúlio Vargas e as ideias

¹⁴⁹ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 219.

¹⁵⁰ FALCÃO, João. O Partido Comunista que eu conheci. (20 nos na clandestinidade). 2 ed. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000. p. 220 *apud* SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. 2007. p. 219.

¹⁵¹ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 120-121.

¹⁵² SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 127.

autoritárias que assolavam o país. Nomes como Jorge Amado, Jacob Gorender e Jacinta Passos publicaram artigos no jornal O Imparcial, entre os anos de 1942 e 1943.

3.2 O Imparcial e a escrita feminina: guerra, feminismo e poesia

O Imparcial foi fundado em 1918 por Lemos Britto, jornalista apoiador da Campanha Civilista no Brasil, tendo convivido com diversos proprietários ao longo de quase três décadas de existência. O segundo deles foi a Companhia Editora e Gráfica da Bahia, de propriedade de Álvaro Martins Catarino, político e industrial baiano, que comprou o jornal em 1933, período mais conservador da história do O Imparcial, com o avanço do integralismo na Bahia e consequentemente nas páginas do periódico.¹⁵³ Até os primeiros anos de 1940, esse jornal ficou conhecido como o grande porta-voz das ações integralistas no estado.

Em 1941, o jornal foi vendido novamente para um dos maiores chefes políticos do interior da Bahia, na região do Médio São Francisco, Franklin Lins de Albuquerque. Aliado antigo do ex-interventor Juraci Magalhães, o coronel não se adaptou as perdas de privilégios após a entrada de Landulpho Alves na interventoria da Bahia, em razão deste não simpatizar com o “caudilhismo sertanejo” praticado por Albuquerque, como nomeou João Falcão.¹⁵⁴

Ao pesquisar sobre as influências integralistas em O Imparcial, Laís Ferreira considerou que o interesse na aquisição do periódico foi totalmente político, uma vez que Franklin Albuquerque dispôs do jornal para ir de encontro às ações do novo interventor, com o objetivo de tirá-lo do poder. A direção ficou nas mãos de Franklin Júnior e Wilson Lins, ambos filhos do coronel, acarretando assim em um novo perfil editorial para o Imparcial, que passa a assumir “o papel de defensor da democracia, movendo uma agressiva campanha contra o que considerava a ameaça do nazi-fasci-integralismo”.¹⁵⁵

É importante sinalizar que a mudança editorial do jornal não se deu por questões ideológicas, mas sim pela necessidade de noticiar os acontecimentos que mais chamavam a atenção dos leitores, a exemplo das ofensivas de Hitler que fizeram a população apoiar, cada vez mais, os Aliados. À medida que a percepção em relação aos comunistas e à União Soviética se atenuava, tornava-se mais evidente a necessidade de adaptação da mídia para manter sua relevância e interesse para o público. O periódico adota essa posição de tolerância e de relacionamento mais próximo com os comunistas durante o período, denominado por

¹⁵³ FERREIRA, Laís Mônica Reis. **O integralismo na imprensa da Bahia**: o caso de O Imparcial. Revista de História Regional, v. 11, n. 1, 2006. p. 53-59.

¹⁵⁴ FALCÃO, João da Costa. 2000. *apud* FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Op. Cit.*, 2006. p 75.

¹⁵⁵ FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Op. Cit.*, p. 75.

Petilda Vazquez, como “Intervalo democrático”. Um período caracterizado pelo relaxamento dos aparatos repressivos, que ocorreu entre abril de 1945, com a anistia, e outubro de 1945, após o golpe que tirou Vargas do poder, sendo este um período de democratização, de tolerância e de abertura das ações dos comunistas.¹⁵⁶

Sob a direção dos irmãos Lins de Albuquerque, o periódico se transformou em um grande veículo na Bahia, a ir contra o autoritarismo de Adolf Hitler e Benito Mussolini. O jornal começa a deslizar para posições liberais, nessa condição o periódico acolhe a colaboração de alguns escritores comunistas, como Jorge Amado, Almir Neves e Jacinta Passos, que, praticando a política de União Nacional, vão escrever nas páginas do jornal, condenando as práticas nazi-fasci-integralistas.

Além das pautas diárias sobre os acontecimentos mais importantes do estado, o jornal publicava diariamente matérias sobre a Segunda Guerra Mundial, antes pedindo a entrada do Brasil no conflito e criticando o governo de Getúlio Vargas de colaborar com o nazismo, entretanto com o fim da “neutralidade” do governo em 22 de agosto de 1942 e o apoio aos Aliados, o jornal começou a respaldar as atitudes do então presidente.

A partir dessa nova dinâmica causada pela declaração de guerra ao Eixo, o PC no Brasil optou pela colaboração incondicional com o governo, devido à nova postura internacional de Vargas. Essa decisão implicou um entendimento complexo e aparentemente contraditório dos comunistas, que após muitas discussões dentro dos CRs estaduais, os pecebistas reconheceram a necessidade da união parcial com o governo de Getúlio Vargas, para combater o inimigo externo e as atividades da “quinta-coluna”.¹⁵⁷

Em que pese a decisão a primeira vista contraditória do partido, é possível entender esse contexto como uma resposta às demandas específicas no cenário nacional daquele momento. A decisão de seguir com a política institucional foi uma estratégia política que valorizava a política formal e as suas instituições, característica fundamental no pensamento e na ação do partido naquela época.

¹⁵⁶ É importante salientar a trajetória oscilante do Imparcial, pois em 1947, quando se inicia uma ampla perseguição aos comunistas, o jornal toma a linha de frente contra o PCB, com o próprio Wilson Lins atacando os comunistas. Apenas no começo da década de 1950, quando o Partido se coloca à frente dos movimentos contra a carestia, os dois vão se aproximando novamente. Entretanto, em 1964, o veículo apoia o golpe militar. Ver mais em: VAZQUEZ, Petilda Serva. **Intervalo democrático e sindicalismo—Bahia 1942-1947**. 1986. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 1986; FERREIRA, Laís Mônica Reis. **O integralismo na imprensa da Bahia: o caso de O Imparcial**. Revista de História Regional, v. 11, n. 1, 2006.

¹⁵⁷ Essa união foi apenas de cunho externo, pois internamente ainda houve prisões e retaliações aos comunistas. Ver em: SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível - 1936-1948**. p. 147-172.

Jacinta Passos, nesse momento já inteiramente envolvida na política baiana e nos movimentos da juventude comunista no país, foi redatora ativa do *Imparcial* entre os anos de 1942 e 1943, na qual publicava seus poemas e redigia artigos sobre a situação atual do Brasil e os acontecimentos do mundo. Posteriormente foi responsável por uma coluna semanal chamada Página Feminina. Sobre as atividades dos “quinta-colunistas”, Jacinta publicou um artigo relatando como esses grupos clandestinos e traidores de suas pátrias agiam “E assim continua a quinta-coluna, agindo em todos os setores de atividade nacional, desunindo, desanimando, confundindo, intrigando, sabotando o esforço de guerra para a vitória.” Além disso, o artigo trata de uma das tentativas dessa organização em desmoralizar a Legião Brasileira de Assistência, na qual Jacinta foi voluntária, chegando a ocupar uma diretoria no órgão.¹⁵⁸

A quinta-coluna está agindo contra a Legião Brasileira de Assistência porque sabe que a LBA está integrada à união nacional para a luta contra os bárbaros de Hitler. Todas as mulheres brasileiras, as que já trabalharam na LBA e as outras que serão futuras legionárias, precisam conhecer e descobrir as formas de ação da quinta-coluna para lutar contra ela. A quinta-coluna trabalha para impedir a inscrição de novas legionárias, espalhando boatos a respeito da Legião, alterando o seu verdadeiro sentido. A quinta-coluna age entre as próprias legionárias, intrigando, desunindo, alterando as palavras e os fatos.¹⁵⁹

À medida em que a construção ideológica de Jacinta Passos foi se solidificando cada vez mais dentro do PCB, suas atitudes e expectativas tornaram-se mais rígidas. Para ela, a omissão diante do estágio de guerra em que o mundo se encontrava era considerada tão grave quanto a traição. Ela acreditava que era crucial possuir uma sociedade mobilizada para combater o iminente perigo representado pelo fascismo.

O discurso de Jacinta era monocórdico, pautando sempre as temáticas de combate à guerra, à fome e ao nazifascismo. Ao discorrer sobre as questões políticas da guerra, o fazia sempre numa perspectiva aliada ao PC Soviético, escrevendo sobre isso e para isso. Essa prática não era somente individual da poeta, e sim coletiva, pois havia uma tendência de expressão artística e cultural praticada pelos membros do PC ao redor do mundo. A partir de 1947, o que era orientação passou a ser uma imposição, com o jdanovismo¹⁶⁰, política cultural

¹⁵⁸ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 358.

¹⁵⁹ PASSOS, Jacinta. **A quinta-coluna e a Legião Brasileira de Assistência**. O *Imparcial*. Salvador. 20 de janeiro de 1943. p. 2.

¹⁶⁰ O Jdanovismo foi uma política cultural soviética durante a Guerra Fria, associada a Andrei Zhdanov. Promoveu o realismo socialista como a única forma aceitável de arte, visando fortalecer a influência soviética e unificar o bloco comunista. Isso incluiu conferências e diretrizes que suprimiram expressões artísticas divergentes ao programa do partido soviético. Teve impacto significativo na produção cultural da URSS e de

que promoveu o realismo socialista como o estilo de arte oficial dos Partidos Comunistas. Esse “paradigma estético”, como afirma Dênis de Moraes, passou a nortear “a literatura e as artes”, para enfrentar os Estados Unidos e a máquina de propaganda capitalismo, e assim “exercer papel exclusivamente pedagógico, difundindo os esforços para a construção de um ‘mundo novo’ e de ‘um homem novo’ nos países socialistas”.¹⁶¹

Em “Fascismo desesperado”, um dos textos mais jornalísticos da autora publicados no jornal baiano, ela analisa a situação da Alemanha após a derrota em Stalingrado e como os grupos germano-fascistas se movimentaram para não perder o poder, cogitando-se até alterações do governo alemão:

Em todas as frentes de batalha, os nazistas sofreram derrotas fragorosas. As forças aliadas conquistaram Catânia e em quase toda a Sicília tremulam bandeiras das Nações Unidas. Aviões aliados bombardearam a Itália e bombardearam Hamburgo. Na China as forças de Chiang-Kai-Chek anunciam vitórias, e no palácio, Mac Arthur reconquista Munda [...] Essas vitórias das forças aliadas abalam cada vez mais forte e mais profundamente as trincheiras políticas do fascismo na Itália. A revolução popular é hoje uma realidade [...] Os nazistas preparam um golpe muniquista¹⁶², preparam a substituição de Hitler, para que o poder continue em suas mãos. E para isso, começam a mobilizar os fascistas e seus aliados em todo o mundo.¹⁶³

Durante os dois anos que foi redatora do O Imparcial, a escritora publicou diversos artigos com temáticas relacionadas à Segunda Guerra Mundial e em todos eles demonstrava muito conhecimento sobre os acontecimentos que abalaram o mundo. No artigo nomeado de “Sugestões para um programa”, publicado em outubro de 1942, a autora afirma a importância do conhecimento sobre o “inimigo” e indica que uma “ação organizada e perseverante, depende de uma clara compreensão do fenômeno nazista.”¹⁶⁴ Neste artigo Passos acredita ser de extrema importância compreender o nazismo enquanto um retrocesso na história da humanidade, para assim enfrentá-lo e combatê-lo. Em “Mensagem aos povos da Europa” Jacinta expressa todo nacionalismo presente em seus textos, ela manifesta como acredita em uma vida melhor para toda sociedade após o fim da guerra:

outros países comunistas. Ver mais informações em: MORAES, Dênis de. **O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

¹⁶¹ MORAES, Dênis de. Graciliano, literatura e resistência. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2012/11/28/graciliano-literatura-e-resistencia/>>. Acesso em: 16 de mai. de 2024.

¹⁶² Termo utilizado pelos comunistas para se referir ao que eles chamam de “traição de Munique”, quando, após a Conferência de Munique, em 1938, os líderes do Reino Unido e da França negociam a entrega da Tchecoslováquia e a Áustria para a Alemanha, excluindo a União Soviética das negociações e decisões. Ver mais em: SOUCEK, Josef. **O Caminho para o acordo de Munique**. A Defesa Nacional, n. 741, 1989.

¹⁶³ PASSOS, Jacinta. **Fascismo desesperado**. O Imparcial. Salvador. 10 de agosto de 1943. p. 2.

¹⁶⁴ PASSOS, Jacinta. **Sugestões para um programa**. O Imparcial. Salvador. 9 de outubro de 1942. p. 2.

Povos sofredores da Europa, já vem perto a hora da libertação [...] Escutai os passos dos soldados brasileiros, eles também marcharão, marcharão porque amam a liberdade e porque querem um Brasil independente e livre [...] Esperai de armas na mão. A vossa liberdade será uma obra vossa. Homens, mulheres, crianças da Europa escravizada, homens, mulheres, crianças, presos, maltratados, pisados, que vistes morrer milhares e milhares de irmãos vossos sob o chicote fascista [...] Nunca na história do homem houve, para todos os povos do mundo, tanta dor e tanta esperança, na face da Terra.¹⁶⁵

Jacinta acreditava no Brasil, no povo brasileiro e em seus soldados que foram lutar em nome de pátria, é importante refletir sobre como esse pensamento de Jacinta em determinados momentos pode ser considerado utópico, principalmente por vir de alguém que sempre demonstra enxergar o mundo com tanta racionalidade, entretanto pode-se inferir que essa utopia faz parte da construção política que a autora acredita para o Brasil e para o resto do mundo. Aqui, novamente, é possível reafirmar o conceito pecheutiana das condições de produção, quando afirma que as expressões do sujeito, nesse caso a escrita da jornalista J. Passos, sempre vão estar alicerçadas em uma representação de si mesma, de seu compromisso com a sociedade e sua identidade. Desse modo, essa representação de si mesma está fundamentada tanto em princípios como verdade e credibilidade quanto em uma consciência sobre os fatores que influenciaram a criação da mensagem que ela desejava passar para seus leitores. Entretanto, é importante reconhecer que são processos por vezes inconscientes, pois eles já estão internalizados, assim as bases ideológicas do pensamento de Jacinta sustentaram todos os seus discursos e ações políticas, literárias e pessoais até o fim da sua vida.

Enquanto comunista, poeta e jornalista, Passos sempre se mantinha atualizada dos acontecimentos da guerra, não só para conseguir redigir suas colaborações nos periódicos, mas porque acreditava ser importante que toda a sociedade compreendesse o que se passava na realidade a sua volta, principalmente as mulheres. Jacinta considerava primordial a participação feminina nos assuntos da guerra, acreditava que as mulheres eram peças fundamentais para ajudar no combate ao autoritarismo. Em “Mensagem das mulheres brasileiras” a poeta escreve sobre as atividades realizadas pelas mulheres naquele momento, citando um trecho de uma carta escrita pela primeira dama Darcy Vargas endereçada às mulheres das Nações Unidas em nome das brasileiras, revelando “o alto sentido patriótico e humano que está orientando o trabalho das mulheres no presente momento histórico”.¹⁶⁶

¹⁶⁵ PASSOS, Jacinta. **Mensagem aos povos da Europa**. O Imparcial. Salvador. 13 de julho de 1943. p. 2.

¹⁶⁶ PASSOS, Jacinta. **Mensagem das mulheres brasileiras**. O Imparcial. Salvador. 19 de outubro de 1943. p. 2.

E por que lutam as mulheres das Nações Unidas? Lutam porque esta guerra lhes interessa profundamente. Dos acontecimentos da guerra, da destruição do fascismo, de uma paz com a vitória dos povos ou de uma paz com a vitória do muniquismo, de tudo isso depende o mundo de amanhã e o lugar destinado à mulher nesse mundo.¹⁶⁷

É possível perceber uma preocupação em Jacinta em relação à posição social das mulheres em meio ao cenário da guerra. Novamente ela cita a LBA, comentando a respeito das diversas atribuições dentro da Legião. Entretanto tornou-se imprescindível reconhecer que ao escrever sobre essas mulheres, Jacinta faz um recorte político e ligado às ideias comunistas a qual se identificava, o que de certa forma, não abrange todas as mulheres, como será analisado mais de forma mais aprofundada no capítulo seguinte.

Os textos combativos sobre a guerra e seu empenho na escrita proporcionaram a Jacinta Passos um lugar de destaque no jornal. Em 1943 ela ganha a direção da Página Feminina, coluna semanal do noticiário baiano, que abordava temas do cotidiano feminino e comunicava as mulheres sobre a situação política no Brasil e no mundo. A poeta foi responsável pela coluna entre fevereiro e julho deste ano, sendo a primeira edição da coluna publicada com seu nome em 26 de fevereiro.

A Página Feminina já existia no editorial do jornal, pelo menos desde 1931¹⁶⁸ tendo como redatora-chefe Maria de Carvalho Leite¹⁶⁹, comumente conhecida no O Imparcial pelo pseudônimo de Maria Dolores. Nesse primeiro momento da coluna, as matérias e textos publicados tinham um caráter mais condescendente com os representantes do jornal e com os seus leitores da época. Adeitalo Pinho ao fazer uma análise das seções literárias do periódico durante suas quase quatro décadas de existência, fez um levantamento de todos os exemplares, e afirma que até 1930, havia a frase abaixo do nome do jornal escrita “Órgão das Classes Conservadoras da Bahia”¹⁷⁰, o que nos conduz a um forte indício do delineamento político e social do O Imparcial.

Inicialmente as primeiras edições da coluna eram publicadas as quintas-feiras e tinham um conteúdo tradicional, direcionado a temas como o casamento, os ambientes sociais frequentados pelas mulheres e religião, segundo Pinho “também aparecem fotos com modelos de vestidos, notícias de comportamento e crônicas sobre receitas culinárias e truques de

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ PINHO, A. **Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p 77. 2008.

¹⁶⁹ Maria de Carvalho Leite, foi redatora-chefe da 'Página Feminina' durante treze anos e utilizava o pseudônimo de Maria Dolores para assinar suas publicações.

¹⁷⁰ PINHO, A. *Op. Cit.*, p 61-62.

beleza”¹⁷¹. Esse editorial segue o de diversos outros jornais da Bahia e do Brasil, reduzindo as pautas femininas somente ao lar e à família, como reiterou Buitoni “com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todas metáforas da figura feminina [...] a imprensa feminina brasileira caminhava”¹⁷².

Como dito anteriormente, o espaço público sempre foi um ambiente masculinizado, as mulheres das classes sociais mais abastadas restavam apenas os ambientes privados. Com o passar dos anos essas mulheres foram ganhando força na sociedade e, mesmo lentamente, assumindo posições que sempre deveriam ter sido suas por direito. Na imprensa não foi diferente, desde a sua criação com a chegada da família real ao Brasil, a imprensa sempre foi dominada por homens, desde sua direção até a sua redação e as escolhas das pautas de cada periódico. As pautas femininas eram escritas por homens, pois eles acreditavam saber o que as mulheres gostariam (e poderiam) ler. Entretanto esse contexto foi mudando e juntamente com a inclusão das mulheres na vida pública, assim foi surgindo a imprensa feminina no Brasil.

Na Bahia, mesmo com o pensamento conservador e paternalista que assolava famílias tradicionais baianas, impedindo a sociedade de se desenvolver e inovar seja nas esferas econômicas, sociais ou culturais, a imprensa feminina conseguiu espaço no final do século XIX, seguindo um movimento do resto do país. Os primeiros jornais baianos voltados ao público feminino foram *A Grinalda*, *Tríplice Aliança* e *Ramalhete*, esses jornais eram escritos por homens e conforme ressalta Nancy Vieira, não questionavam a posição feminina na sociedade.¹⁷³

O século XX começou marcado por uma série de mudanças, tanto na configuração urbana das cidades quanto nas dinâmicas familiares, acarretando alterações nos comportamentos das mulheres, principalmente das classes médias e altas da sociedade. O *bello sexo*, que anteriormente tinham um papel predominantemente doméstico, testemunhou nos primeiros anos deste século um aumento significativo na sua participação na esfera pública. Esse fenômeno foi impulsionado não apenas pelo engajamento em atividades filantrópicas, mas também pela presença cada vez maior em eventos culturais, festas e até mesmo no mercado de trabalho, para esse grupo de mulheres.

As mudanças significativas do novo século transformaram também a imprensa e em 1910 surge na Bahia a primeira revista editada por mulheres, a *Paladina do Lar*, fundada por

¹⁷¹ PINHO, A. *Op. Cit.*, p 77.

¹⁷² BUITONI, Dulcília. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986. p. 40

¹⁷³ VIEIRA, Nancy. **A bela esquecida das letras baianas**: estudo da produção intelectual de Anna Ribeiro. Salvador, Dissertação (Mestrado em Literatura), Faculdade de Letras. Universidade Federal da Bahia, 1998.

mulheres católicas reunidas na Liga Católica das Senhoras Baianas. Sob o comando de Amélia Rodrigues¹⁷⁴, primeira redatora-chefe, a revista reunia diversas seções como artes, educação, literatura, moda e ciências.

A Paladina do Lar surgiu por um movimento de mulheres da elite baiana que acreditava na importância das ações filantrópicas, possuindo além de uma função social, uma necessidade de ressaltar a essência caridosa do sexo feminino, principalmente das mulheres católicas. É importante sinalizar que mesmo a revista sendo escrita por mulheres, ela ainda estava incluída em uma estrutura hierárquica da Igreja Católica, onde o poder maior estava submetido aos homens. Entretanto, ainda que sob um viés moralmente conservador e cristão essa revista forneceu às mulheres uma autonomia que antes não detinham, pois mesmo, essa foi uma ação significativa, não apenas por impulsionar o avanço desse ramo na imprensa baiana, mas também por criar oportunidades para escritoras publicarem suas obras.

As colaboradoras d'A Paladina se bem que católicas, antes de tudo, também foram mulheres que discutiram questões, por assim dizer, femininas enfrentadas por elas mesmas, como a limitação de sua educação. Elas constituem o principal elemento contraditório da revista, uma vez que, ao tempo em que defendiam certa liberdade para a mulher, a colocava, novamente, em seu restrito papel de mãe e esposa, o que mostra o quanto a influência católica estava arraigada na mentalidade da época.¹⁷⁵

Esse trecho foi retirado da dissertação de Simone Marinho, que pesquisou a atividade feminina na imprensa baiana entre o fim do século XIX e o início do XX, nele a pesquisadora reafirma a importância da publicação de uma revista de mulheres para mulheres, mas demonstra que é preciso analisá-la com cuidado, por se tratar de um período de introdução das mulheres nesses locais, principalmente dentro de uma égide católica, limitando o teor das publicações e o grau de importância que elas possuíam naquele espaço.

Exemplos como esse ajudam a formular as imagens femininas construídas nos jornais, além de indicar os lugares ocupados por essas mulheres nos periódicos na primeira década do século XX. Em 1943, ano que Jacinta dirigiu a Página Feminina, a situação das mulheres já havia começado a se modificar, como já foi tratado anteriormente, permitindo a ela maior

¹⁷⁴ Nascida em 1861 em Santo Amaro-Ba, foi educadora e escritora. Fundou e dirigiu a revista A Voz, em 1903, órgão da Liga das Senhoras Católicas. Ao lado de Maria Elisa Valente Moniz de Aragão e Maria Luiza de Souza Alves, criou a primeira revista feminina da Bahia, intitulada Paladina do Lar, em 1910. Compôs diversas peças teatrais, incluindo "Fausta" e "A Natividade". Além disso, é a autora dos poemas "Religiosa Clarisse" e "Bem me queres". Contribuiu também com obras didáticas, literatura infantil e romances. Morreu em Salvador, no ano de 1926. Ver mais em: PASSOS, Elizete Silva. **Amélia Rodrigues (1891-1926)**. Salvador: EDUFBA, 2005.

¹⁷⁵ MARINHO, Simone Ramos. **A imprensa e a norma para o bello sexo: o periodismo feminino na Bahia (1860-1917)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010. p. 95.

liberdade editorial para poder publicar e escolher as matérias que seriam escritas pela coluna. Os principais temas da coluna seguiam as vertentes ideológicas de Jacinta e do próprio jornal, pautando-se principalmente no envolvimento das mulheres na política brasileira, reiterando a importância delas na retaguarda da guerra. Não deixando de lado os temas considerados “padrões” de interesses femininos, como trabalhos domésticos e moda.

A primeira publicação da coluna veio na página 5 do jornal, nessa ocasião a manchete de mais destaque ficou por conta de “As mulheres baianas e a guerra”, que posteriormente voltou a aparecer na coluna semanal com entrevistas com diversas mulheres e seus depoimentos com a perspectiva do conflito para cada uma delas, esta seção será analisada no terceiro capítulo desta dissertação. Seguindo ainda na primeira edição, outra manchete de destaque foi “O trabalho das mulheres na retaguarda nacional”, na qual a mensagem principal a ser passada é elucidar as leitoras sobre a importância da participação de todos e todas nas questões da guerra, incentivando-as a se envolverem nas questões políticas naquele momento.

E que tarefa cabe às mulheres nessa mobilização de retaguarda nacional? As mulheres brasileiras representam uma reserva poderosa de energia. Enquanto se preparam para os postos avançados de combate, para as trincheiras, para a enfermagem de guerra, para os serviços auxiliares das forças armadas, para as fábricas de armamento, é preciso que as mulheres brasileiras trabalhem na mobilização da retaguarda nacional. É preciso que trabalhem todas as mulheres convencidas de que defendem a sua terra e os seus filhos, a sua própria dignidade de companheira de homens. É preciso que compreendam bem o que é União Nacional e trabalhem para que seus filhos e maridos tomem um posto de combate nesta hora.¹⁷⁶

Temáticas como essa sendo tratadas em colunas direcionadas a mulheres é notável, porque como já foi dito, outros periódicos direcionados a esse público não tinham pautas como essa. Essa questão evidencia a relevância que a Página Feminina representava nesse momento, pois o objetivo principal não residia em estereotipar a mulher na função de “dona do lar” enquanto mãe e esposa, e sim uma mulher emancipada, com poder de fala, de escolha e de ação, sejam nos ambientes públicos, e até nos privados, dentro de suas próprias casas. Se torna interessante perceber que nesta mesma edição de abertura, a coluna trouxe na seção de “Modas Femininas” uma matéria traduzida da *Interamericana*, uma revista dos Estados Unidos na qual Patrícia Lindsay, autora da matéria denominada “Sugestões para o tratamento das unhas” diz:

¹⁷⁶ O TRABALHO das mulheres na retaguarda nacional. O Imparcial, Salvador, 26 de fevereiro de 1943. p. 5.

Acredito que a maioria das mulheres americanas estão convencidas de que as unhas cuidadosamente cortadas do tamanho médio podem ajudar-nos a trabalhar com maior eficiência do que as unhas rombudas e descuidadas. E quando sabemos que um estojo de manicure custa tão pouco, vemos que não merecem perdão as mulheres que negligenciam o tratamento de suas unhas. [...] As unhas são na realidade um espelho da saúde, unhas finas que se quebram facilmente, denotam deficiência de cálcio, as manchas brancas indicam geralmente um temperamento nervoso.¹⁷⁷

Analisar essa matéria é importante, pois demonstra que mesmo nas pautas consideradas femininas, Jacinta conseguiu sair do óbvio e desconstruir a ideia da necessidade de um cuidado estético com as unhas, reconhecendo que o mais importante e saudável é melhorar a alimentação, os componentes químicos contidos em suas refeições, deixando a estética em segunda plano e a saúde em primeiro. Jacinta Passos subverteu a lógica usando um assunto muito corriqueiro na imprensa dedicada ao feminino, transformando-o em informativo, fato que demonstra como a jornalista queria quebrar a roda desses temas prioritários impostos às mulheres.

Uma outra questão crucial de se observar, é lembrar que a coluna foi publicada em um período de extrema repressão política, que influenciava diretamente em outros aspectos como na cultura e nas relações sociais daquele período. O governo estadonovista de Getúlio Vargas reprimia, perseguia e prendia militantes do PCB ou comunistas que consideravam subversivos, assim demonstrar um pensamento mais à esquerda, nesse contexto, era extremamente perigoso. E Jacinta, consciente de todo esse processo, via a necessidade de aproximar as mulheres nesse momento, fazendo-as entender o que se passava no país, para assim, conseguirem se emancipar política e socialmente.

Em “Obreiras da vitória”, artigo publicado na Página Feminina em 19 de março, aparece uma foto em que há tanto mulheres quanto homens norte-americanos chegando para o trabalho em uma fábrica de aeroplanos.

Dos lares, escolas, colégios e da indústria civil nos Estados Unidos, o elemento feminino está afluindo aos milhões, para os labores bélicos de que o país necessita. Nos estabelecimentos fabris, arsenais, na indústria de automóveis e fábricas de munições, a mulher se encontra atualmente como diligente operária trabalhando em máquinas rebitando, soldando e inspecionando as armas destinadas às tropas nas cidades como nos campos [...] Hoje, mais de 2500 mulheres trabalham nas fábricas que fazem tanques, aviões, canhões, granadas, e suprem os estaleiros que constroem navios de guerra para as Nações Unidas.¹⁷⁸

¹⁷⁷ SUGESTÕES para o tratamento das unhas. O Imparcial. 26 de março de 1943. p. 5.

¹⁷⁸ OBREIRAS da vitória. O Imparcial. 19 de março de 1943. p. 5.

Não será possível analisar todo conteúdo da Página Feminina nesta pesquisa, mas é importante identificar como J. Passos se movimentou como diretora da coluna, as escolhas dos textos para publicação dizem muito sobre ela também. Dessa forma, fica evidente que a Página Feminina foi uma proposta feminista do Imparcial para as leitoras baianas, principalmente pela escolha de Passos como diretora, pois suas inclinações políticas eram sempre muito expostas e exigentes em relação à defesa da participação política da mulher, assim, a coluna conseguiu refletir com exatidão todos os seus pensamentos e a forma combativa com que ela exercia sua militância política através da atuação na imprensa.

Os artigos escolhidos para esta pesquisa evidenciam a relevância da prática jornalística na vida de Jacinta, ao manter seu envolvimento com a política de forma consistente, e também ao reforçar sua convicção na promoção de uma sociedade e um mundo mais dedicados a questões sociais. Assim, é possível afirmar que mesmo dirigindo a coluna por apenas seis meses, Jacinta exerceu com maestria seu cargo, cumprindo seu objetivo de mudar a estrutura da imprensa feminina padrão, principalmente na Bahia. Desde os artigos publicados no jornal até a direção de uma coluna semanal, a poeta foi uma exímia jornalista, utilizando a imprensa como instrumento político e de disseminação de seus ideais.

3.3 “Passa, passa, passará, derradeiro ficará”: a publicação de Canção da Partida

A primeira metade da década de 1940 foi de muitas mudanças na política e na sociedade, seja no cenário nacional ou internacional. Conforme os anos foram passando, e o Eixo perdendo espaço na Segunda Guerra Mundial, o Brasil também se libertava dos ares ditatoriais do Estado Novo.

Enquanto o país estava vivendo essa nova fase, Jacinta Passos também enfrentava mudanças em sua vida pessoal e profissional. Residindo em São Paulo desde seu casamento com James no início de 1945, Jacinta desempenhava um papel ativo na cena política da capital paulista. Uma grande parte dos pensadores da cidade, assim como em todo o Brasil, estava profundamente engajada nos movimentos em prol do término da guerra e da restauração da democracia. Conforme os meses avançaram, principalmente após evidente derrota dos nazistas na Europa e as divergências internas que tornavam a sustentação política da ditadura do Estado Novo cada vez mais difícil, muitos intelectuais intensificaram protestos e formaram alianças em prol do fim do Estado Novo e o retorno à democracia, sendo Jacinta

uma dessas intelectuais engajando-se na luta pela democracia, que ganhava força em todo o Brasil.

O cotidiano na maior metrópole do país, proporcionou a poeta um ambiente fértil para desenvolver sua escrita, em uma atmosfera propícia para criatividade, a poeta lança o seu primeiro livro solo denominado *Canção da partida*. Composto por 18 poemas, a maioria deles feitos já no período que residia na capital paulista, outros como “Sangue Negro” e “Mensagens as crianças do mundo” já analisados neste capítulo, foram escritos ainda na Bahia entre 1942 e 1943.

A maioria dos poemas publicados no livro são inéditos, entretanto Passos escolheu outros anteriormente publicados, possivelmente eram textos que ela tinha um apreço especial. Outra característica marcante de *Canção de partida*, são as diversas referências que o livro faz a infância e juventude da poeta, em vários de seus poemas é possível identificar um ar quase nostálgico sobre ela, o fato dessa obra ter sido dedicada a seus pais, Berila e Manoel Caetano, reforça essa ideia.

Sobre o lançamento do livro, Janaína Amado descreve como foi o processo de publicação e divulgação da primeira edição:

O volume foi publicado em São Paulo no primeiro semestre de 1945, em bela edição de luxo, pelas Edições Gaveta, que pertencia a Clóvis Graciano. Foram editados apenas 200 exemplares, em formato grande (17,5 x 22,5 cm), papel bouffant de primeira qualidade, numerados e assinados pela autora, ilustrados com cinco desenhos de Lasar Segall, um dos quais na capa, além de mais dez exemplares, marcados de A a J, cada um contendo uma pontaseca original de Segall.¹⁷⁹

No poema homônimo “Canção da partida”, sendo este o mais autobiográfico de sua escrita, Jacinta descreve toda sua trajetória nos primeiros anos de vida, desde a convivência com os trabalhadores da fazenda Campo Limpo, as mudanças de cidade e as condições de vida da família ao se estabelecer em Salvador.

Passa
passa
passará
derradeiro ficará.
Não me prenda
bom vaqueiro
bom vaqueiro
eh!

¹⁷⁹ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 371.

dá licença de passar¹⁸⁰

Assim J. Passos inicia o poema, trazendo referências de canções populares aprendidas durante a infância em Cruz das Almas, onde pôde conviver com vários ex-escravizados e descendentes remanescentes que viviam e trabalhavam na fazenda de sua família. A descrição do eu lírico desses trabalhadores traz uma humanidade para eles, fortalecendo a ideia de que, já na infância, a poeta possuía uma visão crítica sobre o papel dessas pessoas e as relações e diferenças sociais e étnicas entre eles naquele ambiente, trechos como “Benedito tem cem anos: negro duro! cem anos de escravidão” e “Vitalina! manoca o fumo, menina, você hoje vadiou”, reforçam essa visão trazendo uma particularidade para cada um deles. “Canção da partida” evidencia como a Campo Limpo foi um *locus* importante na formação e, posteriormente, na literatura de Jacinta. Em outro trecho do poema ela escreve:

Menina,
minha menina,
carocinho de araquá,
cante
estude
reze
case
faça esporte e até discurso,
faça tudo o que quiser
menina!
não esqueça que é mulher.¹⁸¹

O verso acima se assemelha a um conselho dado de uma mulher para outra, possivelmente de uma mãe para uma filha, ou de uma irmã mais velha para uma mais nova. Há uma dualidade no poema, em que pese o eu lírico chame atenção para importância desta menina precisar rezar e se casar, trazendo uma visão mais tradicional de criação, é possível identificar também uma liberdade dada a essa mesma jovem, ao dizer que ela pode fazer “tudo o que quiser”, seja cantar, fazer esporte ou discursos. A principal mensagem aqui é que não existe limitação para a mulher, e é por isso que essa menina não pode se esquecer nunca de quem é.

Mesmo a poesia política sendo a principal marca na sua escrita, Jacinta Passos nunca abandonou a poesia lírica, em “Chiquinha”, poema dedicado à Matilde, Maria, Regina, Lourdes, Marcelina, Tomásia e Bernadete, todas empregadas domésticas da família Passos. Nele, ela responsabiliza a propriedade privada e o capitalismo como culpados pela opressão

¹⁸⁰ PASSOS, Jacinta. Canção da Partida. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 11-20.

¹⁸¹ PASSOS, Jacinta. Canção da Partida. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 11-20.

das mulheres, revelando as distintas formas de exploração feminina e do domínio de seus corpos, sempre garantindo a libertação das mulheres.

Chiquinha,
 teu corpo,
 teu corpo cansado,
 foi corpo explorado
 [...]
 Chiquinha
 teu corpo
 ainda não é teu.
 não é livre a vida
 não é livre o amor.
 Chiquinha
 teu corpo
 mudou de senhor.
 Tu sabes
 Chiquinha
 que a máquina que move o mundo moderno
 te vem libertar?
 [...]
 A máquina
 prolonga teus braços,
 liberta teu corpo
 de serva doméstica,
 te arranca da casa,
 derruba as paredes
 limites, fronteiras
 do lar, doce lar
 – prisão milenar –
 e faz do teu corpo
 cansado
 explorado
 e multiplicado
 na luta, esse mundo
 difícil, Chiquinha
 teu reino será.¹⁸²

“Chiquinha” revela que os corpos femininos foram subjugados e explorados ao longo de toda a história da humanidade, variando apenas a época e o contexto nos quais essas mulheres foram oprimidas. Independentemente das especificidades, o poema reconhece que as mulheres enfrentaram desafios e discriminação ao longo da história, mas também enfatiza sua resistência e busca por justiça. Esse poema reúne as duas grandes bandeiras defendidas por Jacinta, a emancipação feminina e o fim do capitalismo, para a poeta, apenas na era moderna surgiu a oportunidade dessa emancipação, uma vez que nesse período as mulheres começaram a sair de casa para o trabalho, obtendo uma independência financeira relativa. E

¹⁸² PASSOS, Jacinta. Chiquinha. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 79-85.

mesmo que exploradas, esse seria um início, para que elas começassem a se impor e enfrentar essa condição a que foram colocadas.

Tema frequente em seus artigos jornalísticos, as questões sobre a Segunda Guerra não poderiam ficar de fora de *Canção da partida*, no poema “Pânico no planeta Marte”, é possível sentir a preocupação do sujeito lírico com a situação que o mundo se encontra:

Quem avança na noite?
São tropas marchando? Judeus massacrados? Quem avança?
Europa no cárcere rumina vingança!
Vamos fugir? Não adianta.
[...]
Vamos fazer Arte pela Arte.
Cadê a Ciência, vamos comprar?
Vamos chorar na cama.
Não adianta. Vamos gritar!
Que gosto de lama!
Vamos ser caridosos.
Anúncios luminosos!
Invadiram a Europa! Berlim!
Nosso fim!
Estamos morrendo!
Brasil! Argentina!
Último refúgio! América do Sul!
– Orai por eles, orai.¹⁸³

A publicação obteve grande êxito perante a crítica especializada e elevou o nome de Jacinta Passos ao reconhecimento em âmbito nacional, pois na Bahia sua fama de renomada poeta e jornalista já estava consolidada antes mesmo do seu casamento com James Amado, no fim de 1944. Uma das críticas mais importantes feitas neste período sobre o *Canção da partida* foi publicada em dezembro de 1945, feita por Antônio Cândido de Mello e Souza, um dos grandes intelectuais do país e crítico literário muito prestigiado. Em sua análise considera:

Se o adjetivo não fosse tão vulgar, eu diria que *Canção da partida* nos revela uma poesia dinâmica. Os seus versos estão sempre se deslocando em planos diversos; vertigem de ritmos, desejo de mudança social, projeção no futuro, volta ao passado. [...] Este senso de apego às coisas e às pessoas talvez seja responsável pelos defeitos do livro, ou seja, uma certa vulgaridade discursiva, um sentimentalismo por vezes fácil demais e, não raro, uma demagogia que a autora não sabe evitar. Mas, por outro lado, é também a ele que devemos a sugestão dos bons poemas, que formam a grande maioria do livro. [...] Penso que a sra. Jacinta Passos se firmou com este livro numa posição de primeira plana na moderna poesia brasileira.¹⁸⁴

¹⁸³ PASSOS, Jacinta. *Pânico no planeta Marte*. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 31-35.

¹⁸⁴ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 464.

Mesmo com o sucesso do seu livro e as glórias trazidas por ele, Jacinta viveu o ano de 1945 entre muitos altos e baixos. O mais marcante deles foi, possivelmente, a perda de seu primeiro filho, aos oito meses de gestação, em agosto daquele ano, o que a abalou profundamente. James então sugeriu que passassem um tempo em Porto Alegre, na casa de Carlos Scliar, pintor e amigo do casal, para recomeçar a vida e mudar de ares. Segundo Janaína Amado alguns exemplares de *Canção da partida* circularam por este estado, sendo o livro muito bem recebido pelos gaúchos.¹⁸⁵

O casal residiu poucos meses na capital gaúcha, apenas de setembro a dezembro de 1945, mas o suficiente para fazer contatos e militar ao lado dos camaradas do estado sulista em prol da democracia e do fim do regime ditatorial estadonovista¹⁸⁶, pois nessa altura a política brasileira estava polvorosa com o fim da Segunda Guerra Mundial e com os ventos democráticos que se expandiam por todo território brasileiro.¹⁸⁷

Com os novos rumos do Brasil, a volta da legalidade do PC, a anistia e libertação dos presos políticos em abril de 1945, os comunistas precisaram se unir para decidirem os próximos passos do partido. Nesse momento Luiz Carlos Prestes, já liberto, defende a formação de comitês populares em diferentes níveis, desde locais de trabalho até níveis estaduais, visando uma eventual união nacional. Segundo ele, “esses comitês populares deverão ser amplos, de nenhuma cor partidária, e receber no seu seio todos os sinceros democratas, patriotas e progressistas que realmente lutem pela união nacional”.¹⁸⁸

A estratégia do PCB em criar os Comitês Populares Democráticos foi visando fortalecer sua base social, promover a participação política das camadas populares e conquistar espaços no sistema político eleitoral do país, pois a partir deles, a população poderia escolher candidatos confiáveis para as eleições daquele ano, capazes de resolver os problemas nacionais.¹⁸⁹

Influenciados pelo discurso de Prestes, a União dos Estudantes da Bahia (UEB), iniciou a formação dos comitês do estado em junho de 1945. Com as eleições em vista, os membros do PCB concentraram-se em estabelecer um programa que facilitasse a criação de organizações representativas da classe trabalhadora. Isso resultou na criação dos comitês populares em vários bairros de Salvador e em outras cidades do estado. Rachel Silva Oliveira fornece um panorama de como funcionaram esses comitês no estado:

¹⁸⁵ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 377

¹⁸⁶ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 377-378.

¹⁸⁷ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 268.

¹⁸⁸ PRESTES, Luiz Carlos. Discurso do dia 23 de maio de 1945. *Tribuna Popular*. Rio de Janeiro. 1 jun. 1945. p. 5

¹⁸⁹ VAZQUEZ, Petilda Serva. *Op. Cit.* p. 81-83.

Quando do lançamento dos Comitês Populares Democráticos em Salvador, vários desses núcleos foram organizados e postos em atividade nos bairros da capital baiana. Diferentemente dos municípios do interior, Salvador não teve apenas um, mas vários Comitês Democráticos espalhados por seu território. Dentre os primeiros a serem implantados, constam os da Estrada da Liberdade, Pelourinho, Baixa dos Sapateiros, Itapagipe, Alto do Peru e Fonte Nova. Também se constituíram Comissões Populares Democráticas em Santo Antônio, Brotas, Rio Vermelho, Engenho Velho de Brotas, Capelinha, Nazaré, Tororó, Mares, Barbalho, São Caetano, Mont-Serrat, Fazenda Garcia, Cabula, Barris, Garcia, Alto Formoso, Mirante do Campo Santo, São Pedro, Santana e Vasco da Gama.¹⁹⁰

Em que pese o discurso do partido sobre a não partidarização dos comitês, Petilda Vazquez demonstra algumas contradições entre a teoria e a prática. Um exemplo disso é dado pelo depoimento de um morador do bairro dos Mares, que decidiu participar de uma reunião do Comitê local junto com alguns vizinhos. Durante a reunião, um dos líderes do Comitê fez uma declaração que sugere uma visão do comunismo, vista como autoritária, afirmando que a única democracia real é a ditadura do proletariado. Esse comentário parece ter afastado os participantes, que interpretaram a postura do líder como algo incompatível com uma verdadeira democracia, optando por não participar de outras reuniões.¹⁹¹

Outra contradição, sinalizada por Vazquez, reside no querer representar democraticamente uma variedade de tendências políticas e ao mesmo tempo, atender às demandas populares, os membros dos comitês também se envolviam nas eleições, apoiando as decisões do PC do Brasil. Isso os levava a perder sua identidade como representantes dos interesses populares locais, já que acabavam associados à uma agenda política específica¹⁹².

As eleições, agendadas para 2 de dezembro de 1945, causaram um grande impacto na cena política brasileira em todos os níveis, tendo um efeito direto na vida de Jacinta Passos e James Amado. Agora filiados oficialmente ao PCB, eles receberam ordens do partido para retornar à Bahia. O PC já vinha se preparando, há alguns meses, para o pleito eleitoral que determinaria a nova Constituição e o novo presidente do país. No entanto, apenas às vésperas das eleições, em 17 de novembro, é que o partido anunciou Yeddo Fiuza como candidato à presidência do Brasil. Ele iria competir com Eurico Gaspar Dutra, do PSD, e Eduardo Gomes, da UDN, ambos militares das Forças Armadas.

¹⁹⁰ SILVA, Raquel de Oliveira. **O PCB e Comitês Populares Democráticos em Salvador (1945-1947)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. p. 52.

¹⁹¹ VAZQUEZ, Petilda Serva. Op. Cit. p. 84-85.

¹⁹² VAZQUEZ, Petilda Serva. Op. Cit. p. 84-85.

Mesmo com todos os esforços para se perpetuar no poder, Getúlio Vargas não conseguiu continuar no comando do país, seus planos mudaram após sua deposição em 29 de outubro pelo mesmo grupo ao qual o presidente mais deu poderes, os militares. As forças armadas conquistaram espaço no governo por dar sustentação à Getúlio em todo seu período ditatorial, obtendo cargos importantes em todo país. Vargas não esperava aquele golpe, mas veio do seu próprio ministro da Guerra, o general do exército Eurico Gaspar Dutra, a anuência da deposição – sendo ele também o candidato dos ex-aliados varguistas para presidência da República.¹⁹³

Para a Assembleia Nacional Constituinte, além de Luiz Carlos Prestes, candidato ao senado pela maioria dos estados brasileiros, os comitês regionais pecebistas de todo Brasil se empenharam para eleger o máximo de membros possíveis no partido, principalmente com a ajuda dos Comitês Democráticos Populares. Na Bahia, haviam nomes de peso como Carlos Marighella, João Falcão, Armênio Guedes e Diógenes de Arruda Câmara, dirigentes do partido conhecidos no estado e nacionalmente¹⁹⁴ e nomes novos como o de Jacinta Passos, única mulher candidata a deputada nacional constituinte pelo partido naquele ano.

Esse episódio que tornou Jacinta a única mulher candidata pelo PCB na Bahia, é muito relevante de se destacar quando se faz um estudo sobre ela, pois reflete o reconhecimento que ela tinha naquele ambiente majoritariamente masculino, em que pese sua candidatura sendo apenas para compor a chapa.¹⁹⁵ Nesse pleito o partido orientou os comunistas a votarem em Carlos Marighella, principal nome do PC no estado, que conseguiu ser eleito. Mesmo não vencendo as eleições, os poucos meses de campanha foram muito intensos para Jacinta, que participou ativamente de todas as atividades de campanha, tanto dos deputados constituintes baianos, quanto da campanha de Fiuza e Prestes. Sobre as atividades do PCB nesse período Zacarias conta:

[...] as eleições se aproximavam no Brasil, e na capital baiana [...] o Partido se preparava para receber a visita de Luiz Carlos Prestes e Yeddo Fiuza, num comício marcado para acontecer no dia 24 de novembro. Era a primeira vez que o grande líder comunista visitava a Bahia, depois de sua saída da prisão, de maneira que a expectativa era grande. [...] Para cada cidade que Prestes havia visitado, a tônica da organização dos comícios era a mesma, tendo em vista que o “Cavaleiro da Esperança” falaria para todo o povo, como um dos mais amados líderes do Brasil. Em função disso, em cada cidade, o comício era batizado como dedicado a Luiz Carlos Prestes, e, eventualmente ao

¹⁹³ STARLING, Heloisa M.; SCHWARCZ, Lilia M. *Op. Cit.*, p. 394.

¹⁹⁴ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 312-313.

¹⁹⁵ PAMPANI, A. **A História aos Passos de Jacinta: vida e militância da poeta cruzalmeno (1937-1945)**. In: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, XV., 2021, On-line. Anais da XV Semana de História Política. Rio de Janeiro: UERJ, 2021. 1727-1742.

candidato à presidência pelo PCB Yeddo Fiúza [...] como foi o caso do comício de Salvador, chamado “A Bahia a Luiz Carlos Prestes e Yeddo Fiúza”.¹⁹⁶

Neste comício, no qual Zacarias Sena Junior relata, J. Passos fez seu primeiro discurso como membro do PCB e candidata ao cargo de deputada nacional. A poeta dirigiu suas palavras aos trabalhadores e proletários, pedindo que reconhecessem quais candidatos estavam genuinamente comprometidos com seus interesses e quais estavam apenas buscando enganá-los. Passos enfatizou a importância da união do povo em prol do programa comunista, que beneficiaria a todos.

O povo é feito de vós, dessa gente que forma a maioria, a grande massa da nação brasileira. [...] Já ouvistes desde maio a palavra: “Organizai-vos”, “Organizai-vos”, “Organizai-vos”, de Luiz Carlos Prestes. Isto quer dizer que o meio de cada um lutar é se unir aos outros que têm os mesmos problemas e os mesmos interesses a defender. É entrar para as organizações de classe, para os sindicatos, comitês, associações populares, até que possamos dizer em breve: temos o direito de exigir pacificamente o que necessitamos porque somos a maioria do povo brasileiro. O povo vai falar, e vai falar pelo voto secreto. O voto é a vossa palavra, a vossa arma, vossa bandeira, vosso caminho.¹⁹⁷

Jacinta, como a única candidata do Partido Comunista na Bahia, pode ter enfrentando significativos desafios ao se posicionar durante o comício, refletindo a complexidade da sua trajetória na esfera pública e no ativismo político. Michelle Perrot explora essa questão ao afirmar que “tão logo uma mulher toma a palavra, todos se preparam para se aproveitar de suas dificuldades. Sua voz, seus gestos, seu look, todo seu corpo é objeto de um exame em que predominam o irônico e o vulgar”. A autora destaca a persistente marginalização das mulheres nesses espaços, resultando na censura frequente das suas expressões. Além disso, elas eram constantemente submetidas à avaliação pública de seus corpos, na qual o valor de seu discurso era frequentemente subestimado em relação à sua aparência física.¹⁹⁸

Os anos retratados nesta pesquisa, sem dúvidas, foram os de maior prestígio e realização vividos por Jacinta Passos, tanto na vida pessoal, quanto na política, tendo em vista a cassação da licença do Partido Comunista do Brasil em 1947, voltando para a ilegalidade. O que gerou não só a Jacinta e James, mas a todos os pecebistas que se dedicavam integralmente ao partido, um baque muito grande, com a volta das perseguições a qualquer um que simpatizasse com as práticas comunistas. Petilda Serra Vazquez explica esse contexto a partir

¹⁹⁶ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Op. Cit.*, p. 313-314.

¹⁹⁷ **O povo não pode mais ser enganado.** O Momento. Salvador. 29 de nov. 1945. p. 5.

¹⁹⁸ PERROT, Michelle. 1998. *Op. Cit.*, p. 129-130.

da nova ameaça aos comunistas, associada aos interesses dos Estados Unidos, em que pese a ascensão da burguesia nacional, que resultou em uma mudança de rumo, abandonando as promessas democráticas em prol da repressão, impulsionada por uma intensa campanha anticomunista na mídia.¹⁹⁹

Os anos seguintes a esses, só foram mais traumáticos para a poeta, mesmo dando à luz a sua filha Janaína Passos Amado, no começo de 1947, sua gravidez foi muito difícil, precisando ficar internada durante toda a gestação. Em 1951 Jacinta sofreu sua primeira crise nervosa, residindo com sua família no Rio de Janeiro, foi diagnosticada com esquizofrenia paranoide, pelo médico Isaías Paim, que costumava atender os membros do Partido na cidade. Após essa internação, Jacinta foi transferida para outra clínica em São Paulo, para ficar aos cuidados do seu irmão Manoel Caetano Filho, a quem tinha uma relação de muito amor e cumplicidade. Mas essa mudança marcou a separação dela com seu marido James Amado, ficando com ele, a responsabilidade pela criação da filha do casal.

Jacinta foi internada diversas vezes. Em alguns intervalos, ela pôde conviver um pouco mais com sua filha e voltar a residir com a família em Salvador, mesmo contrariada. Para ela foi muito difícil retornar a uma vida normal, o estigma de “louca” a acompanhava mesmo dentro da militância comunista, principalmente por ser mulher, ainda mais uma mulher separada. Entretanto, ela não se abateu e continuou escrevendo, lendo e colaborando da forma que pudesse ao partido a qual era tão fiel.

O fim da vida de Jacinta foi pobre e solitário. Viveu sozinha em uma vila de pescadores em Sergipe, em um casebre de madeira. Se afastou de toda a família, a quem já não confiava mais, pois os culpava por todas as internações que sofreu. Continuava escrevendo e defendendo o ideal comunista, agora, com outro inimigo em voga, os militares que deram um golpe em de 1964 e tomaram o controle do país. Jacinta viveu pela causa até os últimos dias de sua vida, escrevia em muros, distribuía panfletos nas ruas, sendo detida pela política em duas ocasiões. Na segunda, por intervenção da família Passos, alegando que ela sofria de doenças mentais, foi encaminhada para um sanatório, a Casa de Saúde Santa Maria, em Aracaju, onde foi tratada com choques elétricos, injeções de insulina e medicamentos que a deixavam dopada. Em Santa Maria, Jacinta permaneceu os últimos sete anos de sua vida, em 1973.²⁰⁰

¹⁹⁹ VAZQUEZ, Petilda Serva. *Op. Cit.*, p.187.

²⁰⁰ CARDOSO, Célia Costa & PAMPANI, Alice de Andrade. “ Jacinta Passos e Robério Garcia: entre a loucura, a resistência e o ativismo político em Sergipe (1947-1973)”. In: CANÓN, Lisandro & Silva, Jussamar da (Compiladores). **Violência Institucional, Terrorismo de Estado e Direitos Humanos**. 1ªed., Ciudad de Córdoba, Lago Editora, 2023, p. 145-185. ISBN: 978-987-8976-41-9. (Impresso e digital. Livro digital: Amperios ideas).

No capítulo seguinte esta pesquisa se debruçar mais a respeito do diagnóstico de Jacinta, entretanto qualquer aprofundamento que este trabalho faça a esse respeito será superficial dada a complexidade das relações envolvidas, mas é importante localizar como foram os últimos dias da poeta. Mesmo sendo do interesse desta pesquisa trazer uma Jacinta lúcida, a forma com que a história dela aparece hoje em dia é, em sua grande maioria, associada à sua doença, além desse também ser um dos motivos da sua trajetória ter sido esquecida por tanto tempo dentro das pesquisas acadêmicas. Esquecida, mas nunca ausente.

4 MULHER, COMUNISMO E POLÍTICA: REPRESENTAÇÕES FEMINISTAS E LUTAS SOCIAIS

O objetivo deste capítulo é analisar a militância política de Jacinta Passos, desde os lugares ocupados por ela no Partido Comunista do Brasil até a intencionalidade dos discursos proferidos, para identificar as particularidades de sua ação feminista. A partir da história de Jacinta, foi possível identificar e conhecer outras comunistas atuantes, como Zuleika Alambert, Laura Brandão, Ana Montenegro e Maria Brandão que reconheceram a falta de espaço para as mulheres do partido. As fontes utilizadas, também neste capítulo, foram as publicações de Jacinta nos jornais da grande imprensa, como O Imparcial, assim como em outros periódicos como O Momento Feminino, ligado ao PCB, que retratavam as pautas das mulheres nesse período.

Para além disso, o último subitem deste trabalho analisa a biografia de Jacinta Passos, escrita por sua filha Janaína Amado. O interesse desta investigação consistiu em reconhecer como as memórias da autora interferiram na sua escrita, para isso, foi utilizado o conceito de “memória manipulada” de Paul Ricoeur.

4.1 Vivência partidária feminina no PCB

As primeiras atividades de relevância nacional, que tomaram vulto sobre a participação das mulheres na política, na luta por direitos, deram uma cara pública para essa questão, até então encoberta, no século XIX. Marcados por figuras como Nísia Floresta, que defendeu a educação e outros direitos sociais das mulheres no país. Floresta via uma oportunidade de alterar a hierarquia de poder entre homens e mulheres, acreditando que as mulheres poderiam educar e regenerar os homens para superar preconceitos. Ela propunha que, estrategicamente, as mulheres enfatizaram suas qualidades naturais, como doçura e bondade, em vez de confrontar diretamente as injustiças, para influenciar positivamente as percepções masculinas sobre elas.²⁰¹ Entretanto, para algumas feministas contemporâneas, seu pensamento era limitado e perpetuava estereótipos de gênero.

Uma análise minuciosa sobre Floresta forneceria argumentos que corroborassem essa perspectiva. No entanto, é crucial contextualizar o seu discurso dentro do cenário histórico em que ela viveu, como aponta Constância Duarte ao dizer que o comportamento político de

²⁰¹ PRADO, Maria Ligia Coelho; FRANCO, Stella Maris Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2012. p. 95-105.

Nísia Floresta está “por um lado, próxima do pensamento liberal mais progressista, e, por outro, limitada por sua formação religiosa aos ditames conservadores do catolicismo.”²⁰²

Com o surgimento da República no final do século XIX, houve uma mudança notável nas aspirações das mulheres brasileiras, com a promessa de maior participação política para todos os cidadãos, incluindo as mulheres, e um incentivo maior à educação feminina. Aspiração que se intensificou, nas décadas iniciais do século XX, e fortaleceu a luta pelo direito ao voto feminino no Brasil. Uma das referências do movimento feminista na época foi Bertha Lutz²⁰³, líder do movimento sufragista no país. Lutz defendia a participação política das mulheres como um direito fundamental, indispensável para a consolidação da democracia.²⁰⁴

Nas décadas seguintes, ocorreram avanços significativos na participação política das mulheres brasileiras, com a conquista, ainda que tardia, do direito ao voto em 1932. Durante o governo de Getúlio Vargas, foi instituído o Código Eleitoral²⁰⁵, permitindo direito ao voto feminino, ainda de forma restrita, apenas para mulheres casadas que tivessem autorização do marido e para viúvas e solteiras que possuíssem renda própria. Além do voto, conquistaram também o direito de serem votadas em cargos legislativos e executivos, direito esse ainda muito difícil, visto que candidaturas femininas não eram facilmente aceitas e registradas.²⁰⁶

Nesse contexto, o Partido Comunista do Brasil (PCB) foi um dos partidos que mais deu espaço para as mulheres na política brasileira, na primeira metade do século XX. O partido adotou práticas que incentivavam a inclusão feminina, promovendo sua participação em atividades políticas, sindicais e culturais. O PCB reconheceu a importância das mulheres

²⁰² DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010. p. 34.

²⁰³ Bertha Lutz (1894-1976) foi uma importante cientista, diplomata e feminista brasileira. Reconhecida por seu trabalho em prol do direito de voto feminino, sendo uma das principais líderes do movimento sufragista no Brasil. Lutz foi uma das fundadoras da Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), uma importante organização de mulheres que teve um papel significativo na luta pelos direitos das mulheres brasileiras. A organização mobilizou mulheres de diferentes camadas da sociedade e de diversas regiões do país, promovendo campanhas, realizando eventos e pressionando as autoridades para que o direito ao voto feminino fosse reconhecido. Para mais informações, ver em: SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; LOPES, Maria Margaret. **Para ler Bertha Lutz**. Cadernos Pagu, p. 315-325, 2005.

²⁰⁴ SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 106.

²⁰⁵ A Constituição de 1934 estabeleceu o direito ao voto feminino, no entanto, o direito ao voto das mulheres só foi exercido nas eleições deste ano em alguns estados brasileiros, como no Rio Grande do Norte. Isso ocorreu porque a regulamentação do voto feminino dependia também das legislações estaduais, e nem todos os estados implementaram imediatamente o direito ao voto para as mulheres. Foi somente nas eleições de 1936 que o direito ao voto feminino foi efetivamente exercido em nível nacional, fazendo com que as mulheres passassem a participar ativamente do processo eleitoral em todo o Brasil. BRASIL. [Constituição de (1934)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, [2023]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 03. jun. 2024.

²⁰⁶ MOTTA, Alda Britto da. **Elas começam a aparecer...** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 43-52.

na luta pelos direitos trabalhistas, sociais e políticos, fazendo com que muitas mulheres se destacassem como líderes e ativistas dentro do partido e em movimentos populares, como Jacinta Passos, que além de militante, foi candidata a deputada estadual e federal constituinte, nos pleitos de 1945 e 1947, respectivamente.

Jorge Ferreira examina os motivos que levaram o PCB a estimular a militância feminina, afirmando “Não é difícil imaginar o grau de discriminação social sofrido pelas militantes naquela época. Lembremos que o discurso anticomunista ressaltava particularmente a falta de valores morais dos revolucionários, sugerindo a promiscuidade e a licenciosidade sexual no interior do Partido.”²⁰⁷ Segundo seus estudos, o partido acreditava que esse era o caminho para libertação das opressões das mulheres, que as tornaria cidadãs plenas.

Mesmo sendo um dos pioneiros na promoção feminina na política, nos anos iniciais de sua fundação, o número de mulheres filiadas ao partido era irrisório, se comparado ao dos homens. Dos setenta e três membros na sua fundação, nenhum era mulher, e só ao final daquele ano, a primeira comunista se integrou ao partido. Rosa de Bittencourt foi operária em uma fábrica de linhas, na cidade de Petrópolis, líder sindical, foi delegada no Congresso Mundial da Mulher, na União Soviética, em 1930.²⁰⁸

Segundo Augusto Buonicore e Fernando Garcia, em sua matéria sobre as mulheres no Partido Comunista do Brasil, não há registros de mulheres nos três primeiros Congressos do partido, nos anos de 1922, 1925 e 1928/29.²⁰⁹ E mesmo que, possivelmente, tenha havido mulheres, mesmo que poucas, nos bastidores das reuniões, o fato de não ter nenhum nome nos documentos oficiais já indica uma falta de interesse sobre elas na organização partidária.

Buonicore e Garcia ainda trazem outros dados que comprovam a limitação de mulheres no partido, como as cartas endereçadas à Seção Feminina da Comissão Executiva da Internacional Comunista, na qual apenas vinte mulheres eram ligadas ao PC, em 31 de agosto de 1929, na capital do estado do Rio de Janeiro. Dois meses depois, outra carta é enviada, afirmando que o número correto seria cinquenta mulheres. Segundo o autor da carta, esse número representava menos de 3% dentre todos os pecebistas naquele ano. Outra carta trazida na matéria, enviada também para a Seção Feminina, em 28 de setembro de 1929, justifica a ausência de mulheres no Comitê Central do partido, pois praticamente não havia mulheres no

²⁰⁷ FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito**. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: Mauad/EdUFF, 2002. p. 125.

²⁰⁸ BERNARDES, Maria Elena. **Laura Brandão**: a invisibilidade feminina na política. Campinas: CMU, 2007.

²⁰⁹ BUONICORE, Augusto; GARCIA, Fernando. **As mulheres e os noventa anos de comunismo no Brasil**. Memória Sindical, 07 de jun. 2012. Disponível em: <<https://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/as-mulheres-e-os-noventa-anos-do-comunismo-no-brasil/>>. Acesso em: 25 de abr. de 2024.

PCB até a data da escolha dos novos membros.²¹⁰ Contudo, pelos dados já coletados nessa pesquisa, nesse momento já existiam mulheres ligadas diretamente ao partido, mas como sempre, elas foram colocadas em segundo plano.

A historiadora Iracélli Alves em sua pesquisa sobre as mulheres pecebistas neste mesmo período histórico, afirma que apesar dos esforços para incentivar a participação das mulheres na luta pela igualdade de gênero dentro no partido, a organização pecebista ainda mantinha uma abordagem androcêntrica. Segundo Alves, as mulheres raramente eram vistas em posições de liderança, mesmo nos níveis mais básicos, como nos Comitês Populares Democráticos.²¹¹ Entretanto, apesar da falta de representação equitativa nos cargos de liderança no seio do partido, as mulheres desempenharam papéis essenciais em outras áreas, contribuindo significativamente tanto para o PCB, quanto para as causas sociais.

Para compreender o espaço fornecido às mulheres no PCB, é essencial analisar essas questões dentro do conceito de totalidade na dialética marxista, discutido por Georg Lukács.²¹² A totalidade implica que cada aspecto da realidade social, como as relações de gênero no partido, está interligado com outras esferas da vida política e econômica. Assim, a posição secundária das mulheres no PCB não pode ser vista de forma isolada, mas como parte de um todo mais amplo e coerente, onde as práticas androcêntricas do partido refletiam as contradições internas de uma organização que, embora lutasse pela igualdade, estava enraizada em estruturas sociais e culturais que ainda não haviam superado plenamente o patriarcado. Portanto, a análise dessas relações deve considerar como essas práticas estavam determinadas por correlações concretas dentro da realidade objetiva do PCB, mostrando que a desigualdade de gênero, embora presente, não era necessariamente uma intenção deliberada, mas sim parte das limitações históricas e ideológicas do movimento.

Em 1928, sob a influência do PC, nasceu a primeira organização de grande alcance entre as mulheres no Brasil, o Comitê das Mulheres Trabalhadoras (CMT). Pensado e executado por Octávio Brandão, Minervino de Oliveira, Joaquim Nepomuceno e Laura Brandão, sua criação, a primeiro momento, possuiu o objetivo de estimular a participação das mulheres nas campanhas eleitorais lideradas pelo Brasil, pois mesmo que nesse contexto as mulheres ainda não possuíssem direitos políticos, elas poderiam se movimentar na organização das eleições.

²¹⁰ *Ibid.*

²¹¹ ALVES, Iracélli da Cruz. **A Política no Feminino: Uma História das Mulheres no Partido Comunista Brasileiro – Seção Bahia (1942-1949)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. 2015. p. 223.

²¹² LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou Marxismo?* São Paulo. Editora Senzala, 1948. p. 240.

O Comitê era destinado a organizar e mobilizar as mulheres trabalhadoras, especialmente as operárias, para participarem ativamente das lutas sindicais e políticas da época. Outros objetivos da organização visavam conseguir maior aderência entre as mulheres de diversas classes sociais, além das operárias, as empregadas domésticas e as mulheres autônomas faziam parte desse grupo. Também estava na pauta, a conquista do sufrágio feminino e o direito a se candidatar, com o interesse principal em conseguir inserir no governo mulheres de camadas mais baixas da sociedade, que entendessem e lutassem pelos interesses das trabalhadoras. Isso incluía a defesa dos direitos trabalhistas, a luta pela igualdade de gênero e a participação política das mulheres.²¹³

Dentre as mulheres que participavam dessa organização se destacou Maria Lopes, mulher de José Vicente Lopes, também militante do PCB, fato comum na época, em que a porta de entrada para a política era a participação prévia dos seus maridos. Em seu livro de memórias “Combates e batalhas”, Octávio Brandão indica a participação de Maria Lopes nas reuniões do Bloco Operário Camponês (BOC), após ser escolhida como diretora do Comitê, fato que a fez participar de reuniões e assembleias, e mesmo como a única mulher, desfrutou do mesmo espaço de voz e voto em relação aos demais membros.²¹⁴

Mesmo com a criação do Comitê, é importante ressaltar que:

A opção pela fundação de um comitê eleitoral feminino não decorreu de um estudo das demandas e necessidades apresentadas pelas operárias em suas mobilizações. A conquista dos direitos políticos não foi pauta de nenhuma das várias greves ou das ações lideradas por elas desde a proclamação da República. A opção pelo CMT parece ter se originado do desejo dos comunistas de garantir a presença das trabalhadoras no desenvolvimento de um projeto político de muita visibilidade. Assim, se por um lado demonstrava o distanciamento do partido da realidade das operárias, público que pretendia alcançar, por outro evidenciava o compromisso do partido de envolver as mulheres em suas principais ações.²¹⁵

Esse trecho da dissertação de Paula Soares evidencia que se a criação do comitê foi feita sem considerar as demandas reais das operárias e apenas como uma estratégia para ganhar visibilidade política, isso poderia ser visto como uma forma de instrumentalização das mulheres para os objetivos do partido. O compromisso do partido em envolver as mulheres pode ser louvável, mas se isso se deu sem uma compreensão real das necessidades e

²¹³ SOARES, Paula Elise Ferreira. **A questão feminina no PCB (1925-1956):** as mulheres na cultura política comunista. Tese (Doutorado em História) – UFMG, Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2021. p. 116.

²¹⁴ SOARES, Paula Elise Ferreira. *Op. Cit.*, p. 116.

²¹⁵ *Ibid.*

preocupações das trabalhadoras, poderia indicar um distanciamento entre as lideranças masculinas do partido e a base feminina que buscavam alcançar.

As comunistas demonstravam uma dedicação incessante na defesa dos direitos das mulheres, buscando maior participação feminina em seus debates, independentemente de sua posição socioeconômica. Uma das primeiras organizações nesse sentido foi a União Feminina do Brasil (UFB), criada em 1935, por mulheres comunistas no Rio de Janeiro, às quais se juntaram outros grupos de mulheres, com vertentes políticas distintas ou que se definiam como apartidárias, como afirma Paula Soares:

Na UFB, as comunistas foram capazes de expor sua visão de mundo e, em alguma medida, convencer as demais militantes, mesmo aquelas não identificadas com o partido, sobre a justeza e adequação dos valores, interpretações e representações conformadores da cultura política que partilhavam. Nesse sentido, elas foram capazes de hegemonizar a UFB, tal como defendia a direção partidária, mesmo que se mantivessem sempre abertas a receber e incluir mulheres de posturas políticas e culturais diversas.²¹⁶

Devido à intensa repressão promovida pelo governo de Getúlio Vargas, a partir do movimento comunista de 1935, e por sua aproximação com o PCB, a União Feminina teve uma existência curta, de apenas dois meses. No entanto, é importante salientar que o grupo se destacou e se organizou em outros estados brasileiros, havendo uma tentativa de instalação na Bahia, principalmente com o incentivo de propagandas no jornal *Diário da Bahia*, como indica Tatiana Siqueira, pesquisadora de discursos feministas no jornal²¹⁷. A UFB também se destacou como uma das organizações engajadas na luta antifascista no Brasil, vinculando a luta pela emancipação feminina à resistência contra os regimes autoritários que surgiam em várias partes do mundo. Em um discurso no comício comandado pela Frente Única Popular²¹⁸, uma das suas representantes mais atuantes, Beatriz Bandeira, descreveu um pouco sobre de que maneira as ações antifascistas e a luta pela emancipação feminina estão interligadas.

[...] Lutar pelos direitos populares, pela própria dignidade humana e particularmente pelos direitos das mulheres na sociedade, é lutar contra o

²¹⁶ SOARES, Paula Elise Ferreira. **A questão feminina no PCB (1925-1956):** as mulheres na cultura política comunista. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. p. 198.

²¹⁷ SIQUEIRA, Tatiana Lima de. **Impressões Feministas:** discursos sobre o feminismo no *Diário da Bahia* (1931-1937). 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

²¹⁸ A Frente Única Popular foi um movimento político e social que surgiu no Brasil durante a década de 1930. Ela representou uma aliança entre diferentes grupos e organizações de esquerda, como comunistas, socialistas, trabalhistas e outros movimentos populares, com o objetivo de enfrentar o avanço do fascismo e fortalecer a luta pelos direitos dos trabalhadores.

fascismo que, na sua denominação brasileira de integralismo é a expressão da brutalidade requintada da negação de todos os direitos do homem, e a destruição de todas as conquistas femininas, pretendendo amarrar de novo as mãos da mulher para que ela seja novamente apenas a tão falada mártir dos lares sem pão, o anjo infeliz dos lares sem teto, a mãe-preta que vende aos outros o leite que devia ser para seu filho, a mulher-escrava a mulher-aparelho, a mulher-instrumento [...].²¹⁹

Em 1949, outra organização vinculada às mulheres de esquerda foi criada - a Federação de Mulheres do Brasil (FMB) que embora não estivesse diretamente ligada ao PCB, contava com uma participação significativa de mulheres próximas ao partido em seus eventos e atividades. A FMB teve sua origem na Conferência Nacional Feminina de 1949, um encontro que reunia mulheres de diversos movimentos voltados para a emancipação feminina e aos direitos sociais das mulheres, especialmente em contextos políticos. É notável o papel dessas organizações em conceder às mulheres uma atuação ativa na política e em suas próprias vidas. Isso é particularmente relevante considerando o controle moral exercido pelas famílias sobre as jovens na época. No entanto, devido ao caráter desses espaços, criados e mantidos por mulheres e para mulheres, a participação delas nas reuniões não era geralmente vista como problemática pelas famílias, que enxergavam tais encontros como locais de sociabilidade feminina.²²⁰

Esses grupos buscavam ativamente se movimentar dentro da política, principalmente as pecebistas, pois, como já dito, o partido era o mais receptivo a essas discussões durante a primeira metade do século XX no Brasil. No entanto, é imprescindível ressaltar que mesmo mais aberto a essas discussões, o partido apoiava a participação feminina e sua militância de forma restrita e limitada, poucas foram as que ocuparam espaços de liderança, o objetivo principal do PCB era expandir sua participação na sociedade e consolidar-se como um partido de massas, para atrair cada vez mais militantes e difundir o seu programa político.

A biografia de Jacinta Passos, não traz informação sobre a participação direta dela em nenhuma organização feminina, entretanto, documentos apontam que ela teria participado de congressos e eventos pontuais de mulheres para mulheres. Um desses relatos é uma carta enviada a Zélia Gattai, mulher de Jorge Amado e cunhada do seu marido James Amado, na qual Jacinta relata o comparecimento em um congresso na capital paulista, em 1951, “[...] estive num Congresso de Mulheres em São Paulo, no mês de julho, chefiando a delegação

²¹⁹ Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 5, 14/08/1935. *apud.* SOARES, Paula Elise Ferreira. **A questão feminina no PCB (1925-1956):** as mulheres na cultura política comunista. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. p. 219.

²²⁰ PAMPANI, Alice de Andrade. **Feminismo e Política:** O PCB e suas relações de poder. *In:* PROHIS: 10 anos fazendo história. Aracaju, 2022.

carioca (viu a importância?). Foi uma bela vitória, e a pressão policial tomou um caráter nacional contra o congresso.”²²¹ Possivelmente, o evento a que Jacinta se refere seja o I Congresso da FMB, que reuniu 231 delegadas de todo o país, “sendo 146 donas de casa e as demais operárias, funcionárias públicas, professoras, profissionais liberais, estudantes e camponesas”.²²² A informação que Jacinta fornece sobre a pressão policial no evento, também nos faz crer que ela esteja se referindo a este congresso, visto que a Federação tinha ligações com o PCB, que estava sendo intensamente perseguido pelo governo de Getúlio Vargas, após seu retorno ao poder em 1950, dando sequência a sua repressão aos comunistas.

Além da baiana Jacinta Passos, outras mulheres contemporâneas a ela também estavam imersas na política no seio da militância comunista, e também, em outros estados na década de 1940, como Ana Montenegro e Maria Brandão, na Bahia, Laura Brandão, no Rio de Janeiro e Zuleika Alambert, em São Paulo. Alambert, assim como Jacinta, foi candidata nas eleições legislativas estaduais de 1947, na qual o PCB já havia conseguido sua legalidade, desde 1945, e estava livre para disputar os pleitos. Diferente de J. Passos, derrotada nas eleições baianas, Zuleika conseguiu se eleger para a Assembleia Legislativa de São Paulo. Antes disso, já havia ocupado o cargo de secretária-geral na Juventude Comunista, consolidando-se como uma das principais lideranças dessa frente partidária.²²³

Em 1954, Zuleika foi eleita para o Comitê Central, após o IV Congresso do PCB, mas mesmo com a intensa participação na organização partidária, ela estava descontente com os espaços que o partido dava para as mulheres. Rachel Soihet ao pesquisar sobre a mudança de perspectiva da militante em relação ao partido, conta que Zuleika Alambert:

afirma que os soviéticos não enfrentavam as questões relativas à especificidade feminina, alegando — que a mulher participou da revolução ao lado dos homens, trabalha e estuda como eles, e que, portanto não há mais nada a reivindicar. Fato com o qual não concordava, já que embora a mulher fosse valorizada legalmente, havia toda uma questão cultural que impedia de fato uma situação igualitária entre mulheres e homens.²²⁴

²²¹ Segundo Janaína, Zélia Gattai encontrou esta carta em 2004, na sua casa de Salvador, mais de cinquenta anos após recebê-la. Para mais informações: AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: EDUFBA, 2010.

²²² TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

²²³ BUONICORE, Augusto; GARCIA, Fernando. **As mulheres e os noventa anos de comunismo no Brasil**. Memória Sindical, 07 de jun. 2012. Disponível em: <<https://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/as-mulheres-e-os-noventa-anos-do-comunismo-no-brasil/>>. Acesso em: 25 de abr. de 2024.

²²⁴ SOIHET, Rachel. **Do comunismo ao feminismo**: a trajetória de Zuleika Alambert. Cadernos Pagu. Edição 40. 2013: 169-195. p. 191.

O relato de Zuleika sugere que, para o Partido Comunista Soviético, a discussão sobre os direitos das mulheres não era vista como uma questão prioritária por si só. Em vez disso, era considerada principalmente dentro de uma perspectiva de classe. Isso significa que a emancipação das mulheres era parte integrante da luta mais ampla pelo socialismo, e não uma causa independente. Daniella Lôbo afirma que movimentos criados especificamente para as questões femininas no país, como a UFB, já tratada neste capítulo, “não possuíam intenção de uma incorporação maior das causas específicas das mulheres, denotando o desejo apenas de atraí-las ao movimento operário e alargar as fileiras do partido”²²⁵, o que reforça a fala de Zuleika, ao pontuar a falta de debates profundos sobre qual lugar o feminino ocupava no partido.

A posição das mulheres na sociedade já foi discutida por Karl Marx e Friedrich Engels desde o século XIX, entretanto, torna-se relevante destacar que essa questão era sempre abordada em uma perspectiva de superar as desigualdades de classe. Os filósofos argumentavam que a opressão das mulheres era intrinsecamente ligada às estruturas econômicas e sociais do capitalismo.

Em “O Manifesto Comunista”, Marx e Engels afirmaram que a burguesia, ao estabelecer o modo de produção capitalista, transformou a mulher em uma mera mercadoria, explorando seu trabalho de forma intensiva e relegando-a a uma posição subordinada na sociedade. Engels, em sua obra “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, há uma análise da evolução da família e da posição das mulheres na sociedade a partir de uma perspectiva histórica e materialista.

O PC no Brasil, como parte do movimento comunista internacional, baseava-se em teorias marxistas para formular suas políticas e estratégias, assim, também aderiram às ideias sobre a luta de classes e a emancipação feminina da Terceira Internacional, que fornecia diretrizes aos demais partidos comunistas, incluindo posicionamentos sobre questões sociais, e consequentemente questões de gênero. Como já tratado anteriormente nesta pesquisa, ao enfatizar a luta de classes como o motor da história, o movimento comunista internacional pode ter inadvertidamente relegado as questões de gênero a um papel secundário, tratando-as como derivadas ou menos urgentes. Essa abordagem limitada, no entanto, não pode ser vista apenas como um erro estratégico, mas sim como uma expressão das complexas interações entre as diferentes esferas sociais que compõem a totalidade da realidade histórica.

²²⁵ LÔBO, Daniella Ataíde. **Militância feminina no PCB: memória, história e historiografia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista. 2017. p.51.

A dificuldade enfrentada pelo partido soviético e outros partidos comunistas em promover mudanças significativas nas questões relacionadas às demandas das mulheres trabalhadoras e ativistas reflete a uma época de compreensão e aceitação do papel de subordinação das mulheres na sociedade e da luta interna pelo poder que também colocava a mulher em segundo plano. Essa resistência em assumir a mulher como sujeito histórico evidencia a complexidade das relações de gênero e o poder dentro dos movimentos políticos, apontando para a necessidade de se difundir uma abordagem mais profunda na defesa efetiva dos direitos das mulheres e na superação das barreiras estruturais que as desvalorizavam, sendo este um dos propósitos também desta pesquisa. No Brasil, é possível reconhecer essa resistência, que se apresenta em diversos níveis, em uma matéria no jornal *A Classe Operária*, em que a pessoa que redige a matéria afirma:

O trabalho de organização das mulheres tem sido dificultado, em boa parte, pelo fato de ser relativamente pequeno o número de mulheres inscritas nas fileiras do Partido [...] Quanto maior o número de mulheres dentro do Partido, tanto mais fácil e ampla será a organização do movimento feminino. Por outro lado, existem incompreensões, ainda, no Partido, com relação ao movimento feminino, uma evidente subestimação da sua importância. O resultado é que a maioria das mulheres militantes se dedica, quase exclusivamente, ao trabalho interno do Partido, ao trabalho de finanças etc. Também existe generalizada a opinião de que o movimento feminino é de interesse exclusivo das mulheres e, por isso, o assunto não consegue, regra geral, figurar na ordem do dia da maioria dos organismos.²²⁶

O trecho do artigo “Condições favoráveis para a mobilização das mulheres”, demonstra que mesmo que seja a intenção do Partido recrutar mais mulheres, dentro da sua organização há militantes que discordam dessa ação e não enxergam a importância de uma organização feminina. Essa ideia de que o movimento feminino é de interesse exclusivo das mulheres reflete uma visão limitada sobre questões de gênero, bem como o pequeno número de mulheres no interior de um partido não pode ser justificativa para a sua subjugação. Ao entender o movimento feminino como algo relevante apenas para as mulheres, alguns militantes perdem de vista a importância da igualdade entre os sexos como um objetivo coletivo que beneficia a todos.

Segundo Lukács, a totalidade é entendida como:

de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e,

²²⁶ CONDIÇÕES favoráveis para a mobilização das mulheres. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1946. p. 4.

de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas.²²⁷

Assim, é possível compreender que as experiências das mulheres do partido são resultado de correlações concretas e determinadas pela realidade objetiva do PCB. Isso significa que essas relações de poder têm raízes específicas nas condições históricas e ideológicas da época, estando ligada a uma conjuntura de práticas e ideias que, embora intencionais ou não, refletiam as limitações da luta revolucionária em lidar com todas as formas de opressão simultaneamente.

Uma questão que também merece ser analisada é o fato do citado artigo ser apócrifo, impossibilitando a identificação de quem o escreveu, se foi autor ou autora. Em um primeiro momento essa informação passa despercebida, mas é importante que seja problematizada, pois esse anonimato pode causar uma impressão de que abordar essa temática por um ângulo tão crítico poderia gerar incômodos ao seu autor ou autora nas fileiras do partido. Por outro lado, a decisão editorial de publicá-lo, mesmo que pudesse gerar descontentamentos ou conflitos, revela uma clara e corajosa intenção de trazer a público um debate até então travado internamente.

Como já falado anteriormente, além de Jacinta e Zuleika, outras mulheres também participaram ativamente da militância pecebista e suas vivências ajudam a formar uma ideia sobre como caminhava a vivência feminina no partido na primeira metade do século XX. Uma das mulheres pioneiras, sem dúvida, foi Laura Brandão, que mesmo nunca tendo sido reconhecida como membro direto do partido, esteve em diversos momentos de sua história, desde os primeiros anos, participando de reuniões, em greves, e comícios.

Poeta, professora e intelectual, Laura Brandão compôs o quadro do jornal *A Classe Operária*, juntamente com seu marido Octávio Brandão - um dos fundadores do periódico. Sua função era a organização e tradução de cartas enviadas por camponeses e operários, além de ficar responsável por responder aos leitores que enviavam cartas para o jornal. Mesmo com todo seu ativo trabalho, Laura nunca assinou um texto no periódico, fato que demonstra um possível silenciamento da poeta, pois a mesma não é citada em nenhum momento nas páginas, mesmo sendo uma escritora reconhecida na época.²²⁸

²²⁷ LUKÁCS, Georg. *Op. Cit.*, p. 240.

²²⁸ BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. **A feminização linguístico-discursiva no jornal *A Classe Operária* (1925-1930): política linguística em perspectiva dialógica.** 2022. Tese (Doutorado em Letras) Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. p. 203-204.

Maria Helena Bernardes, em sua biografia sobre a poeta, relata a relação entre Brandão e o PCB, afirmando que o partido não concedia um espaço efetivo de equidade entre homens e mulheres e além de, muitas vezes, ocultar o trabalho de organização feminina. Bernardes trata também dos motivos pelos quais Laura nunca se integrou definitivamente no partido:

Mais uma vez assistimos a direção do PCB ocultando trabalho da militância feminina, até porque não havia razão para que seu nome não fosse citado como editora das cartas [...] sua recusa em filiar-se ao partido parece nos mostrar que o compromisso dela era com o comunismo e não com o PCB [...] As tarefas que davam a ela maior visibilidade eram as atividades de agitação e propaganda mas, como podemos constatar, todas as tarefas que ela executava eram fora da estrutura partidária, portanto, fora da esfera do ‘poder’ interno do PCB.²²⁹

Embora a autora critique a direção do partido por ocultar o trabalho das militantes femininas e questione a ausência de menção ao nome de Laura, é essencial contextualizar que o período de atuação de Laura no Brasil coincidiu com o período de ilegalidade do PCB. Durante esse período, a filiação formal ao partido poderia ser uma questão complexa. Por um lado, a filiação poderia proporcionar uma identidade e reconhecimento dentro da estrutura partidária. No entanto, em um contexto de repressão política, a filiação também poderia expor os membros a um maior risco de perseguição. A recusa de Laura Brandão em filiar-se pode ser interpretada como uma escolha tanto estratégica quanto ideológica, demonstrando um compromisso com o comunismo que transcende as limitações da estrutura partidária.

Ao falar sobre Laura Brandão, Bernardes apresenta outro possível entrave para sua ascensão e uma ativa participação política feminina no PCB. Afirmando a dificuldade das militantes que também exerciam o trabalho materno, necessitando de um cuidado maior com o lar e os filhos, o que resultava em um tempo menor para atuação em partido que exigia dedicação intensa de seus membros, como o PCB.²³⁰ Outro ponto interessante a se pensar, é a respeito da jornada dupla das mulheres, pois essas, além do trabalho fora de casa, ainda tinha o trabalho doméstico.

Heleith Saffioti já fazia essa abordagem desde 1976, quando afirmou que o capitalismo prende as mulheres em um ambiente doméstico e privado. A autora aponta que na sociedade capitalista, a divisão sexual do trabalho é essencial, colocando muitas mulheres em posições passivas e dependentes em relação às atividades econômicas. Essa divisão de

²²⁹ BERNARDES, Maria Elena. *Op. Cit.*, p. 119-120.

²³⁰ BERNARDES, Maria Elena. *Op. Cit.*, p. 108.

responsabilidades e oportunidades com base no gênero resulta em desigualdades sociais que impactam diretamente as mulheres, restringindo seu papel e sua contribuição na esfera econômica.²³¹

Como foi possível observar, houve e ainda há em uma sociedade marcadamente patriarcal, por parte de alguns, uma tentativa de invisibilizar a presença feminina ativa e intelectual na política, mesmo com o papel fundamental que as mulheres possuíram e possuem nas conquistas e mudanças ao longo da história do Brasil. E dentre as mulheres que foram citadas neste capítulo, torna-se imprescindível falar sobre Ana Montenegro. Ela é mais um exemplo de como as mulheres foram importantes na organização e luta partidária, seja com seus artigos publicados em jornais como *O Momento Feminino* ou com participações em manifestações a favor dos trabalhadores sem teto.²³²

Montenegro também tinha uma preocupação especial com as questões relacionadas às mulheres, estando ligada a diversas organizações femininas que lutavam por direitos políticos e sociais para as mulheres, como a União Democrática de Mulheres da Bahia e a Federação Brasileira de Mulheres. Entretanto, assim como Zuleika Alambert, discordava do silenciamento do partido perante as contribuições femininas. Em agosto de 1960, Ana publicou um artigo no jornal *Novos Rumos*²³³, mostrando-se insatisfeita com as teses que foram enviadas para o V Congresso do PCB, realizado naquele ano, no Rio de Janeiro. Nele a autora cita a falta que sentiu de a discussão sobre as mulheres entrarem nos debates do partido:

Poderia dizer-se que os problemas da mulher são os mesmos do homem: precisam das coisas essenciais de que precisam os homens para um bem-estar social relativo às necessidades humanas [...] Seria essa uma forma muito simples, mas também muito oportunista de justificar a ausência, nas teses [...] Seria não querer levar em conta, na tática traçada para o trabalho entre as massas, as contradições existentes entre essa capacidade produtiva das mulheres e as suas condições de vida. [...] A posição assumida nas teses, ou, melhor a ausência de qualquer posição, é muito cômoda, mas errada, falsa e prejudicial, tanto do ponto de vista ideológico, como político, como prático, no trabalho entre as massas. As mulheres são ou não a reserva da revolução? Esta afirmação foi revista? Nos setores mais reacionários, mais

²³¹ SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 66.

²³² PINHEIRO, Milton. Quem foi Ana Montenegro?. Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro, 2018. Disponível em: <<https://anamontenegro.org/cfcam/2018/04/13/quem-foi-ana-montenegro/>>. Acesso em: 30 de abr. de 2024.

²³³ Jornal ligado ao Partido Comunista do Brasil (PCB), lançado nacionalmente em 28 de fevereiro de 1959. Mário Alves, Orlando Bonfim Júnior, Fragmon Carlos Borges e Guttemberg Cavalcanti eram alguns dos nomes da direção do semanário, que contava com a colaboração de redatores como Astrojildo Pereira, Carlos Marighella, Giocondo Dias, J. Câmara Ferreira. Foi fechado em abril de 1964, após o golpe militar que instaurou a ditadura no Brasil. Para mais informações ver em: FERREIRA, Jorge. **Os comunistas e os Novos Rumos**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, 2011.

retrógrados, por cálculo ou não, as mulheres se organizam. [...] Ouvi dizer que as teses estavam muito longas e a inclusão do trabalho entre as mulheres iria alongá-las ainda mais. E, assim, por incrível que pareça, por causa de mais de uma laudas de papel foi esquecida mais da metade da população do país.²³⁴

A história de Ana, segundo ela mesma, começou quando cruzou seus caminhos com outra importante militante do PCB baiano, Maria Brandão, uma mulher negra, comunista, nascida em Rio de Contas, mas moradora da Baixa dos Sapateiros, em Salvador, onde possuía uma pensão, abrigando grande parte da militância política de esquerda na capital baiana. Ana Montenegro foi uma das suas hóspedes, e mais do que isso, uma de suas pupilas, pois segundo as pesquisas de Fernanda Flôres, foi com Maria que ela aprendeu sobre as causas sociais pela perspectiva e sobre “a linguagem ‘do povo’, aquela linguagem a qual não a haviam ensinado na escola ou não teria lido nos livros”.²³⁵

A presença de Maria Brandão é tão marcante na vida de Montenegro, que ela escreve uma carta para a amiga, documento presente em seu livro “Mulheres, participação nas lutas populares”. Nela, a escritora Montenegro a agradece:

Muito obrigada, Maria Brandão dos Reis, por ter me ensinado a subir e a descer ladeiras da cidade de Salvador, uma lição que me ensinou, também, a subir e a descer as ladeiras da vida e que me servirá para subir até a estrela em que você estiver, uma daquelas que brilharam naquela noite de março de 1947. Sua companheira e amiga, Ana Montenegro.²³⁶

Maria Brandão dos Reis também esteve ligada à FMB, lutando contra a carestia dos custos de vida, problemas habitacionais e direitos trabalhistas de mulheres operárias. Também participou intensamente de mobilizações de moradoras nas favelas de Salvador, organizando desde vigílias noturnas até passeatas em forma de protesto contra mulheres ameaçadas de despejo, no bairro do Corta Braço. Após encaminhar comissões à Câmara Municipal, juntamente com a Associação Feminina da Baixa do Sapateiro, suas iniciativas foram bem-sucedidas e as residências foram preservadas.²³⁷

Além desses eventos, outro movimento que Maria Brandão participou foi a Campanha da Paz ou “Apelo por um Pacto de Paz”, uma ação mundial em prol do pacto anti-guerra

²³⁴ MONTENEGRO, Ana. As Teses Esqueceram o Trabalho entre as Mulheres. Novos Rumos. Rio de Janeiro. nº 75, agosto de 1960.

²³⁵ FLÔRES, Fernanda Léo. **Na mira da repressão: militância política e escrita jornalística em Ana Montenegro (1947-1983)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. p. 33-34.

²³⁶ MONTENEGRO, Ana. **Mulheres, participação nas lutas populares**. Salvador: M&S, 1985. p. 59-60.

²³⁷ SILVA, Tauana Olivia Gomes; FERREIRA, Gleidiane de Sousa. E as mulheres negras? Narrativas históricas de um feminismo à margem das ondas. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, pp. 1017-1033, 2017. p. 1025-1026.

durante a Guerra Fria. Em 1951, Brandão foi delegada no III Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, nessa ação ela apresentou 10.700 assinaturas coletadas em sua vizinhança.²³⁸

Por esta iniciativa, no ano seguinte, a militante foi indicada ao prêmio de “Campeã pela Paz”. Contudo, sua presença na cerimônia de premiação foi vetada pelo PCB, que designou outro membro do partido para representá-la. Nesse contexto, as pesquisadoras Tauana Silva e Gleidiane Ferreira não explicam o motivo do veto a ida de Maria à cerimônia, entretanto, sugerem que esse ato possivelmente reflete motivações de caráter não apenas sexista, como racista. E mencionam Elisa Branco, também militante do PCB, que recebeu o Prêmio Internacional Stalin da Paz dois anos depois, em Moscou, não tendo enfrentado a mesma resistência experimentada por Brandão. As estudiosas ressaltam que “nenhum documento foi encontrado em relação à indicação de Maria Brandão e seus feitos tornaram-se invisíveis na história do partido”, instigando a reflexão sobre a possível dimensão racial dessa invisibilidade.²³⁹

Diferente das outras mulheres citadas neste capítulo, Jacinta Passos nunca se opôs publicamente às decisões do partido, o que não invalida suas concepções acerca da importância da atividade política feminina. Em uma entrevista concedida ao jornal O Momento, em 1945, durante a campanha para as eleições após o fim do Estado Novo, Jacinta expressa suas considerações sobre a participação das mulheres na política brasileira. Ela considera o ressurgimento da democracia como fator principal para maior interação das mulheres na política:

As mulheres estão demonstrando um interesse cada vez maior pelos acontecimentos políticos. Um fato que pude observar não somente aqui, mas em São Paulo, em Curitiba, em Porto Alegre, no Rio. É grande o número de mulheres que compareceram às últimas eleições. Elas participaram ativamente na campanha eleitoral, estiveram presentes nos trabalhos de organização dos partidos, nos comícios, nos jornais, nas chapas dos candidatos. Esse fato demonstra que as mulheres, no Brasil, estão adquirindo uma maior consciência política.²⁴⁰

Jacinta também analisa a importância da mulher operária se interessar pelos acontecimentos políticos, em razão delas sentirem de forma mais intensa os problemas sociais do país, afirma que “sua condição é a mais difícil; além de trabalhar em péssimas condições nas fábricas, para receber um salário que sustente ou ajude a sustentar sua casa e seus filhos,

²³⁸ *Ibid.*

²³⁹ SILVA, Tauana Olivia Gomes; FERREIRA, Gleidiane de Sousa. *Op. Cit.*, p. 1027.

²⁴⁰ SÓ unidas as mulheres resolverão seus problemas. O Momento, Salvador, 10 abr. 1945, p 3 e 6.

ela tem de resolver os problemas da casa”. Em contrapartida, Jacinta também sinaliza que as mulheres no país ainda não vivenciaram uma tradição de luta política, mas que ela precisa ser construída. A entrevistada acredita que o partido comunista vem ajudando nessa tarefa, na década de 1940, a exemplo de ser o partido que mais apresentou nomes femininas para as eleições daquele ano:

O Partido Comunista foi o partido que indicou maior número de nomes femininos para a futura Assembleia Constituinte. É um fato lógico, porque o Partido Comunista é o partido da classe em ascensão no mundo atual. A presença dessas mulheres na Assembleia Constituinte garantirá uma lei justa em relação à proteção à maternidade e à infância, e a todas as reivindicações femininas.²⁴¹

J. Passos, enquanto comunista, acreditava que o capitalismo foi responsável pela criação do patriarcado, assim, esse sistema econômico precisaria ser destruído, o que implica desafiar diariamente as estruturas que o sistema usa para manter a exploração e a desigualdade entre grupos. Dessa maneira, não só os problemas das mulheres seriam resolvidos, como também de toda a sociedade.

Esse pensamento da poeta fica evidente em vários de seus textos e falas, sendo uma das mais marcantes o seu discurso nas eleições de 1945, enquanto candidata a deputada federal constituinte, em um comício realizado para campanha de Yeddo Fiuza a presidente e Luís Carlos Prestes ao senado, no qual a poeta defende as questões sociais e econômicas, em primeiro plano, e o divórcio como necessário após a resolução das carências alimentícias, afirmando que:

Esse programa não agita questões que às vezes são problemas reais, mas secundários no momento, como a questão do divórcio, porque o operário sabe que em sua casa o que provoca a tristeza e a discórdia, o que faz falta não é o divórcio, mas o pão de cada dia.²⁴²

No seu discurso, a candidata critica a ênfase dada a essas questões secundárias, como o divórcio, quando as necessidades básicas do povo não estão sendo atendidas. Para Jacinta a luta identitária vem atrelada à luta de classes, nesse sentido o divórcio fica em segundo plano, mesmo que esse fosse uma questão voltada à emancipação de muitas mulheres, já que, segundo o Código Civil de 1916, o artigo 242, inciso VII, as mulheres casadas só poderiam trabalhar com a permissão dos maridos. Entretanto, é preciso reconhecer que ela é uma

²⁴¹ SÓ unidas as mulheres resolverão seus problemas. O Momento, Salvador, 10 abr. 1945, p 3 e 6.

²⁴² AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 290.

militante, política e articulada, falando para centenas de pessoas, e nesses casos, em discursos políticos, é comum destacar a importância de priorizar as necessidades básicas da população, como acesso à alimentação, moradia, saúde e educação, antes de questões mais secundárias, embora mais importante do que este argumento, é o seu compromisso ideológico com o marxismo, dando prioridade a luta de classes. A melhoria nas condições básicas de vida tem impacto direto na qualidade de vida dos trabalhadores.

Concordando com Iracélli Alves quando afirma que Jacinta sempre defendeu os direitos da mulher, pontuando que “em espaços não formais da política, foi uma ferrenha defensora das liberdades femininas”, entretanto, destacamos o seu compromisso com a luta de classes, a luta entre capital e trabalho, atrelando a luta feminina ao domínio capitalista. I. Alvez ainda, destacou a fala de Jacinta no comício para dizer das dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora em geral, sugerindo uma abordagem multifacetada e contextualizada das preocupações políticas e sociais da poeta.²⁴³

Torna-se assim importante, investigar a dinâmica de poder dentro do Partido Comunista, considerando como o poder simbólico se manifestou nas relações entre homens e mulheres nesse contexto. Para Pierre Bourdieu o poder vai além das relações de poder estritamente formais e institucionais, abrangendo também as dinâmicas simbólicas e culturais que influenciam as interações sociais e as estruturas de dominação e subordinação, moldando a maneira como as pessoas veem o mundo e, conseqüentemente, agem nele.²⁴⁴

Segundo esta concepção, o poder parte de uma percepção que foi construída historicamente, que se difunde na sociedade de forma invisível, na qual grupos criam categorias de pensamento que vão influenciar nas ações da sociedade a seguirem determinados padrões. O que pode colaborar para uma análise da organização partidária pecebista, bem como do histórico de violência e de desigualdades sociais, que passa também pela questão de gênero, trazendo reflexões sobre o lugar que homens e mulheres ocupam neste país, e em particular, no interior de um partido político. Mesmo em um partido de esquerda, como o PCB, naquele contexto, os cargos de liderança e as posições de destaque eram predominantemente ocupados por homens, as mulheres, muitas vezes, encontravam-se em posições secundárias ou de menor visibilidade.

Esse conceito de Bourdieu contribui para reconhecer como as representações, valores e significados atribuídos às questões femininas podem ter sido moldados e contestados pelas estruturas de poder, pela cultura política predominante, de desvalorização da mulher e abusos

²⁴³ ALVES, Iracélli da Cruz. *Op. Cit.*, p. 138.

²⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989. p. 7-8.

físicos violentos, e por estratégias femininas que revelam sua condição de sujeito histórico capaz de alterar ou influenciar a agenda política. De modo que para compreender a luta e o espaço que ocupa as mulheres comunistas, não se pode desconsiderar que o PCB seguia um programa político partidário, cujo objetivo era o combate do capitalismo e a revolução proletária, assim qualquer outra pauta mais identitária se tornava secundária nesse processo. O que não quer dizer que as mulheres não se importassem com essas questões, elas apenas seguiam as diretrizes do partido.

Por muitos anos as mulheres foram impedidas de participar ativamente da construção política. E mesmo quando foram se destacando em espaços públicos, muitas vezes, poderiam ser silenciadas e excluídas, até mesmo por alguns integrantes de partidos considerados mais abertos a esses debates. Este estudo, de autoria feminina, vem colaborar para dar visibilidade à participação das mulheres nas lutas sociais deste país, em particular da mulher como militante comunista.

A partir dessas análises, considera-se que o silenciamento ou ocultamento da ação feminina comunista podem ser explicados nas memórias e na historiografia que elege o homem como principal agente da ação, na forma como a história do PCB foi escrita desde o início. Por ser uma história contada por homens, em sua maioria, nessas memórias não havia espaço para a militância feminina, já que o espaço ocupado por elas foi secundarizado. E mesmo que elas estivessem na organização, nas reuniões e eventos, seus nomes não estavam nos anais, nas atas, nos ofícios, cartas ou jornais. E pesquisar sobre essa história, é trazer à tona nomes de mulheres que sempre estiveram ali, mas apenas não tiveram suas histórias contadas, até agora.

4.2 O feminismo e as pautas sociais das mulheres

Na apresentação da biografia de Jacinta Passos, Janaína Amado, sua filha e biógrafa, a caracteriza como “mulher, feminista, comunista, separada do marido, empobrecida”, afirmando que muitos foram os estigmas enfrentados por Passos durante toda sua vida. Entre os adjetivos citados, alguns não podemos nos contrapor, entretanto outros podem ser debatidos, pois a definição de Jacinta Passos como feminista requer uma análise cuidadosa.

Dentre os textos analisados para essa pesquisa, principalmente sua biografia, não foram encontrados dados afirmando que Jacinta se intitulava feminista, mesmo assim é inegável que Passos foi uma mulher livre, forte, política e idealista, não fugindo de embates e até pagando um preço alto por eles. Também é inegável que em seus textos, seja nas poesias

líricas ou nos artigos jornalísticos, a poeta sempre tratou as diversas questões femininas com um olhar apurado. Como em “Canção simples”:

Mulher que tudo já deu,
homem que tudo tomou,
é mulher que se perdeu,
é homem que conquistou.

Mulher virgem,
condição para homem dar – nobre gesto –
resto duma divisão
se a divisão deixou resto.
No sangue, a honra é lavada
de homem que mulher engana,
mulher que vive enganada coitado!
fraqueza humana.

A flor caída no rio
que a leva para onde quer,
sabia disso e caiu,
seu destino é ser mulher.²⁴⁵

Nas palavras de Janaína, “O poema expressa, já em 1941, a extrema preocupação de Jacinta com a situação da mulher na sociedade brasileira”. Mas, mais do que isso, o poema aborda os deveres sociais que lhes são atribuídos, bem como seu papel dentro do casamento, os espaços que lhes eram designados e as expectativas sociais que as mulheres devem atender para serem aceitas, em contrapartida, os homens nunca são julgados da mesma forma. O poema é uma reflexão sobre como as normas sociais, muitas vezes, se mostram mais brandas diante das ações masculinas, enquanto as mulheres são frequentemente submetidas a julgamentos mais severos ou à falta de perdão por suas próprias fraquezas, como a perda da virgindade. Nesse contexto, a única salvação delas é o “gesto nobre” dos homens, que lhes conferem nome e um casamento como forma de redenção.

“Canção simples” difere de outros poemas de Jacinta já vistos nesta pesquisa, em que são abordados temas voltados a sua luta política, coletiva e principalmente, as questões de classe, como a defesa das necessidades básicas dos trabalhadores e o fim do sistema capitalista. Entretanto, mesmo não representando uma liderança de mobilização das mulheres enquanto grupo político, neste poema ela concede visibilidade a questões femininas.

Pode-se inferir que, mesmo não propositalmente, este poema expresse questões mais intimistas da escritora. Na última estrofe, ao citar uma “folha caída no rio” que deixa levar pelas águas, ela demonstra a liberdade feminina, a mulher que pode ir e vir, fazendo o que

²⁴⁵ PASSOS, Jacinta. Canção simples. Salvador: Edições Gaveta, 1945. p. 121.

quer, assim como a poeta fez em toda sua vida. Mesmo com muitos riscos, Jacinta torna-se uma mulher livre, dona de si, do seu corpo e das suas vontades.

Em “Elegia das quatro mortas”, poema-homenagem em que J. Passos compôs sobre quatro mulheres consideradas “mártires” e de trajetórias de vida diferentes, mas com o mesmo epílogo, a morte, a poeta escreve:

Olga, de manhã [...]

De manhã conosco:
aquela mesma luta antiga
e dura,
tão dura às vezes, bem sabes como exige.

Tranquila, conosco:
muita coisa Olga foi mudando
depois daqueles tempos: num campo
de suplícios, tua filha nascendo. Não, não esqueceremos

o Estado Novo, os crimes do fascismo
o teu corpo de bravura resistindo²⁴⁶

A primeira homenagem foi para Olga Benário Prestes, comunista alemã e judia, foi companheira de Luiz Carlos Prestes, na luta e no amor, até a prisão deles em 1935. Grávida, Olga foi deportada pelo presidente Vargas para Alemanha, onde deu à luz a sua filha na prisão. Anos depois, foi encaminhada pela Gestapo a um campo de concentração nazista e morta numa câmara de gás.²⁴⁷

No segundo ato do poema, a dolorosa história de Zélia Magalhães é contada: militante comunista, costureira, filha de operário, esposa e mãe. Foi assassinada aos 23 anos, em novembro de 1949, pela força repressiva do governo de Eurico Gaspar Dutra, em um comício organizado pelo PCB, no centro do Rio de Janeiro. Grávida, Zélia foi morta com um tiro nas costas.²⁴⁸

– Pelas costas. Me mataram pelas
costas. Covardia. Pois se mata
assim um ser humano?

²⁴⁶ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010. p. 150-154.

²⁴⁷ Para mais informações sobre Olga, ver em: PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benario Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo**. São Paulo: Boitempo, 2017; MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

²⁴⁸ Para mais informações sobre Zélia, ver em: BERTOLINO, Osvaldo. O assassinato de Zélia Magalhães e a indignação de Pedro Pomar. Disponível em <<https://grabois.org.br/2013/09/22/o-assassinato-de-zlia-magalhes-e-a-indignao-de-pedro-pomar-2/>>. Acesso em: 08 de mai. de 2024.

Ah!Zélia. O cão policial
teve medo de olhar teus olhos [...]

– Meu filho ia nascer:
mundo mais humano, o que eu queria.

Tão simples. Assim teu sonho era,
o nosso, de fartura e paz.²⁴⁹

Após sua morte, Zélia foi considerada uma heroína pelos comunistas, diversas homenagens públicas foram feitas em seu nome, além de uma campanha por justiça pelo seu assassinato. A mensagem passada por Jacinta demonstra a dor que uma mulher pode sentir, pela dor da outra, pois o caso de Z. Magalhães foi uma violência não só a ela, mas a todas as mulheres que ousaram e ousam lutar nos espaços públicos e privados, para dar uma vida melhor para os seus filhos. É importante ressaltar também que ao escrever sobre Zélia, Jacinta cita “fartura” e “paz”, demonstrando sempre a sua preocupação com os problemas de classe que margeavam as mulheres.

Flor de tristeza, vagarosa, Dade,
Foi assim que te vi no campo, um dia [...]²⁵⁰

Assim Jacinta começa a descrever Dade, a terceira personagem dessa elegia e única que conviveu diretamente com Jacinta. Enquanto empregada doméstica da família Passos, Dade ajudou na criação de Jacinta e de seus irmãos, durante os primeiros anos de vida da poeta na fazenda Campo Limpo, em Cruz das Almas, Bahia.²⁵¹

– Morreu de quê? – perguntam. A doença
já encontrou teu corpo consumido:
onze filhos, pobreza, mais a roça,
mais água e lenha e casa de farinha.

Morreste sem remédio como um bicho:
desconhecias o poder das letras,
da medicina e da luz elétrica.

Nenhum relógio marcou teu passamento.
Treze homens levaram teu caixão.

²⁴⁹ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010.p. 150-154.

²⁵⁰ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010.p. 150-154.

²⁵¹ Para mais informações sobre Dade, ver em: AMADO, Janaína. **Jacinta Passos, coração militante**: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: EDUFBA, 2010.

Flor de tristeza, vagarosa, Dade,
foi de morte matada que morreste

e bem sabias. O crime não tem data:
morte lenta geral antiga fria:
o latifúndio acabou contigo.²⁵²

Dade é a única anônima, no meio de três mulheres importantes na luta política feminina, mas isso não quer dizer que ela não lutava, ao contrário, possivelmente Dade foi a que mais lutou e resistiu. Sua luta era diária, e Jacinta deixa isso claro ao falar da sua “morte lenta”, não havendo outra alternativa a não ser sobreviver em sua dura realidade, resistindo aos mandos e desmandos. Dade representa a luta diária de milhares de mulheres pobres e negras que não são valorizadas pela sociedade, as cuidadoras de outras famílias, e que passam imperceptíveis para a maioria das pessoas, mas não para Jacinta. A descrição da sua morte e do funeral, evoca uma sensação de desamparo e injustiça, destacando sua condição de pobreza e a ausência de recursos, médicos e sociais, que poderiam ter prolongado ou até salvado a sua vida. Encerra com a estrofe da morte, culpando o “latifúndio” e a concentração de riquezas nas mãos de poucos, reforçando esta como a preocupação principal de seus escritos.

A última homenageada do poema é Angelina Gonçalves, militante comunista do Rio Grande de Sul, da cidade de Rio Grande, vinda de uma família simples, que começou a trabalhar aos 13 anos como operária. Filiada ao PC no Brasil, foi assassinada aos 37 anos, por policiais durante de uma passeata pelo Dia Internacional do Trabalhador, em 1 de maio de 1950. O crime ficou conhecido como Massacre da Linha do Parque, pois além dela, mais três pessoas morreram.²⁵³

A morte de Angelina foi muito significativa, pois morreu depois de se apropriar da bandeira do Brasil que foi arrancada das mãos dos manifestantes pela polícia. Ela representa a classe trabalhadora encarnada, que luta e morre por direitos, e sua morte no primeiro de maio deixa uma mensagem de resistência a um sistema capitalista opressor, de desigualdades e exploração do trabalho. Talvez por isso Jacinta tenha finalizado o texto com ela, como um grito de protesto contra a brutalidade e a injustiça que os trabalhadores sofreram e sofrem.

De repente.
De repente, atiraram.

²⁵² PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010. p. 150-154.

²⁵³ Para mais informações sobre Angelina, ver em: ANGUES, Ignacio Fornos. "A deusa da Greve": A construção de Angelina Gonçalves pelo Partido Comunista do Brasil (1950-1963). In: XVI ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH-RS., 2022, On-line. Anais do XVI Encontro Estadual de História. Porto Alegre: FACCAT.

(- Onde estamos?
 - Foi da sombra. Atiraram.
 - A polícia? Da sombra? Covardes!)

De repente.
 De metralha e fuzil.

(- Mas quem foi que mandou atirar?
 - Foi a sombra. Estrangeiros do dólar.)

Atiraram. Mataram
 Operários sem armas, mataram.

(- Ah! governo sem lei nem vergonha!)

Foi assim. Angelina mataram.²⁵⁴

As quatro mulheres escolhidas por Jacinta nesse poema, Olga, Zélia, Dade e Angelina, representam, para ela, todas as mulheres de luta, tendo como mote a resistência cotidiana e a defesa dos direitos das trabalhadoras. O poema ainda destaca o que pode acontecer com elas caso se arrisquem e ousem sair do padrão que a sociedade lhes impôs como lugar de mulher – o assassinato lento e/ou violento. As forças simbólicas da matança: Olga foi morta pelo fascismo. Zélia pelo Estado. Dade pelo latifúndio. Angelina pelo capitalismo.

Além dos poemas líricos, as publicações de Passos nos jornais também evidenciam a abordagem incisiva de Jacinta em relação às questões da mulher na sociedade, assumindo uma posição pública sobre temas como os caminhos para a organização feminina e luta por direitos sociais das mulheres, seja no ambiente doméstico ou público.

Durante o período de cinco meses em que ocupou a direção da Página Feminina no jornal *O Imparcial*, em 1943, Jacinta dedicou-se continuamente a estabelecer conexões entre as mulheres e a esfera política. Nesse contexto, ela realizou uma série de entrevistas intituladas “As mulheres baianas e a guerra”, permitindo que mulheres de distintas classes sociais expressassem suas visões em relação à Segunda Guerra Mundial, que estava em curso desde 1939.

Jacinta fornece às leitoras a sua intenção com essas entrevistas, afirmando que procura ater-se ao “pensamento da mulher baiana sobre a guerra contra o nipo-nazi-fascismo-integralismo, a Página Feminina inicia hoje uma enquete entre elementos femininos [...] ouviremos uma artista, uma professora, uma operária, uma escritora e outros elementos”.²⁵⁵ A primeira entrevistada, no dia 26 de fevereiro de 1943, foi Dolores Costa,

²⁵⁴ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010. p. 150-154.

²⁵⁵ AS MULHERES baianas e a guerra. *O Imparcial*, Salvador, 26 fev. 1943. p. 6.

comerciária, e foi perguntado a ela “Até que ponto, nesta guerra, se decidem os interesses vitais da mulher?”, em resposta Dolores disse:

Penso não ser justificável a vida fora do sentido da comunidade. Creio que todos, homens e mulheres deveriam unir-se [...] trabalhando como bons companheiros, pelo bem coletivo, sem preocupação de superioridade de sexo [...] Infelizmente o desenvolvimento desse sentimento de companheirismo tem sido bastante lento aqui no Brasil [...] acham que os afazeres das mulheres deveriam limitar-se ao campo doméstico. Mas, às vezes, os problemas econômicos falam mais alto que certos preconceitos burgueses.²⁵⁶

A mesma pergunta é feita para Alda Amorim. A advogada foi a segunda entrevistada em 5 de março deste mesmo ano e deu sua visão enquanto mulher a respeito do confronto armado global:

A guerra atual, com o seu cortejo de dores e misérias, enseja a oportunidade para a mulher revelar seu valor e capacidade. No fim, com a vitória das democracias, e, pois, da liberdade, destacada, há de ficar a contribuição valiosa da mulher. Paralelamente, aos olhos da sociedade e no texto dos códigos crescerá a sua eficiência, sua expressão e, conseqüentemente, seus direitos.²⁵⁷

Na edição de 26 de março, de 1943, a entrevistada foi a professora Lígia Lemos, descrita pela entrevistadora como uma educadora competente e esclarecida:

1º) Até que ponto nesta guerra se decidem os interesses vitais da mulher? Até o ponto em que nela se decidem os interesses vitais da humanidade [...] Em relação ao homem, no que diz respeito a direitos, a mulher estando em situação inferior, esperará conquistar os direitos que sempre lhe foram negados [...] Se esta não guerra é simplesmente uma guerra de interesses; se é uma guerra de ideias se houver depois dela uma revisão profunda nas leis que regem os povos; a mulher poderá ver resolvidos os problemas de interesse vital para ela [...].²⁵⁸

Apesar de muitas vezes apresentarem uma visão idealizada, as entrevistadas acreditavam verdadeiramente que o fim da guerra mundial poderia trazer esperança, direitos e um sopro de modernidade para a sociedade e em especial, para as mulheres vistas como colaboradoras dos homens no conflito. Isso se deve à entrada do Brasil na guerra em 1942, alimentando a esperança de muitas pessoas de que, ao seu término, o país passaria por um

²⁵⁶ AS MULHERES baianas e a guerra. O Imparcial, Salvador, 26 fev. 1943. p. 6.

²⁵⁷ AS MULHERES baianas e a guerra: fala a advogada Alda Amorim O Imparcial, Salvador, 05. mar. 1943. p. 5.

²⁵⁸ AS MULHERES baianas e a guerra: fala a professora Ligia Lemos. O Imparcial, Salvador, 26 mar. 1943. p. 3.

processo de redemocratização, com perspectivas positivas de reconhecimento do valor das mulheres.

Essa perspectiva também pode ser compreendida como uma resposta às inúmeras dificuldades enfrentadas pelas mulheres durante os períodos de guerra. Claude Quétel reflete sobre essa questão, afirmando que elas são as verdadeiras vítimas nesse processo e “são também as eternas esquecidas da história das guerras”. Para o historiador “os homens ocupam mais ainda o centro da cena e, por conseguinte, escrevem a história, a história deles”.²⁵⁹ Em síntese, eles vão para os campos de batalha, enquanto elas permanecem e assumem papéis que não lhes eram tradicionalmente atribuídos, adquirindo um papel crucial que ia além das tradicionais visões de gênero. Não estando restritas apenas ao papel de espectadoras, ao final da guerra, as mulheres desejavam continuar ocupando os espaços conquistados e preservando a liberdade adquirida durante esses anos.

Esta série de entrevistas evidencia o papel de jornalista de Jacinta Passos e o seu desejo em destacar e elevar o status das mulheres na sociedade, proporcionando-lhes uma oportunidade para expressar suas perspectivas sobre a guerra para um público mais amplo, leitor do impresso. Assim, ela oferece espaço e dá visibilidade às mulheres, reforçando a importância de suas opiniões e o merecimento de serem ouvidas. São mulheres comentando sobre como esse conflito as afeta, prospectando desejos futuros e convidando outras mulheres para fazer o mesmo. Jacinta coloca o feminino no centro dessas narrativas, permitindo que mulheres escrevam, sejam entrevistadas e discutam temas que historicamente não eram associados a elas, especialmente fora dos ambientes domésticos.

De acordo com Margaret Rago, o feminismo não se limita apenas aos movimentos formalmente organizados que se identificam como tal, mas sim “se referem a práticas sociais, culturais, políticas e linguísticas”.²⁶⁰ Em consonância com as reflexões de Rago, e com as análises da escrita de Jacinta Passos, é significativo ressaltar que, embora não tenha se autodeclarado feminista, suas ações e comprometimento refletem seu alinhamento com os princípios e objetivos do feminismo, de libertar as mulheres de uma cultura que as oprime e de expectativas sociais que as forcem a se conformar a padrões estabelecidos pela visão masculina da sociedade.

Essa não identificação de Jacinta enquanto mulher feminista pode ser explicada pelo contexto em que viveu. Na primeira metade do século XX, era comum as comunistas não se

²⁵⁹ QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. São Paulo: Laurousse do Brasil, 2009. p. 7.

²⁶⁰ RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. p. 28.

entenderem como feministas, mesmo que suas práticas reforçassem esse pensamento. Muitas mulheres queriam afastar-se do estereótipo criado sobre as mulheres burguesas de um feminismo mais tradicional, “comandado” por Bertha Lutz, que tinha como principal organização a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF). As críticas se centravam na falta de engajamento desse grupo com as questões das mulheres trabalhadoras, e por sua incapacidade de desafiar efetivamente as estruturas de poder capitalistas. Elas argumentam que esse feminismo, ao concentrar-se em questões como o sufrágio e a educação para mulheres de classe média e alta, negligenciava as preocupações das mulheres proletárias e perpetuava a divisão de classes.²⁶¹

Heleieth Saffioti teorizou sobre esses diferentes feminismos, contrapondo o feminismo pequeno-burguês com o feminismo socialista. A autora destaca a contribuição do movimento liderado por Bertha Lutz, na conscientização das mulheres, não apenas sobre suas próprias questões, mas também em relação às problemáticas mais abrangentes no mundo moderno que as afetam direta ou indiretamente.²⁶² Entretanto, ela também afirma:

Por mais avançado que possa ser o progressismo do feminismo pequeno-burguês, não extrapola, evidentemente, os limites de uma adesão, consciente ou inconsciente, com a ordem social correspondente à economia capitalista. Neste sentido, ele não é um «feminismo puro», como pretendem seus defensores [...] O «feminismo socialista» ou simplesmente «esquerdizante» [...] representa, inegavelmente, uma forma de consciência mais plena que seu correspondente pequeno-burguês. Assumindo uma postura altamente crítica em relação ao status quo capitalista, foi capaz de tomar os problemas da mulher simplesmente como uma dimensão de uma totalidade social mais rica de determinações e localizar, nestas, as que deviam merecer atenção no plano imediato.²⁶³

Nesse trecho, a autora sugere que mesmo com o feminismo pequeno-burguês buscando avanços para as mulheres, ele não questiona a estrutura socioeconômica do capitalismo e, por esse motivo, não pode ser considerado “puro”. Isso se dá em razão de não atingir um nível de radicalismo que busca uma mudança completa na ordem social. Ela também menciona os movimentos feministas socialistas, enfatizando uma visão mais crítica em relação ao sistema econômico e social capitalista. Saffioti acredita que esse movimento não enxerga os problemas das mulheres isoladamente, mas como parte de um todo, interligando as questões de gênero com outras questões sociais.

²⁶¹ SOIHET, Rachel. **Feminismos e antifeminismos**: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 27-28.

²⁶² SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classe**: Mito e Realidade. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 155.

²⁶³ SAFFIOTI, Heleieth. *Op. Cit.*, p 159.

Faz-se necessário destacar que neste contexto o feminismo socialista era transformador, diferente do feminismo pequeno-burguês, que ao ser voltado para si mesmo, particulariza as lutas, não se atentando a questões importantes e identitárias para todas as mulheres. A exemplo da luta pelo direito ao trabalho, quando existam mulheres que essa questão não era contingente, e sim de primeira necessidade.

Na prática, algumas comunistas contemporâneas a Jacinta seguiam essa linha de pensamento, como Ana Montenegro, que acreditava numa luta em conjunto com os homens e não contra eles, para assim chegar ao fim de um sistema econômico que nega direitos para os oprimidos da sociedade.²⁶⁴

Fernanda Flôres, ao discutir a trajetória de Montenegro e analisar o seu primeiro livro “Ser ou não ser feminista” (1981), assegura que a poeta não se considerava uma mulher feminista, entretanto constata a necessidade de uma investigação acerca das perspectivas teóricas de Ana, devendo “ser analisadas minuciosamente à luz da sua prática militante, dos movimentos feministas no mundo e no Brasil no determinado momento que construiu a obra.”²⁶⁵ É interessante perceber, que mesmo com essas constatações, ao descreve-la em sua dissertação, Flôres também afirma que Ana Montenegro foi sim uma feminista. Reforçando uma ideia já posta neste capítulo de que as vivências femininas que desafiaram a concepção de um lugar pré-determinado para as mulheres, ajudaram a formar uma compreensão das práticas feministas, mesmo que esta não seja a primeira intenção.

A imprensa se destacou como um elo fundamental entre os grupos femininos, sendo essencial para a comunicação e colaboração entre as mulheres comunistas, burguesas e/ou trabalhadoras. O jornal *O Momento Feminino*: um jornal para o seu lar, fundado em 1947, no Rio de Janeiro, serviu como órgão oficial da União Feminina do Brasil, o jornal tinha como objetivo abordar questões relacionadas aos direitos das mulheres e as condições de vida das trabalhadoras mais pobres. Embora traga o subtítulo “um jornal para o seu lar”, o objetivo era motivar as mulheres a ocuparem papéis significativos na política, economia e cultura, tanto em âmbito nacional quanto internacional.²⁶⁶

A sua primeira edição, de 25 de julho, foi escrita por Arcelina Mochel uma matéria intitulada “Nossos problemas”, em que a autora discorre sobre os propósitos do jornal:

[...] deixamos as antigas comodidades dos lares e nos colocamos na vanguarda dos movimentos progressistas [...] Nosso lema deve ser a união

²⁶⁴ FLÔRES, Fernanda Lédo. *Op. Cit.*, p. 72.

²⁶⁵ FLÔRES, Fernanda Lédo. *Op. Cit.*, p. 73.

²⁶⁶ SOARES, Paula Elise Ferreira. *Op. Cit.*, p. 326.

ampla, união de todas as mulheres, união infinitamente concebida, para que nossa voz ultrapasse as fronteiras de nossa pátria e seja recebida com a mesma ternura pelas mulheres do mundo inteiro numa consagração universal de um ideal comum.²⁶⁷

Arcelina Mochel destaca uma transição de papéis tradicionais feminino para uma postura revolucionária e politicamente ativa. Caracterizando as mulheres não mais como meras donas de casa, mas como agentes comprometidas com os ideais progressistas. Elas deveriam reduzir as atribuições domésticas em prol de uma militância organizada, passando a ser um veículo que reunia e organizava as mulheres comunistas e progressistas no país.

O jornal possuía interesse em conciliar diversos grupos de mulheres, com as mais diversas opiniões políticas, entretanto, ainda assim, estava diretamente influenciado pelo PCB. Paula Soares afirma que “as lideranças comunistas não abriam mão de demarcar suas pretensões com a condução”²⁶⁸ do jornal.

Outra questão que merece destaque e fortalece a correlação intrínseca entre o periódico e o partido é apresentada por Iracélli Alves. A historiadora destaca a abordagem incisiva adotada pelo jornal, no sentido de evitar torna-se conhecido como um veículo de imprensa feminista. Ilustrativamente, o jornal publicou uma matéria enfatizando que “Momento Feminino não é um jornal feminista mas uma publicação para os lares.”²⁶⁹ Tal postura endossa a observação anteriormente exposta, evidenciando a intenção das mulheres comunistas de se distanciarem do estereótipo associado ao feminismo burguês. Alves sinaliza na prática como esse afastamento em relação à ideia de feminismo ficava evidente, a exemplo do artigo em homenagem ao jubileu da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em que ao falar sobre Bertha Lutz, que sempre se autodeclarou feminista, o periódico a caracterizou como uma “líder feminina”.²⁷⁰

Alexandra Kollontai revolucionária russa e membro do partido bolchevique, também se opôs ao feminismo, estabelecendo uma distinção entre o feminismo como uma representação das mulheres burguesas e o movimento das mulheres trabalhadoras:

[...] não se deve perder de vista o fato de que as feministas não podem, devido à sua posição de classe, lutar pela transformação fundamental da estrutura econômica e social contemporânea, sem a qual a libertação das mulheres não pode ser concluída [...] Uma mulher pode ter direitos iguais e ser verdadeiramente livre apenas em um mundo onde o trabalho é

²⁶⁷ MOCHEL, Arcelina. Nossos Problemas. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 25 jul. 1947, p. 2.

²⁶⁸ SOARES, Paula Elise Ferreira. *Op. Cit.*, p. 330.

²⁶⁹ MOMENTO feminino. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 01 ago. 1947. p. 2

²⁷⁰ ALVES, Iracélli da Cruz. *Op. Cit.*, p. 92-93.

socializado, harmônico e justo. As feministas não estão dispostas a entender isso e são incapazes de fazê-lo. Elas sentem que quando a igualdade é formalmente aceita pela letra da lei será capaz de conseguir um lugar confortável para elas no velho mundo de opressão, escravidão, servidão, lágrimas e dificuldades.²⁷¹

Neste mesmo texto Kollontai também discute as relações entre feminismo, classe social e luta política das mulheres. Examinando se é possível que as mulheres de diferentes classes sociais possam unir forças na luta comum pelos direitos políticos das mulheres, ou se as diferenças de classe são um obstáculo insuperável. A autora sugere que, mesmo as feministas argumentando que as mulheres de todas as classes têm aspirações políticas semelhantes, na prática, o instinto de classe prevalece sobre o idealismo político, especialmente quando as mulheres burguesas alcançam o poder político, considerando que “as diferenças dos objetivos e das interpretações de como devem usar os direitos políticos cria um abismo intransponível entre burgueses e proletários mulheres.”²⁷² Vale destacar que esse texto foi escrito em 1907, mas que algumas discussões trazidas por Alexandra Kollontai sobre feminismo, classe social e luta política continuam importantes durante as décadas seguintes e serviram como referência para que as mulheres do PCB no Brasil aprofundassem suas percepções.

Um ponto fundamental a ser analisado é sobre quem são essas mulheres abordadas no texto de Kollontai e que também estão sendo discutidas nesta pesquisa. O surgimento e a consolidação de movimentos femininos ou feministas, sejam de caráter burguês ou marxista, foram fundamentais para fornecer às mulheres dessa época, um pensamento cada vez mais crítico em relação à realidade ao seu redor. Entretanto, pode-se inferir, que por este ser um debate mais teórico sobre as pautas sociais, os autores se concentraram mais nas mulheres letradas e das camadas mais abastadas da sociedade. A maioria dessas discussões começou a chegar a outros grupos de mulheres, como mulheres pobres e mulheres negras, com a mudança da perspectiva do PCB, ao adotar políticas mais amplas que aproximassem essas mulheres dos movimentos sociais.

Tauana Silva e Gleidiane Ferreira ao investigarem as narrativas históricas de mulheres feministas negras, afirmam que muitas mulheres negras começaram sua atuação política nos partidos de esquerda, o que acarretou em posteriormente começarem a se envolver nos movimentos feministas. De acordo com elas, essa prática se deu em razão desses partidos,

²⁷¹ OS FUNDAMENTOS SOCIAIS DA QUESTÃO FEMININA. Arquivo Marxista na Internet. 27 de ago. 2016. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/kollontai/1907/mes/fundamentos.htm>>. Acesso em: 08 de mai. de 2024.

²⁷² *Ibid.*

como o PCB, possuírem uma aproximação maior com a luta de classes e o desejo de construir uma sociedade mais justa, dessa forma, a partir 1930, diversas mulheres negras se aproximaram do Partido Comunista.

As pesquisadoras dão o exemplo da Associação Feminina do Distrito Federal, entidade político-partidária formada por mulheres que contribuíram para a criação da Federação de Mulheres do Brasil (FMB). A AFDF lançou campanhas contra a carestia, em 1950, preocupando-se com os problemas habitacionais das mulheres moradoras de morros e favelas:

A Associação Feminina do Distrito Federal vem de iniciar uma vasta Campanha contra a Carestia, com o apoio entusiasta de todas as organizações femininas dos bairros e subúrbios a ela filiadas. O ponto alto desta luta contra o elevado custo da vida [...] Como trabalho preparatório dessas convenções lançou a A. F. D. F. um manifesto às donas de casa do Distrito Federal conclamando-as a participarem das discussões e da feitura das teses, mostrando com dados concretos a crescente elevação de custo dos gêneros de primeira necessidade, bem como do combustível e do vestuário.²⁷³

Ações como essas podem ter influenciado várias mulheres que nunca tiveram contato direto com a política a se reconhecerem dentro dessas iniciativas e começarem a se mobilizar para melhorar as condições de vida à sua volta. O que aproxima as mulheres negras e periféricas do PCB é a crítica que ele faz a luta por uma sociedade desigual e a necessidade de mudar essa realidade de forma prática, pautas que dialogam diretamente com o cotidiano dessas mulheres e de suas famílias.

Jacinta Passos em “Diálogo num país qualquer”, poema escrito em 1942 e publicado no livro Poemas Políticos, reafirma como os discursos teóricos não chegam nas classes populares:

– Demorei muito, não foi, mulher?
E o menino, como vai o menino?

– Vai assim como Deus quer.
Você arranhou o dinheiro?

– O dinheiro da receita?

– Sim. Coitado de meu filho, ficou sozinho o dia inteiro,
doente como está.

²⁷³ CONVENÇÕES contra a carestia. O Momento Feminino, Rio de Janeiro, 18 mai, 1950. Adotamos, nesta pesquisa, a atualização ortográfica em vigor hoje.

Fui ver se dava um jeito.
 Fui na casa do padrinho,
 que me deu umas frutas – fruta está tão caro –
 para a dieta dele, coitadinho.
 E a receita, como é?

– Não arranjei, não.
 Ia falar com o gerente
 para ver se me adianta algum dinheiro.
 Mas estavam todos na reunião.
 Sabe que a guerra já esta perto da gente?

– E para que fizeram reunião?

– Foi uma espécie de comício.
 O diretor fez um discurso,
 disse que a hora é grave, que exige sacrificio.
 A pátria está ameaçada.
 Cada homem deve dar até a própria vida
 para defender o que é nosso,
 para defender a pátria estremecida.

– E ele disse o que é pátria?

– Disse que pátria é tudo o que nós temos.
 É a nossa terra
 e tudo de bom que esse nome encerra.
 É o alimento que nos vem do solo,
 é o pão,
 a água que bebemos,
 o fogo que nos aquece,
 a casa onde vivemos.

– Pátria é tudo o que nós temos.
 Meu filho doente,
 sem remédio,
 sem alimento,
 sem um cobertor para a hora do frio.
 Água comprada por três mil réis a lata.
 Fogo no candeeiro de gás que a vizinha emprestou.
 O dono da casa exigindo o aluguel.
 Será que a gente tem mesmo pátria, Manuel?²⁷⁴

Esse poema narra a tomada de consciência da mulher que sofre com a falta de dinheiro para itens básicos de sobrevivência, como remédios, alimentos e cobertor para o frio. Uma mulher que além de cuidar do lar, dos filhos, ainda sai para trabalhar e denunciar a carestia. Essa mãe/mulher percebe que o conceito de pátria e patriotismo que desejam empregar não alcança o trabalhador. Quais os sacrificios que o Estado quer que as pessoas façam se elas não têm “nada” para sacrificar? Se já sacrificam todos os dias a sua vida para lutar pela

²⁷⁴ PASSOS, Jacinta. In: AMADO, 2010. p. 77-78.

sobrevivência sua e dos seus? Jacinta coloca a mulher como interlocutora, que ouve e reflete sobre os acontecimentos ao seu redor. A pergunta final, “Será que a gente tem mesmo pátria, Manuel? ”, critica a hipocrisia de discursos patrióticos que não se traduzem em ações concretas para melhorar as condições de vida das pessoas.

4.3 Desafios biográficos: reflexões acerca da escrita de Janaína Amado

Em diversas páginas deste trabalho foi explicitada a importância da biografia de Jacinta Passos para o desenvolvimento dessa pesquisa e para tirar da invisibilidade uma figura feminina tão marcante na história política da Bahia na década de 1940. Escrita por sua filha Janaína Amado e, mesmo não sendo a obra pioneira a respeito da poeta, é até agora a mais completa pois consegue abarcar, numa mesma publicação, diversos aspectos da vida de Jacinta, com entrevistas de pessoas próximas e documentos privados da família Passos.

Benito Schmidt argumenta que ao realizar uma biografia, o historiador deve ser guiado por um problema de pesquisa histórico, usando referências conceituais e fontes documentais apropriadas, além de entender que a biografia precisa contribuir para a compreensão de dimensões do passado que vão além da vida do indivíduo biografado. Schmidt questiona que o historiador necessita se questionar “por que vale à pena biografar esse indivíduo? Ou, melhor ainda: que dimensões do passado são possíveis de se conhecer pesquisando a trajetória de determinado personagem?”,²⁷⁵ no caso da biografia de Jacinta Passos, o trabalho de Janaína Amado é importante tanto para a história, por trazer à tona a voz de mais uma mulher que teve sua vida apagada, quanto pessoal, como a mesma indica “senti enorme dificuldade emocional em empreender a tarefa. Fico feliz por haver conseguido”.²⁷⁶ Deste modo, a importância de biografar Jacinta está na importância que essa filha tem em narrar a história da sua mãe.

É possível que a completude da obra Jacinta Passos, coração militante: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica, se dê por destacados motivos. Além do fato de Janaína ser filha de Jacinta e por esta ligação ter acesso facilitado a documentos e acervos pessoais de sua mãe, Amado também é historiadora. Especialista em História Oral, com rigor metodológico, a biógrafa buscou apresentar os fatos de forma mais imparcial possível, tentando manter uma distância emocional, para assim, garantir uma escrita precisa e confiável, ajudando os leitores a formar suas próprias opiniões a partir dos fatos narrados.

²⁷⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. **História e biografia**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 195.

²⁷⁶ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 13.

A introdução da biografia é o único momento em que a narradora se coloca em primeira pessoa e assume a identidade de filha de Jacinta Passos, em todos os outros momentos do texto ela se mantém afastada, como a mesma descreve “o que me colocou na inusitada posição de narradora e personagem deste texto, historiadora e fonte ao mesmo tempo”²⁷⁷. Janaína também conta como foi o processo de coleta das fontes:

Nesta para mim emocionante reconstrução da trajetória de vida de minha mãe (com quem não fui criada), reuni tudo o que consegui sobre a existência dela, até agora muito pouco conhecida [...] registrei informações sobre minha mãe recolhidas ao longo do tempo, em geral nas numerosas conversas sobre ela com tias, tios, primas, familiares dela – com quem não perdi o contato –, assim como com outras pessoas que foram próximas a ela, como meu pai, meus tios paternos, ou Mazi e Regina, empregadas durante décadas na casa dos Passos. Apesar do caráter pouco ortodoxo da coleta destas últimas informações (são lembranças minhas de conversas heterogêneas mantidas em situações também heterogêneas, sem objetivo de registro, ao longo do tempo), decidi incorporar várias delas ao texto, por duas razões: porque acrescentam dados relevantes, impossíveis de serem obtidos em outras fontes, ajudando assim a compor o complexo quebra-cabeças chamado Jacinta Passos; e porque, caso não fossem transcritas aqui, se perderiam para sempre.²⁷⁸

Esse registro de Janaína demonstra o cuidado que ela possui ao escrever a história da sua mãe, principalmente porque o relacionamento emocional entre mãe e filha pode influenciar a narrativa. Mãe e filha conviveram apenas nos cinco primeiros anos de vida da biógrafa, visto que, após o diagnóstico de esquizofrenia e as diversas internações que sofreu, Janaína ficou apenas aos cuidados do pai, principalmente após a separação do casal. Entretanto, mesmo que as duas tenham convivido poucos anos, esse fato pode levar a uma idealização ou, inversamente, a uma crítica mais severa ao biografado. A própria Amado demonstra consciência de que o seu texto não é uma verdade absoluta sobre quem foi a sua mãe e nem um endeusamento de sua história:

Tentei evitar duas armadilhas, óbvias numa existência como a dela, e num relato como o meu, filial: procurei fugir tanto do maniqueísmo quanto do anacronismo histórico. E evitei transformar Jacinta em ícone, o que decerto a projetaria, mas lhe roubaria toda a humanidade. Tenho consciência de que meu texto representa um ponto de vista, uma determinada perspectiva sobre a existência de Jacinta Passos. Espero que, a partir das informações aqui reunidas, novos pontos de vista surjam.²⁷⁹

²⁷⁷ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 337.

²⁷⁸ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 338.

²⁷⁹ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 338.

Pierre Bourdieu alerta para os riscos de simplificar demais a compreensão das vidas humanas, ignorando o contexto social e as influências estruturais que moldam as experiências individuais. Bourdieu defende que a abordagem de coleta de histórias de vida transcende a mera escuta de relatos individuais. Ele enfatiza a importância de contextualizar essas narrativas, validando as informações por meio de múltiplas fontes e considerando experiências adicionais além daquelas apresentadas pelos entrevistados. Essa abordagem meticulosa é crucial para prevenir a armadilha da “ilusão biográfica”, na qual há uma tendência a assumir que uma narrativa de vida é integral e precisa exclusivamente com base no testemunho de um único indivíduo.²⁸⁰

Mas mesmo com esse esforço para ser imparcial, é importante entender que os historiadores ainda são influenciados por suas próprias experiências e visões de mundo. No caso de uma historiadora escrevendo sobre um membro da família, manter essa distância emocional é ainda mais crucial para garantir que o registro seja imparcial e não pareça tendencioso. Ida Machado, ao analisar a percepção de Anita Leocádia ao narrar a história de seu pai no livro “Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro”, evidencia que “mesmo se quisermos e nos esforçamos para manter uma escrita “neutra”, como seres humanos que somos, não o conseguiremos: sempre deixaremos nossas marcas em nossos escritos.”²⁸¹

Machado aponta alguns momentos nos quais Anita se deixou levar pela emoção e demonstrou orgulho do seu pai. O primeiro exemplo está na ilustração do livro, que representa um romance de cordel sobre Prestes que, segundo Ida, com sua “simplicidade rústica e poética”, pode despertar a empatia dos leitores. Outro ponto apresentado por ela são as três epígrafes que abrem a narrativa, escolhidas por sua capacidade de expressar sentimentos através das palavras de outros, funcionando como “enunciadores-ventríloquos”,²⁸² em que a narradora selecionou palavras para transmitir sentimentos que ela quer comunicar aos leitores.²⁸³ É uma maneira de dizer algo importante ou significativo através da voz de outro, permitindo ao autor ou à autora se expressar de forma indireta, mas ainda assim profunda e reveladora.

²⁸⁰ BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (org.) **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 189-190.

²⁸¹ MACHADO, Ida Lucia. Reflexões sobre a memória familiar da família Prestes. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 12-27, 2017. p. 19.

²⁸² É um conceito utilizado para descrever uma situação em que um autor comunica suas ideias, sentimentos ou intenções por meio das palavras de outra pessoa. Isso acontece frequentemente com epígrafes, citações ou referências que introduzem um texto e refletem as emoções ou pensamentos do autor sem que ele os expresse diretamente.

²⁸³ MACHADO, Ida Lúcia. *Op. Cit.*, p. 21.

Na biografia de Jacinta Passos, é possível identificar momentos em que a emoção da narradora se torna evidente. O mais significativo deles ocorre ao final da obra, quando Janaína descreve o último encontro com sua mãe durante o período em que esta esteve internada em um sanatório em Sergipe, onde passou os últimos sete anos de sua vida. O diálogo entre as duas encerra a biografia, embora tenha ocorrido em 1969, quatro anos antes do falecimento de Jacinta em 1973. Tal escolha narrativa poderia ser interpretada como uma última homenagem à mãe ou, possivelmente, como uma coincidência decorrente da falta de novos eventos a serem relatados sobre a vida de Jacinta no sanatório. Estas questões são difíceis de elucidar, porém, destacam a complexidade inerente à tarefa de biografar um familiar.

A tentativa da narradora de se manter distanciada do objeto em estudo, pode ser vista como um esforço para representar o passado com os compromissos de uma historiadora, mas, como Paul Ricoeur sugere, a memória também envolve escolhas sobre o que lembrar e o que esquecer. Assim, “as estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração; pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela”.²⁸⁴ Ao selecionar eventos e detalhes para incluir na biografia, ela está, consciente ou inconscientemente, moldando a imagem de sua mãe. Isso levanta questões sobre os “usos e abusos” da memória: até que ponto é possível representar uma certa verdade sem que as próprias experiências e emoções de filha interfiram? Nesse caso, a própria ausência de Jacinta é uma presença. É possível que essa biografia tenha sido uma resposta para a própria Janaína Amado sobre quem foi sua mãe, pois como a própria afirma “apesar do esforço de pesquisa, esta biografia resulta fragmentada e lacunar, como fragmentada e lacunar foi a existência de Jacinta”.²⁸⁵ E ainda, ao repartir esta história singular com outros leitores e/ou ouvintes, transforma eles também em testemunhos, socializando dores e alegrias.

Outro desafio são as memórias seletivas sobre a mãe, mesmo que não propositalmente a nossa memória é influenciada por emoções e pelo contexto em que as lembranças são evocadas. Apesar de a escritora/historiadora tentar manter um certo distanciamento daquilo que pesquisa, a subjetividade inerente às suas memórias pode influenciar a forma como ela retrata sua mãe. Paul Ricoeur argumenta que as memórias são sempre influenciadas pelo nosso presente e pelas nossas emoções.²⁸⁶ Assim, as lembranças que ela tem dos primeiros

²⁸⁴ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007. p. 455.

²⁸⁵ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 338.

²⁸⁶ RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, p. 248.

cinco anos de vida podem ser reconfiguradas pelas suas experiências posteriores, pelo que ela aprendeu sobre a mãe e pela sua própria imaginação.

Como a própria Amado pontuou, nessa escrita ela se “colocou na inusitada posição de narradora e personagem deste texto, historiadora e fonte ao mesmo tempo”.²⁸⁷ Flávia Barreto, ao investigar os desafios da objetividade na criação de (auto)biografias no contexto da obra de Edgar Morin, “Um Ponto no Holograma: A Vida de Vidal, Meu Pai”, analisa os obstáculos das narrativas, especialmente, quando há um vínculo emocional profundo entre o narrador e o biografado. Morin, ao escrever sobre seu pai, Vidal, adota estratégias metodológicas do pensamento complexo para tentar manter uma postura objetiva, mesmo ciente de sua profunda ligação afetiva com o biografado. Ele recorre à terceira pessoa e aos dados factuais para criar uma aparência de imparcialidade. No entanto, a proximidade emocional inevitavelmente permeia a narrativa, revelando uma interseção entre biografia e autobiografia.²⁸⁸

Barreto cita Clifford Geertz para enfatizar a complexidade de se manter uma objetividade científica quando a experiência pessoal do pesquisador está profundamente entrelaçada com o objeto de estudo. Desta maneira, Geertz argumenta que, além da observação participante, os pesquisadores também são testemunhas participantes, o que significa que suas experiências pessoais influenciam inevitavelmente a narrativa que constroem, ratificando que “a dificuldade está em que a estranheza de construir textos ostensivamente científicos a partir de experiências em grande parte biográficas.”²⁸⁹

Em certo momento do texto Barreto explica o porquê do uso dos parênteses no termo autobiografia:

O que motiva e justifica o uso dos parênteses é o fato de não se tratar nitidamente de biografia e sequer de autobiografia, porque nem sempre o narrador participante, no seu fazer profissional, quer ter explicitado em todos os matizes e cores o seu envolvimento com o personagem biografado, ou, mesmo que o considere enquanto um dado revelado, o pesquisador pode optar por tratar o vínculo afetivo familiar de maneira a pretender ter sobre o mesmo um efetivo controle. Se o pesquisador, ao apresentar seu trabalho como biografia, estiver imbuído do propósito de manter distância, neutralidade, condução da narrativa assumindo uma postura imparcial em busca de uma narrativa “verdadeira”, usará de artifícios para assim conduzir o texto.²⁹⁰

²⁸⁷ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 337.

²⁸⁸ OLIVEIRA, Flávia Barreto de. **Desafios metodológicos para a (auto) biografia de família**. Intellèctus, v. 16, n. 2, p. 85-108, 2017. p. 90-92.

²⁸⁹ GEERTZ, Clifford. Obras e vidas. O antropólogo como autor. 2009. p.22 *apud*. OLIVEIRA, Flávia Barreto de. **Desafios metodológicos para a (auto) biografia de família**. Intellèctus, v. 16, n. 2, p. 85-108, 2017.

²⁹⁰ OLIVEIRA, Flávia Barreto de. *Op. Cit.*, p. 92.

Esse trecho explica que o envolvimento pessoal é algo que o narrador pode tentar controlar ou minimizar, para manter a aparência de objetividade e neutralidade na narrativa. Contudo, essa tentativa de controle e distanciamento é um artifício que pode não refletir completamente a complexidade e a subjetividade inerentes a tais relatos. Da mesma forma que Edgar Morin adota estratégias metodológicas do pensamento complexo para tentar manter uma postura objetiva, Janaína Amado também. A autora afirma que, mesmo nas entrevistas com pessoas próximas a Jacinta, que possuíam considerações distintas ao seu respeito, ela confrontou essas versões “sempre que possível explicitando-lhes as divergências, não as omitindo”.²⁹¹

O diagnóstico de “esquizofrenia paranoide” também foi narrado na obra, segundo entrevistas colhidas por Janaína com seu pai, James Amado e Tomásia de Queirós, empregada da família, Jacinta sofreu uma crise nervosa, acreditando que estava sendo perseguida “muito nervosa, agitada e assustada, trancou todas as portas e janelas do apartamento, afirmando que a polícia estava do lado de fora, pronta para invadir a residência e prendê-la”²⁹². Sobre o diagnóstico da mãe, Amado acredita que:

Passados tantos anos das crises de Jacinta, sem acesso aos seus prontuários médicos (os sanatórios não guardam documentos dessa época) e, principalmente, sem escutar o seu delírio, a maioria dos psicanalistas e psiquiatras afirma que é muito difícil, praticamente impossível, fazer hoje um diagnóstico sobre a natureza das suas dificuldades psíquicas. Contudo, alguns dizem que as informações disponíveis apontam para a existência de esquizofrenia paranoide. A carência de medicamentos adequados, bem como a resistência de Jacinta em tomar os remédios que existiam, aliadas à aplicação de terapias manicomiais baseadas unicamente em eletrochoques e em injeções de insulina, devem ter contribuído para tornar suas crises mais frequentes, profundas e dolorosas.²⁹³

Durante a biografia, a narradora se coloca em primeira pessoa quando conta dos seus relatos com a mãe. Um desses momentos, ela conta das duas férias escolares, que passou com a mãe na infância em Salvador, nos anos de 1955, quando ela tinha 8 anos de idade, e 1956, aos 9, depois de quatro anos afastadas, em decorrência da separação dos pais e da internação da mãe. No primeiro ano de férias, a filha narra como foi bom estar com a mãe e os outros membros da família Passos:

²⁹¹ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 337.

²⁹² AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 389.

²⁹³ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 395.

Tenho recordações bastante distintas dessas duas férias, completamente diferentes uma da outra. As primeiras, as de 1955, senti como uma grande festa. Fui muito bem recebida naquela casa alegre, paparicada pelas tias, empregadas antigas, avó [...] Nessas primeiras férias, a convivência com minha mãe foi boa. Ela gostava de conversar comigo, contava-me histórias, dava-me livros para ler, ensinava-me muitas coisas – geografia, política, matemática, português, história... –, ria das minhas perguntas e respostas, orgulhava-se dos meus acertos. Mamãe cuidava de mim, me dava banho e remédio, penteava meus cabelos. [...] Minha mãe era atenta, solícita às vezes, mas não me fazia carinho físico. E era muito exigente, gostava que eu agisse exatamente do modo como me ordenava.²⁹⁴

A do ano seguinte, a autora relata a situação diferente das férias passadas:

Todo mundo parecia preocupado, ansioso, envolvido com problemas. Minha mãe estava nervosa, agitada, impaciente, brigando a toda hora com a família e comigo, que, por meu turno, revidava com más-criações a ela. Lembro-me de tia Zete uma vez me chamando à parte, para me dizer que eu não podia continuar a responder à minha mãe daquela forma. Ela tinha razão, mas eu não mudei minha forma de me comportar. [...] No Natal, dei-lhe de presente, com dedicatória, um caderno manuscrito, contendo pequenas peças de teatro e poesias escritas por mim. Ela ficou contente, riu, me agradeceu. Dias depois, devolveu-me o caderno, que guardo até hoje, com observações críticas e correções (todas pertinentes), acompanhadas de uma nota – “regular”, “ótima”, “boa” – para cada escrito meu. Era muito difícil, quase impossível agradá-la, e isso me frustrava demais. [...] Naquele ano, mamãe debatia-se na cama à noite, falando alto, às vezes gritando, o que me acordava. Nessas ocasiões, na escuridão do quarto eu sentia muito medo dela, temia que saltasse sobre mim, me fizesse mal.²⁹⁵

Mesmo com o foco dessa análise voltada para a narrativa de Janaína Amado, faz-se significativo comentar que ser familiar de uma pessoa com um transtorno psíquico grave é um desafio, principalmente numa época em que os recursos de tratamento eram escassos e tão violentos, produzindo majoritariamente o efeito contrário: gerando ainda mais sofrimento aos pacientes, tornando-os reativos e gerando neles comportamentos violentos, principalmente com as pessoas mais próximas, uma vez que os pacientes não recebiam cuidado nem acolhimento adequados. Dessa forma, é possível inferir que para uma criança de oito-nove anos, lidar com esses delírios deve ter sido uma tarefa extremamente difícil.

A relação emocional da filha com a mãe, mesmo que distante ou idealizada, inevitavelmente coloriu a narrativa. A neutralidade completa é praticamente impossível porque as emoções como amor, saudade, ressentimento, associadas às lembranças afetam a interpretação dos fatos. Para Paul Ricoeur “lembrar-se é não somente acolher, receber uma

²⁹⁴ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 397-398.

²⁹⁵ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 400-401.

imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa”²⁹⁶, desta maneira, ao lembrar de sua mãe, a autora não está apenas acessando memórias passivas, mas ativamente engajando-se em buscar e reconstruir essas lembranças. Isso implica que seu relato será inevitavelmente influenciado por esse processo ativo de memória, na qual suas próprias experiências e esforços de reconstrução irão moldar a narrativa.

A biografia também narra os últimos sete anos da vida de Jacinta, quando ela esteve internada em um sanatório em Aracaju, a Casa de Saúde Santa Maria. Além disso, dispõe de textos escritos durante os anos de internação, dentre eles poemas, peças para teatro e rádio, minicontos, roteiros para filmes, letras de canções. São textos inéditos, que Janaína conta que a decisão em publicá-los estava em apresentar “a maior prova da reserva de saúde mental de Jacinta”²⁹⁷, afirmando que “não contêm uma única frase sem sentido, nem sequer um trecho sem sequência, assim como qualquer demonstração de alheamento da autora em relação à realidade tangível do mundo”.²⁹⁸ Essa fala de Janaína é significativa pois é a prova de que o transtorno não desumaniza, quem tira a humanidade dos doentes mentais é a sociedade, ao retirar dele toda capacidade de gerência da sua vida.

“Ardil psiquiátrico” confirma a afirmativa da narradora quanto a lucidez da poeta, em um contexto em que a última coisa a se esperar de alguém na condição de Jacinta Passos era uma demonstração consciente da realidade que se encontrava:

O doente mental estava agitado e precisava ser internado com urgência, mas agredia. Então o psiquiatra se fez de doente e pediu ao doente que levasse sua mala até o hospício.
– Levo – respondeu o doente.
E foi levado.²⁹⁹

Este miniconto oferece uma crítica sobre a natureza da loucura, a percepção e o poder dentro do contexto de tratamento mental. A inversão de papéis desafia as expectativas e levanta questões importantes sobre como percebemos e tratamos a saúde mental.

Estudos de lógica:

O sanatório é Bahia ou Bahia é um sanatório?

A mulher está presa porque é comunista ou é comunista porque está presa?

²⁹⁶ RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, p. 71.

²⁹⁷ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 222.

²⁹⁸ *Ibid.*

²⁹⁹ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 233.

O homem tem família porque tem propriedade privada ou
tem propriedade privada porque tem família?

Este homem faz continência porque trabalha ou
trabalha para fazer continência?

Os trabalhadores da arte trabalham para fazer figuração ou
fazem figuração porque trabalham?

Eu faço arte porque sou artista ou
sou artista porque faço arte?³⁰⁰

Cada uma dessas frases aborda diversos dilemas, questionando as causas e efeitos em várias relações, tanto sociais, quanto culturais e individuais. Essas reflexões vindas de uma pessoa que está internada com diagnóstico de doença mental, pode refletir sua busca para entender a complexidade da sua própria experiência em um contexto de “prisão” e marginalização. Esse texto também reafirma uma consideração feita por Janaína sobre os escritos de sua mãe no sanatório, em que ela se impressiona como foi possível sua mãe “expressar tanto de si sem quase falar de si”.³⁰¹

É importante pensar que nesse contexto Jacinta não era só a paciente de um sanatório. Ela continuava sendo mulher, artista, comunista, mãe e todas as outras funções sociais que o diagnóstico da loucura e a forma como este é visto socialmente retira dela. Dispor de um diagnóstico de transtorno mental grave não retira o fato de que aquele indivíduo segue existindo, tendo sonhos, desejos e pensamentos próprios. Loucura e vida coexistem, mas para as pessoas ditas “normais”, pode se tornar difícil entender e validar a existência de realidades que não se podem ver ou tocar. Assim, não é porque não é real para a sociedade, que não existe. Na realidade, o conteúdo do delírio é tão real ao ponto de as pessoas paralisarem todo o existir de alguém por conta de um diagnóstico. Como se a vida anterior a ele acabasse, como se morresse tudo e sobrasse apenas o “louco”.³⁰²

Ao escrever essa biografia, Janaína Amado demonstra o desejo de contar a história da sua mãe, para que outras pessoas conheçam e saibam quem foi Jacinta Passos, tanto no âmbito acadêmico, quanto fora, na sociedade. Esse desejo fica evidente quando ela afirma que “este texto representa um ponto de partida, podendo e devendo ser contestado, reafirmado,

³⁰⁰ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 19.

³⁰¹ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 227.

³⁰² Analisar a esquizofrenia de Jacinta Passos não está nos objetivos desta pesquisa, entretanto, é importante compreender, minimamente, do assunto, pois esse diagnóstico fez parte da história da escritora e, possivelmente, foi um dos responsáveis pela forma como sua trajetória foi lembrada durante muitos anos. Para mais informações: Ileno Izídio da Costa. (Org.). **Sofrimento humano, crise psíquica e cuidado: dimensões do sofrimento e do cuidado humano na contemporaneidade**. 1ed. Brasília/DF: Editora Universidade de Brasília, 2014, v. 1

complementado, enriquecido”.³⁰³ É uma leitura leve, profunda, na qual é possível perceber as nuances de Jacinta, suas dores, seus amores, sua militância fervorosa. Mas também, é possível perceber as dores da própria autora, pois escrever a biografia da mãe é também uma forma da filha construir a própria identidade. Nesse sentido, a (auto)biografia de Jacinta Passos é tanto uma história da mãe quanto uma história da filha, refletindo a maneira como ela se vê e quer ser vista em relação à mãe.

³⁰³ AMADO, Janaína. *Op. Cit.*, p. 338.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Possivelmente, quando nós historiadores decidimos nosso objeto de pesquisa e delimitamos nosso problema, vários de nós já possuímos alguma noção sobre os possíveis resultados da pesquisa, pode ser uma manifestação do conhecimento e da experiência do historiador. Entretanto, essa prática pode fazer com que o historiador avance nesse projeto com algumas ideias pré-concebidas de como a pesquisa pode se desenrolar. Mesmo não sendo necessariamente negativo, pode limitar a capacidade de o historiador se surpreender com novas descobertas ou perspectivas inovadoras que surjam durante a pesquisa.

Portanto, embora o historiador possa ter uma ideia geral do destino de sua investigação, é fundamental permanecer aberto a novas interpretações e descobertas ao longo do caminho. O verdadeiro valor do trabalho do historiador reside não apenas na confirmação de expectativas prévias, mas na habilidade de explorar criticamente os aspectos selecionados para análise, revelando *insights* e conexões que talvez não fossem inicialmente óbvios.

Pensando nesta pesquisa, em que o objetivo foi traçar uma análise abrangente da vida e obra de Jacinta Passos, enquanto poeta, feminista e comunista. Ao examinar sua trajetória biográfica, seus escritos e seu engajamento político, especialmente a partir de 1940, pudemos compreender mais profundamente os espaços de sociabilidade, as redes intelectuais e sua representação político-partidária. Assim, esta dissertação foi uma tentativa de equilibrar as expectativas iniciais da pesquisa com as descobertas, leituras e interpretações das fontes, que nos levaram, muitas vezes, para novas conclusões a respeito da vida e obra desta figura tão notável que foi Jacinta Passos.

Ao longo dos três capítulos aqui apresentados, foram respondidas algumas questões propostas para que se tornasse possível compreender a trajetória de Jacinta Passos. Suas bases ideológicas foram influenciadas por uma combinação de marxismo, feminismo e um forte senso de justiça social. Sua filiação ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e sua atuação como militante revelam um compromisso profundo com as pautas das esquerdas, centradas na luta dos oprimidos contra as desigualdades sociais e econômicas. Além disso, sua formação literária, associada ao modernismo brasileiro, contribuiu para uma visão crítica e engajada da realidade do país e do mundo em que vivia. Essas bases ideológicas se manifestam em sua obra poética e jornalística. Sua poesia frequentemente aborda temas de injustiça social, exploração e resistência. Ela utilizava sua escrita como uma ferramenta de conscientização e transformação social. Seus textos refletem uma preocupação constante com os marginalizados e oprimidos, evidenciando uma voz poética comprometida com a mudança social.

Jacinta Passos enfrentou o desafio de ser mulher em um ambiente dominado por homens, tanto no PCB, quanto na cena literária. Ela se destacou por sua capacidade de articular as causas femininas dentro de uma agenda comunista, sem perder de vista as questões de classe, por vezes até sobrepondo-a. O locus social da poeta influenciou significativamente seu discurso, visto que, sendo uma mulher vinda de uma família abastada, que lhe deu acesso à educação e, conseqüentemente a leitura, posteriormente, essa prática lhe abriu as portas para o cenário intelectual e político. Sua posição social, como uma mulher poeta e militante, permitiu-lhe acessar e influenciar diferentes esferas do debate público.

Jacinta viveu intensamente diversos momentos políticos da história do Brasil e muitos deles ainda precisam ser contados, para que outras questões sobre ela comecem a surgir. A exemplo da vida da poeta em Sergipe, onde viveu desde 1962 e foi presa durante a Ditadura Militar. Como também os ditos surtos psicóticos e suas diversas internações, podem ter impactado no seu apagamento na atualidade. Ou como uma mulher tão importante para a história política da Bahia foi esquecida ou tão pouco reconhecida. Essas são algumas questões futuras que precisam ser respondidas para que se torne possível compreender como a sociedade trata as mulheres militantes, que quebraram paradigmas – como elas são lembradas ou esquecidas nos dias de hoje.

A importância da escritora Jacinta Passos e desta investigação está relacionada à emergência dos estudos na historiografia contemporânea que priorizam as experiências femininas em temporalidades específicas. Ainda que nas últimas décadas tenha aumentado o número de pesquisas ligadas ao feminino e às relações entre os gêneros, se torna imprescindível, cada vez mais, a escuta das mulheres falando sobre elas próprias e de outras mulheres. Sejam mulheres pertencentes às elites ou mulheres trabalhadoras e proletárias. Sejam mulheres brancas, negras ou indígenas. Mulheres artistas, profissionais ou donas de casa. Há uma necessidade imperiosa de viabilizá-las com todas as suas matizes e diferenças, a saber: classe, raça/etnia, geração, gênero, sexualidade, religião e/ou outros demarcadores sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A – FONTES

- **Jornais**

AS MULHERES baianas e a guerra. O Imparcial, Salvador, 26 fev. 1943.

AS MULHERES baianas e a guerra: fala a advogada Alda Amorim. O Imparcial, Salvador, 05. mar. 1943.

AS MULHERES baianas e a guerra: fala a professora Ligia Lemos. O Imparcial, Salvador, 26 mar. 1943.

CONDIÇÕES favoráveis para a mobilização das mulheres. A Voz Operária, Rio de Janeiro, 30 nov. 1946.

CONVENÇÕES contra a carestia. O Momento Feminino, Rio de Janeiro, 18 mai, 1950.

MOCHEL, Arcelina. Nossos Problemas. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 25 jul. 1947

MOMENTO feminino. Momento Feminino, Rio de Janeiro, 01 ago. 1947.

MONTENEGRO, Ana. As Teses Esqueceram o Trabalho entre as Mulheres. Novos Rumos. Rio de Janeiro. nº 75. agosto de 1960.

OBREIRAS da vitória. O Imparcial, Salvador, 19 mar. 1943.

O TRABALHO das mulheres na retaguarda nacional. O Imparcial, Salvador, 26 fev. 1943.

PALESTRA radiofônica de Jacinta Passos na semana de propaganda da Legião Brasileira de Assistência. O Imparcial. Salvador. 26 mar. 1943.

PASSOS, Jacinta. A quinta-coluna e a Legião Brasileira de Assistência. O Imparcial. Salvador. 20 jan. 1943.

_____. Fascismo desesperado. O Imparcial. Salvador. 10 ago. 1943.

_____. Sugestões para um programa. O Imparcial. Salvador. 9 out. 1942.

_____. Mensagem aos povos da Europa. O Imparcial. Salvador. 13 jul. 1943.

_____. Mensagem das mulheres brasileiras. O Imparcial. Salvador. 19 out. 1943.

PRESTES, Luis Carlos. Discurso do dia 23 de maio de 1945. Tribuna Popular. Rio de Janeiro. 1 jun. 1945.

SÓ unidas as mulheres resolverão seus problemas. O Momento, Salvador, 10 abr. 1945, p 3 e 6.

SUGESTÕES para o tratamento das unhas. O Imparcial. Salvador. 26 mar. 1943.

SPINOLA, Lafaiete. Um livro e dois poetas. O Imparcial. Salvador. 24 out. 1942.

• Poemas

Poemas disponíveis em: AMADO, Janaína (Org.). Jacinta Passos, coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica. Salvador: EDUFBA/Corrupio, 2010.

PASSOS, Jacinta. A guerra. *In*: PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. Nossos Poemas. Salvador: Bahiana, 1942.

_____. Cântico de exílio. *In*: PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. Nossos Poemas. Salvador: Bahiana, 1942.

_____. Contrição. *In*: PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. Nossos Poemas. Salvador: Bahiana, 1942.

_____. Nós, os cristãos. *In*: PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. Nossos Poemas. Salvador: Bahiana, 1942.

PASSOS, Jacinta. Canção da Liberdade. *In*: PASSOS, Jacinta. Canção da Partida. São Paulo: Edições Gaveta, 1945.

_____. Canção da Partida. *In*: PASSOS, Jacinta. Canção da Partida. São Paulo: Edições Gaveta, 1945.

_____. Chiquinha. *In*: PASSOS, Jacinta. Canção da Partida. São Paulo: Edições Gaveta, 1945.

_____. Pânico no planeta Marte. *In*: PASSOS, Jacinta. Canção da Partida. São Paulo: Edições Gaveta, 1945.

• Revistas

GORENDER, Jacob. Entrevista especial do general Manoel Rabelo. Seiva. Salvador. nº. 18. julho de 1943. p. 5-7.

Nossos poemas. Seiva, Salvador, vol III, p.45, 10 de out. de 1942.

PASSOS, Jacinta. Mensagem às crianças do mundo. Seiva. Salvador. nº. 15. dezembro de 1942.

_____. O sentido atual da literatura. Seiva. Salvador. nº. 13. agosto de 1942.

_____. Sangue Negro. Seiva. Salvador. nº. 18. dezembro de 1942.

• Sites

BERTOLINO, Osvaldo. O assassinato de Zélia Magalhães e a indignação de Pedro Pomar. Disponível em: <https://grabois.org.br/2013/09/22/o-assassinato-de-zlia-magalhes-e-a-indignao-de-pedro-pomar-2/>. Acesso em: 08 de mai. de 2024.

BUONICORE, Augusto; GARCIA, Fernando. **As mulheres e os noventa anos de comunismo no Brasil**. Memória Sindical, 07 de jun. 2012. Disponível em: <https://memoriasindical.com.br/formacao-e-debate/as-mulheres-e-os-noventa-anos-do-comunismo-no-brasil/>. Acesso em: 25 de abr. de 2024.

EDISANDRO BARBOSA BINGRE. Almanaque Cruzalmense, 2015. Cruz das Almas: a origem. Disponível em: <https://almanaquecruzalmense.wordpress.com/2015/09/07/cruz-das-almas-sua-origem/>. Acesso em: 02 de dez. de 2020

FILHOS ILUSTRES DA BAHIA. Ilustres da Bahia Carlos Chiacchio. 22 de fev. 2014. Disponível em: http://ilustresdabahia.blogspot.com/2014/02/162-carlos-chiacchio_22.html. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

FILHOS ILUSTRES DA BAHIA. Ilustres da Bahia Wilson Lins. 14 de jan. 2013. Disponível em: <https://ilustresdabahia.blogspot.com/2013/01/wilson-lins.html>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Biografia. Disponível em: <https://www.jorgeamado.org.br/sobre/>. Acesso em: 12 de nov. de 2023

GUEDES, Armênio. Entrevista concedida a Terra Magazine. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/entre-aspas/terra-magazine-38298/>. Acesso em: 15 de mai. de 2021.

HERMES PEIXOTO. Recanto das Letras, 2012. Estórias do Cruzeiro das Almas – Livro 1. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cordel/3841776>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

MORAES, Dênis de. Graciliano, literatura e resistência. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2012/11/28/graciliano-literatura-e-resistencia/>. Acesso em: 16 de mai. de 2024.

OLIVER, Camila. À memória de João Falcão. O Momento. 11 de jan. de 2021. Disponível em: <https://omomento.org/a-memoria-de-joao-falcao/>. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

ORIGEM DA CIDADE E EMANCIPAÇÃO POLÍTICA. Memorial de Cruz das Almas [s.d.] Disponível em: <https://memorialdecruzasalmas.com.br/memorial/portfolio/origem/>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

PINHEIRO, Milton. Quem foi Ana Montenegro?. Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro, 2018. Disponível em: <https://anamontenegro.org/cfcam/2018/04/13/quem-foi-ana-montenegro/>. Acesso em: 30 de abr. de 2024.

PRESTES, Lygia. Leocádia Prestes: Mãe Coragem! 2008. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/1261>. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

- **Obras literárias diversas**

GATTAI, Zélia. Um chapéu para viagem. Editora Companhia das Letras, 2010.

PASSOS, Jacinta; CAETANO FILHO, Manoel. Nossos poemas. Salvador: Ed. Bahiana, 1942.

PASSOS, Jacinta. Canção da partida. São Paulo: Edições Gaveta, 1945.

PASSOS, Jacinta. Poemas políticos. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

PASSOS, Jacinta. A Coluna. Rio de Janeiro: A Coelho Branco, 1957.

- **Memórias**

AMADO, Janaina. Jacinta Passos, coração militante: obra completa: poesia e prosa, biografia, fortuna crítica. SciELO-EDUFBA, 2010.

SANTANA, Alino Matta. Livro do Centenário – Marcos e progresso de Cruz das Almas, Cruz das Almas, 1997.

- **Legislação**

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Rio de Janeiro, RJ: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1827.

BRASIL. [Constituição de (1934)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, [2023]. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em: 03. jun. 2024.

B – BIBLIOGRAFIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.

ALVES, Iracélli da Cruz. **A Política no Feminino**: Uma História das Mulheres no Partido Comunista Brasileiro – Seção Bahia (1942-1949). 2015. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

BARREIROS, Márcia da Silva. **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

BARBOSA, Michele Tupich. **Legião Brasileira de Assistência (LBA): O protagonismo feminino nas políticas de assistência em tempos de guerra (1942-1946)**. 2017. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

BATISTA, Eliana Evangelista. Das armas às urnas: a participação dos coronéis da Bahia na revolução de 1930. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 71, pp. 624-643.

BERNARDES, Maria Elena. **Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política**. Campinas: CMU, 2007.

BIROLI, Flávia. **Divisão sexual do trabalho e democracia**. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-754, 2016.

BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. **A feminização linguístico-discursiva no jornal A Classe Operária (1925-1930): política linguística em perspectiva dialógica**. 2022. Tese (Doutorado em Letras) Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

_____. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. (org.) **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BUITONI, Dulcília. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

CARDOSO, Alexsandra Costa. **Ansiedades de autoria feminina em Ana Cristina Cesar e Luiza Neto Jorge**. 2022. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2022.

CARDOSO, Célia Costa & PAMPANI, Alice de Andrade. “ Jacinta Passos e Robério Garcia: entre a loucura, a resistência e o ativismo político em Sergipe (1947-1973)”. In: CANÓN, Lisandro & Silva, Jussaramar da (Compiladores). **Violência Institucional, Terrorismo de Estado e Direitos Humanos**. 1ªed., Ciudad de Córdoba, Lago Editora, 2023, p. 145-185. ISBN: 978-987-8976-41-9. (Impresso e digital. Livro digital: Amperios ideas).

CARMO, Sura Souza. **O coronel Temístocles da Rocha Passos e o fim da escravidão na Freguesia de Nossa Senhora da Cruz das Almas-BA**. IX Encontro Estadual de História. Santo Antônio de Jesus, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, v.17, n.49. 2003.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

COSTA, Isadora de Mélo. **Sincronias impressas entre o Rio de Janeiro e Porto: Um estudo comparado sobre as representações das mulheres no Jornal das Senhoras (Rio de Janeiro; 1852-1855) e a A Esperança (Porto; 1865-1866)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História).

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massagana, 2010.

DUBY, Georges; PERROT, Michele. **História das mulheres no Ocidente**. O século XIX. Porto: Ed. Afrontamento/São Paulo: EBRADIL, 1994.

ENGELS, Friedrich. **Origem da família, da Propriedade Privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

FERREIRA, Daniela de Jesus. **Tempos de lutas e esperanças**: a materialização da revista Seiva (1938-1943). 2012. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. **O integralismo na imprensa da Bahia**: o caso de O Imparcial. Revista de História Regional, v. 11, n. 1, 2006.

FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito**: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: Mauad/EdUFF, 2002.

FLÔRES, Fernanda Lédo. **Na mira da repressão**: militância política e escrita jornalística em Ana Montenegro (1947-1983). 2017. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2005.
_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GONÇALVES, Marcos. **Caridade, abre as asas sobre nós**: política de subvenções do governo Vargas entre 1931 e 1937. Revista Varia historia, v. 27, n. 45, p. 317-336, 2011.

HAHNER, June. **A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas**: 1850-1937. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do Discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007.

KONDER, Leandro. **A democracia e os comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

LENIN. V. I. **Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel**: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920). Quarteto Editora, 2005.

LIMA, Aruã Silva. **Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927–1946)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2010.

LIMA, Felipe Victor. **O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LÔBO, Daniella Ataíde. **Militância feminina no PCB: memória, história e historiografia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

LUKÁCS, Georg. **Existencialismo ou Marxismo?** São Paulo. Editora Senzala, 1948.

MACHADO, Dalila. **A história esquecida de Jacinta Passos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, 2000.

MARINHO, Simone Ramos. **A imprensa e a norma para o bello sexo: o periodismo feminino na Bahia (1860-1917)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes; MELO, Hildete Pereira de. **Os direitos civis das mulheres casadas no Brasil entre 1916 e 1962: ou como são feitas as leis**. Revista Estudos Feministas, v. 16, n. 2, p. 475, 2008.

MONTENEGRO, Ana. **Mulheres, participação nas lutas populares**. Salvador: M&S, 1985.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

OLIVEIRA, Flávia Barreto de. **Desafios metodológicos para a (auto) biografia de família**. Intellèctus, v. 16, n. 2, p. 85-108, 2017.

OLIVEIRA, Santos Rosângela. **Jacinta Passos, loucura ou marginalização?**. III EBECULT Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 2012. Salvador.

ORLANDI, E. P. Exterioridade e ideologia. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 30, 2011.

PAMPANI, A. **A História aos Passos de Jacinta: vida e militância da poeta cruzalense (1937-1945)**. In: SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, XV., 2021, On-line. Anais da XV Semana de História Política. Rio de Janeiro: UERJ, 2021. 1727-1742.

_____. **Feminismo e Política: O PCB e suas relações de poder**. In: PROHIS: 10 anos fazendo história. Aracaju, 2022.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **Minha história das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PASSOS, Elizete Silva. **Amélia Rodrigues (1891-1926)**. Salvador: EDUFBA, 2005.

PINHO, Adeíto. **Uma história da literatura de jornal: O Imparcial da Bahia**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PRESTES, Anita Leocádia. **Olga Benário Prestes: uma comunista nos arquivos da Gestapo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. **Tempos Vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934-1937)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2006.

QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra (1939-1945)**. São Paulo: Laurousse do Brasil, 2009.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

_____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Poder e representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930- 1937**. Salvador: Assembléia Legislativa, 1992.

SANTOS, Rosana Cássia dos. Clarice Lispector e a autoria feminina: tensões literárias. **Revista da Anpoll**, v. 51, p. 16-25, 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012,

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova história das mulheres no Brasil**. Editora Contexto, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im) possível-1936-1948**. São Paulo: Annablume, 2009.

SOARES, Paula Elise Ferreira. **A questão feminina no PCB (1925-1956):** as mulheres na cultura política comunista. 2021. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOIHET, Rachel. **Do comunismo ao feminismo:** a trajetória de Zuleika Alambert. Cadernos Pagu, p. 169-195, 2013.

_____. **Encontros e desencontros no centro da mulher brasileira (CMB) anos 1970-1980.** Niterói, v. 7, n. 2, p. 237-254, 2007.

_____. **Feminismos e antifeminismos:** mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

SPINDEL, Arnaldo. **O Partido Comunista na gênese do populismo:** análise da conjuntura da redemocratização no pós-guerra. São Paulo: Edições Símbolo, 1980.

SILVA, Ana Acácia Ribeiro. **Formação territorial de Cachoeira e São Félix-BA:** A geomorfologia como processo condicionante. Anais do V Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia, Ilhéus, 2016.

SILVA, Beatriz Azevedo da. **Jacinta, Passos de uma escritora à margem.** 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018

SILVA, Raquel de Oliveira. **O PCB e Comitês Populares Democráticos em Salvador (1945-1947).** 2012. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SNARD, Dom Clemente José Carlos. **A recepção da Sacrosanctum Concilium no Brasil e o papel da CNBB.** Revista de Cultura Teológica, n. 44, 2003.

SIQUEIRA, Tatiana Lima de. **Impressões Feministas:** discursos sobre o feminismo no Diário da Bahia (1931-1937). 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

STARLING, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das, 2015.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

VAZQUEZ, Petilda Serva. **Intervalo democrático e sindicalismo–Bahia 1942-1947.** 1986. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1986.

VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e Sindicato no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VIEIRA, Ana Paula Leite. **O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945).** 2019. Tese (Doutorado em História) Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VIEIRA, Nancy. **A bela esquecida das letras baianas:** estudo da produção intelectual de Anna Ribeiro. Salvador, Dissertação (Mestrado em Literatura) Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, 1998.